



EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

REFLEXOENS
S O B R E
A V A I D A D E
D O S H O M E N S
O U
DISCURSOS MORAES

Sobre os effeitos da Vaidade,
POR MATHIAS AIRES RAMOS
DA SILVA DE EÇA.

Terceira Edição, correcta, emendada, e augmentada com huma Carta sobre a Fortuna, composta pelo mesmo Author.

Deppdo. Bona no. Ho. G. 1807



L I S B O A,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA:

M D C C L X X V I I I .

Com licença da Real Meza Censoria.

DISCURSO DO EDITOR

Sobre a utilidade desta obra.

A Mais funesta paixão da nossa alma, que ataca, e perturba a cabeça do homem, offusca o ieo entendimento, inflamma o sangue, e faz com que o homem se esqueça do vil e desprezível nada de que foi formado., se não conhece, não conheça aos seus iguaes, arrebatá-o, e o precipita em maiores desatinos, he a desagradavel, medonha, in-

quieta, e peccaminosa vaidade. O homem possuido de vaidade, nenhuma outra cousa faz do que ensoberbecer-se, e levar-se ao cume da mais desenfreada altivez e presumpção. Ambiciona tudo quanto vê nos mais. Julga-se superior aos outros. A todos despreza, mófa de todos. Não ha defeitos por leves que fejaõ, que os não pinte, e adereffe com as mais terribes, e espantosas cores de maldade. A mesma virtude, a Nobreza, e a sciencia que vê resplandecer nos outros, são para elle ridicularias, nada, de que não faz caso. Só elle
tu-

tudo póde , só elle apetece tudo. Tristes mortaes , que estrago não fazem vós esta mortifera e contaminada elevação ! Ainda haverá quem se fie de tão contagiosa paixão ? Ainda haverá quem siga os seus enganosos , e desaffoçados encantos ? E não há quem te conheça , quem abata a vossa soberba , quem apague o voraz , e ateado fogo das perversas desordens a que arrojais o vaidoso ?

Todos os dias , a toda a hora , sempre achão os homens fortissimos exemplos do desaffocego , da inquietação , e tristes , e melancolicas confes-

sequencias que accompanhaõ
ao vaidoso. Na verdade se os
homens pensassem que os ta-
lentos , que as brilhantes qua-
lidades com que a natureza
prodigamente ornou o seo es-
pirito , a todos ou mais , ou
menos foraõ concedidos ; que
estes a proporçaõ dos traba-
lhos , dos frequentes exerci-
cios , das avezadas applica-
çoens , do methodo , do gos-
to , do conhecimento proprio,
e do amor dos Principes se
pulem , se aperfeiçoã , se au-
gmentaõ : estou certo que a
ninguem assomaria a cabeça a
opiniaõ , ou o conceito de
que elle era o melhor de to-
dos.

dos. Todos se despreoccupa-
riaõ da vaidade.

Releva para que o ho-
mem evite este taõ terrivel
defeito , que faça huma séria
e filosofica reflexaõ sobre as
coufas deste mundo ; as co-
nheça como ellas faõ em si,
mófe dos feos ardilosos e san-
tafticos appetites , tema os feos
encantes. Porém debalde tra-
balharia o homem em querer
arrancar de si hum habito que
a má educacaõ tem encaneci-
do. Da educaçaõ nascem to-
das as boas ou más manhas.
Esta só he capaz de poder
criar em nós hum sólido e
permanente gosto , hum ver-
da-

dadeiro conhecimento proprio. Que extravagantes, e monftruofas ideas não carregão a cabeça daquelle que a nobreza tem diftinção do commum dos homens. Este devendo educar feus filhos, mostrando-lhes que a natureza he a mefma, que os homens são iguaes, que a eftimação he que faz com que elles eftejaõ em maior, ou menor grão; que as fuas boas, ou más acçoens, a fuã virtude, a generofidade, a humanidade, hum fallar benigno e affavel, são os unicos caracteres que os podem affaftar do vulgar, e elevellos ao cume da mais
fo-

solida grandeza ; pelo contrario o que lhes introduz , são quimericas , e imaginaveis memorias de antigos Solares , presumpção, soberba , orgulho ; defenterra carunchosos papeis , onde lhes mostra pintados os feitos dos antigos progenitores de que procedem , não como acçoens uteis , e proveitosas á humanidade ; porém como grandes e differentes das dos mais homens. Estas , são estas reflexoens que o nutrem. Olha com desprezo para aquelle que começou depois. Finalmente a maior parte dos homens se endeodezaõ com as honras , e com as dignidades e
com

com os mesmos talentos ; e estes em lugar de os tornarem melhores , os habituaõ peiores. Que triste e feio espectáculo ! Quaõ miseravel he a condiçaõ dos homens ! Até quando se haõ de conhecer !

Naõ se póde dizer delles o que Plinio louvou em Trajão , que *a fortuna nada havia mudado nelle.* Quaõ admiravel sentença nos não dá aquelle famoso Principe da Lacedemonia ; quando disse : *Que o elevado lugar em que estava o não honrava , mas elle ao lugar.* Estas são as verdadeiras idéas que devem occupar o entendimento dos homens ;
afaf-

afastarem de si estas fantasmas que tanto os oprimem. Nas feras fô a grandeza, a força, a valentia tem lugar. Nos homens a humanidade e amor dos feos iguaes. Naõ fô a Relegião pede isto, a politica tambem o pede.

Maxima certa; nenhuma cousa neste mundo de si he fólida e permanente. Nenhuma cousa principiou no gráo em que hoje a vemos: aquelle accessõ, aquella estimação que os homens lhes daõ; eis-aqui o que humilha, ou abate. Tudo o mais he quiméra. Saõ estas pequenas exhalaçoes que da terra se levantaõ,

taõ , que veñdo-se , amedren-
taõ , e affustaõ , examinadas
naõ he nada ; subtís e humil-
des vapõres faõ os feos prin-
cipios.

Mas hum abyfmo chama
por outro abyfmo. Se se repro-
va hum vicio , outro surge. De
boa vontade antes se soffreria
aquelle que firma a sua vaidade
em algum principio , ain-
da que pouco sólido , ao me-
nos aparente ; porém aquelle
que só em fantasia sustenta to-
da a sua elevaçãõ , he digno
de censura , hê indigno da socie-
dade dos homens. Todos os
membros da sociedade devem
concorrer a unirem-se ; a ani-
ma-

marem-se , e a formarem-se
uteis para que tudo lhes seja
proveitoso. E como poderá
ser util á sociedade , aquelle
homem que presumido de fa-
bio , nada lhe faz que lhe con-
venha , mófa dos seus iguaes,
com huns poucos de titulos
de livros engastados na cabe-
ça , repitindo algumas passa-
gens que á noite estudou , fal-
lando muito latim , ferindo
com agudo e damnado dente
no mais vivo da honra dos
outros , tudo satyriza , as mais
interessantes doutrinas mascara
com o ridiculo véo de pouco
sólidas e verdadeiras ; e quan-
do se vê corrido e envergo-
nha-

nhado de ficar vencido, blasfema taxando a quem o ataca com a infame nota de hereje. Querendo muitas vezes ficar antes atolado em ridiculas superstiçoens, do que em aclarar a verdade. Tanto mal faz a vaidade!

Outros cheios de vaidade de que já sabem tudo, antes querem ficar na cegueira com que principiaraõ, do que se lhes diga; *que vieraõ outros depois que emendaraõ os seus erros, que conbeceraõ os caminhos trilhados por tantos Mestres insignes, e que por elles foraõ despresados, e que em lugar de buscar a estrada*
lim-

limpa , e segura , procurarão
 serras talhadas a pique , e de-
 penduradas , onde em lugar de
 encontrar o que lhes convinha ,
 acharão confusão , precipicio , e
 a mesma morte. Nada escapa
 ao vaidoso. Nos mesmos lu-
 gares sagrados , onde se deve
 ensinar a moral sólida e ver-
 dadeira ; onde se não deve pu-
 blicar mais do que a Reli-
 gião ; o vaidoso ostenta tudo
 quanto sabe , passa á fallar de-
 senfreadamente , muitas vezes
 ainda sobre interesses particu-
 lares , authoridades , jurisdic-
 ções , governos , escolas ,
 sistemas , pessoas ; finalmente
 fazem da cadeira da verdade
 hum

hum campo de peleja , huma praça de negocio , erro que os Monarcas como summos Imperantes , cuja authoridade lhes proveio immediatamente de Deos , e nos seos Estados não conhecem outro algum superior , sennaõ a Deos ; como Protectores da Igreja , e Defensores dos Canones devem atalhar , e emendar. E para que he esta desordem ? Porque causa se intrincheiraõ com este armamento ? Para terem o nome vaõ de Sabios , de Virtuozos , de Religiofos. Para illudirem ao povo desapercibido com estas fantasmas. Taõ orgulhosa he a vaidade !

Eſ-

Este terrivel contagio a todos inficiona. Não ha sexo, não ha condiçãõ, não ha idade, não ha dignidade, a quem não tóque este pestifero veneno. Mas que felices, e bem aventurados são aquelles que sahem sãos, e salvos de tão tormentoso naufragio. Que socego? Que quietação não experimentaõ? Só fallaõ para educarem. Escrevem só para utilidade. A pura e liza verdade he o unico alvo a que dirigem todos os seus cuidados e disvéllos.

Mas este tão encanecido e tamanho mal, que traz a sua origem da educaçãõ, não

**

he

he incuravel. No principio todos os males se atalhão , e a mesma morte se desterra; porém se se deixaõ inveterar e introduzir nos corpos , nem o mesmo fogo e ferro (que ás vezes he remedio) lhes ferve , o fim só he a morte. Os pequenos castigos dados nos principios fazem com que os réos mudem de vida , porém se os Magistrados não olhaõ para elles , e os deixaõ correr seu curso , ao depois só a força expia estas culpas , privaõ-se homens do serviço da Republica , que lhe poderiaõ ser uteis. Assim no principio se remedeiaõ todos os males , e
se

se pódem de males tornar em bens. E como este vicio a todos accompanha , he precizo que haja remedio que todos os dias possaõ tomar e considerar.

Sabiamente , Mathias Aires Ramos da Silva de Eça , Author destas reflexoens , ras compuz , ohde intentou arrancar vicios arreigados com annos , confirmados com posse , effeitos quasi naturaes como costume. Nesta obra tudo concorre a aperfeçoar , e a pulir os homens ; nella acharão todos hum fal que os preserva da corrupçaõ do mundo ; hum antidoto contra o vene-

no da vaidade. A importancia da obra não a devo louvar, para que se não presume que a elogio para ter gasto; quem lêr com sério cuidado, achará que foi bem justa e necessaria a idéa que tive de a reimprimir, tiralla do escuro esquecimento em que jazia, e de quanta utilidade he para os homens. Mal continuado, necessita continuado remedio.

Os Pais de Familias devem pensar sériamente nestas reflexoens para evitarem os defeitos que ellas censuraõ, e para introduzirem estas maximas em seos filhos, para que juntamente com o leite bebaõ
taõ

taõ solidas doutrinas. O nome do Author he affaz conhecido na Republica das letras. Esta não he das mais famofas obras que elle compuz , noticia temos de outras , cuja falta nos faz faudade ; porém o tempo que tudo efraga , ou as confumio , ou quem as tem, nos quer roubar estes taõ importantes monumentos , e juntamente quer tirar a gloria ao Author que se adora pelo grande nome que teve e tem. Não querendo pois que a esta succedeffe o mefmo, a quiz publicar. Creio que a fua liçaõ ferá agradavel , e aceita pela fraze , pela modestia , pela verdade e fciencia

cia

cia com que está escrita ; servirá de utilidade aos homens, os defabuzará , e emendará os costumes ; fará abraçar a verdade , e criará nos seus animos hum aborricimento ao mundo , aos seus appetites.

Estas são aquellas obras que devem andar nas mãos de todos ; porque nestas achão com que se aperfeiçoem ; não introduzem idéas extravagantes, nem quimericas ; não fomentão superstições , e fantasmas. Hum Sabio Governo (como o nosso) deve ter summo cuidado em que ainda o mesmo povo lêia por livros em que os homens se pulem , não por aquel-

aquelles que lhes embotem os sentidos, que lhes enchaõ a cabeça de immensas Superstições, de doutrinas subtis, corruptas, e extravagantes; nas quaes a verdade está mascarada, envolta em superfluidade, e enovelada com tantas difficuldades e systemas, que passaõ até fazer a nossa Religiaõ pezada e insupportavel; quando ella he bem suave, e brilhante, como diz sabiamente Cicero que *convem ao Sabio afastar a superstição da Religiaõ.*

Todo aquelle livro que trata de Religiaõ, e estiver afastado da verdade, da moral, e do sólido, e que não siga a primitiva Igreja, a Tradição, os Padres, a

Ef-

Escritura, e os verdadeiros Canones dos Concilios, e sómente estiver recheado de opinioens aérias, subtilezas, subterfugios, deve ser condemnado a hum total desterro, e esquecimento. Nos outros deve-se buscar a verdade, a origem das cousas, a critica, finalmente de qualquer qualidade que sejaõ, devem ter por baliza a verdade. O corpo dos Sabios da Republica não devem soffrer assumtos que não sejaõ proveitosos. Este he o desejo que tenho com as minhas reimpressoens, não he a vaidade, ou a ambição que me conduz, he o amor de ser util aos Portuguezes, de quem estou quasi compatriota.

PRO-

PROLOGO

DO AUTHOR.

EU que disse mal das vaidades, vim a cair na de ser Author: verdade he que a maior parte destas Reflexoens escrevi sem ter o pensamento naquella vaidade; houve quem a suscitou, mas confesso que consenti sem repugnancia, e depois quando quiz retroceder, não era tempo, nem pude conseguir o ser Anonimo! Foi preciso pôr o meu nome neste livro, e assim fiquei sem poder negar a minha vaidade. A confis-

fiffaõ da culpa costuma fazer menor a pena.

Naõ he só nesta parte em que fou reprehensivel: he pequeno este volume, mas póde servir de campo largo a huma censura dilatada. Huns haõ de dizer que o estilo oratorio, e cheio de figuras, era improprio na materia; outros haõ de achar que as descripçoens, com que ás vezes me afasto do sujeito, eraõ naturaes em verso; e haõ em prosa; outros diraõ que os conceitos naõ saõ justos, e que alguns já foraõ ditos; finalmente outros haõ de reparar que affectei nas expressoens alguns termos desusados, e estrangeiros. Bem sei que contra o que eu

eu disse , ha muito que dizer ;
mas he taõ natural nos homens
a defeza , que naõ posso passar
sem advertir , que se os concei-
tos neste livro naõ saõ justos, he
porque em certo genero de dis-
cursos , estes naõ se devem to-
mar rigorosamente pelo que as
palavras soaõ , nem em toda a
extensaõ , ou significaçã del-
las. Se os mesmos conceitos se
achaõ ditos , que haverá que
nunca o fosse ? E além disto os
primeiros principios , ou as pri-
meiras verdades , saõ de todos ,
nem pertencem mais a quem as
disse antes , do que á aquelles
que as disseraõ depois. Se o es-
tilo he improprio , tambem pó-
de ponderar-se que no modo de
es-

escrever ; ás vezes se encontraõ humas taes imperfeiçãoens , que tem não sei que gala , e brio : a observancia das regras nem sempre he prova da bondade do livro ; muitos escreveraõ exactamente , e segundo os preceitos da arte , mas nem por isso o que differeaõ foi mais seguido , ou approvedo : a arte leva consigo huma especie de rudeza , a formosura attrahe só por si , e não pela sua regularidade , desta sabe afastar-se a natureza , e entaõ he que se esforça , e produz cousas admiraveis ; do fugir das proporçãoens , e das medidas , resulta muitas vezes huma fantasia tosca , e impolida , mas brilhante , e forte. Nada disto pre-
su-

fumo se ache aqui; o que disse, foi para mostrar, que ainda em hum estilo improprio se póde achar alguma propriedade feliz, e agradável.

Escrevi das vaidades, mais para instrucção minha, que para doutrina dos outros, mais para distinguir as minhas paixões, que para que os outros distinguão as suas; por isso quiz de alguma fórte pintar as vaidades com cores lifonjeiras, e que as fizessem menos horriveis, e fombrias, e por consequencia menos fugitivas da minha lembrança, e do meu conhecimento. Mas se ainda assim fiz mal em formar das minhas Reflexões hum livro, já me não pos-

posso emendar por esta vez, senão com prometter, que não hei de fazer outro; e esta promessa entro a cumprir já, porque em virtude della ficaõ desde logo supprimidas as traducçoens de Quinto Curcio, e de Lucano. As acçoens de Alexandre, e Cesar, que estavaõ brevemente para sahir á luz no idioma Portuguez, ficaõ reservadas para serem obras posthumas, e talvez que entãõ sejaõ bem aceitas, porque os erros facilmente se desculpaõ em favor de hum morto: se bem que pouco vale hum livro; quando para merecer algum suffragio, necessita que primeiro morra o seu Author; e com effeito he

cer-

certo que entaõ o applauso naõ
 procede de justiça, mas vem
 por compaixaõ, e lastima.

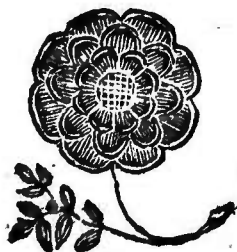
Naõ me obrigo porẽm a que
 (vivendo quasi retirado) deixe
 de occupar o tempo em escre-
 ver em outra lingua; e ainda
 que a vulgar he hum thesouro,
 que contẽm riqueza immensa
 para quem se soubesse servir
 della, com tudo naõ sei que fa-
 talidades me tem feito olhar
 com susto, e deiagrado para tu-
 do quanto nasceo comigo: alẽm
 disto, as letras parece que tem
 mais fortuna, quando estaõ se-
 paradas do lugar em que nasce-
 raõ; a mudança da linguagem
 he como huma arvore que se
 transplanta, naõ só para fruc-
 ti-

xxxii

tificar melhor, mas tambem
para ter abrigo.

Vale.

*Vanitas vanitatum, & omnia va-
nitas. Eccl. cap. I. vers. 2.*



RE-



REFLEXOENS
 SOBRE A VAIDADE
 dos homens.



ENDO o termo da vida limitado, não tem limite a nossa vaidade; porque dura mais, do que nós mesmos, e se introduz nos apparatus ultimos da morte. Que maior prova, do que a fabrica de hum elevado mausoleo? No silencio de huma urna depositaõ os homens as suas memorias, para com a fé dos marmores fazerem seus nomes immortaes: querem que a sumptuosidade do tumulo sirva de inspirar veneraçã, como se fossem reliquias as suas cinzas, e que corra por conta dos jaspes a continuaçã do respeito.

A

Que

Que frivolo cuidado ! Esse triste resto daquillo , que foi homem , ja parece hum idolo collocado em hum breve , mas soberbo domicilio , que a vaidade edificou para habitaçãõ de huma cinza fria , e desta declara a inscripçãõ o nome , e a grandeza. A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.

Vivemos com vaidade , e com vaidade morremos ; arrancando os ultimos suspiros , estamos dispondo a nossa pompa funebre , como se em hora tão fatal o morrer não bastasse para occupaçãõ : nessa hora , em que estamos para deixar o mundo , ou em que o mundo está para nos deixar , entramos a compor e a ordenar o nosso acompanhamento , e assistencia funeral ; e com vangloria anticipada nos pomos a antever aquella cerimonia , a que chamaõ as Naçoens ultimas honras , devendo antes chamallas vaidades ultimas. Queremos , que em cada hum de nós se entregue á terra com solemnidade , e fausto , outra infeliz porçãõ de
ter-

Sobre a vaidade dos homens. 3.

terra: tributo inexoravel! A vaidade no meio da agonia nos faz laborear a ostentação de hum luxo, que nos he posterior, e nos faz sensiveis as atencões, que haõ de dirigir-se á nossa intensibilidade. Transportamos para o tempo da vida aquella vaidade, de que naõ podemos ser capazes depois da morte: nisto he piedosa comnotico a vaidade: porque em instantes cheios de dor e de amargura, naõ nos desempara; antes nas disposições de huma pompa funebre, dá ao nosso cuidado huma applicação, ainda que triste, e faz com que divertido, e empregado o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa mesma morte, e luzida a nossa mesma sombra.

De todas as paixoens, a que mais se esconde, he a vaidade; e se esconde de tal sorte, que a si mesma se occulta, e ignora: ainda as acçoens mais pias nascem muitas vezes de huma vaidade mistica, que quem a tem, naõ a conhece, nem distingue: a satisfação propria, que a alma recebe, he como hum espelho

em que nos vemos superiores aos mais homens pelo bem que obra-
mos, e nisso consiste a vaidade de
obrar bem.

Naõ ha maior injuria, que o des-
prezo; e he porque o desprezo to-
do se dirige, e offende a vaidade:
por isso a perda da honra afflige
mais que a da fortuna; naõ porque
esta deixe de ter hum objecto mais
certo, e mais visível, mas porque
aquella toda se compoem de vaidade,
que he em nós a parte mais
sensível. Poucas vezes se expoem a
honra por amor da vida, e quasi
sempre se sacrifica a vida por amor
da honra. Com a honra, que adquire,
se consola o que perde a vida;
porém o que perde a honra, naõ
lhe serve de alivio a vida, que con-
serva: como se os homens mais nas-
cessem para terem honra, que para
terem vida ou fossem formados me-
nos para existirem no ser, que para
durarem na vaidade. Justo fora, que
amassassem com excesso a honra, se
esta naõ fosse quasi sempre hum des-
vario, que se sustenta da estimaçã
dos

dos homens , e só vive da opiniaõ delles.

O não fazer caso do que he vaõ , tambem pôde nascer de huma excessiva vaidade , e a este gráo de vaidade não chega aquella , que he mediocre , e ordinaria ; e desta sorte o excessõ no vicio da vaidade vem a produzir a apparencia de huma virtude , que he a de não ser vaidoso : e com effeito assim como o excessõ na virtude parece vicio . tambem o excessõ no vicio vem de algum modo a parecer virtude . Na maior parte dos homens se achãõ os mesmos generos de vaidade , e quasi todos se desvanecem dos mesmos accidentes , de que estaõ , ou se imaginaõ revestidos : porém alguns ha , em quem a vaidade he misteriosa , e exquisita ; porque consiste em desprezar a mesma vaidade . e em não fazer caso dos motivos , em que se funda a vaidade dos outros .

Trazem os homens entre si huma continua guerra de vaidade ; e conhecendo todos a vaidade alheia , nenhum conhece a sua : a vaidade
he

he como hum instrumento , que tira dos nossos olhos os defeitos proprios , e faz com que apenas os vejamos em huma distancia immensa ; ao mesmo tempo que o expõem á nossa vista os defeitos dos outros ainda mais perto , e maiores do que são. A nossa vaidade he a que nos faz ser insupportavel a vaidade dos mais ; por isso quem não tivesse vaidade , não lhe importaria nunca , que os outros a tivessem.

Todas as paixões tem hum tempo certo em que começam , e em que acabam : algumas são incompativeis entre si , por isso para nascerem humas he preciso , que acabem outras. O odio , e o amor nascem conosco , e muitas vezes se encontram em hum mesmo coração , e a respeito do mesmo objecto. A liberalidade , a ambição , e a avareza , são ordinariamente incompativeis ; manifestam-se em certa idade , ou ao menos entam adquirem maior força. Não sei se diga , que as paixões são humas especies de viventes , que demoram em nós , cuja vida , e existencia ,
fe-

Sobre a vaidade dos homens. 7

femelhante á nossa , tambem tem hum tempo certo , e limitado ; e assim vivem , e acabaõ em nós , da mesma sorte que nós vivemos no mundo , e acabamos nelle. Com todas as paixoens se une a vaidade ; a muitas serve de origem principal ; nasce com todas ellas , e he a ultima que acaba : a mesma humildade , com ser huma virtude opposta , tambem custuma nascer de vaidade ; e com effeito saõ menos os humildes por virtude , do que os humildes por vaidade ; e ainda dos que saõ verdadeiramente humildes , he raro o que he insensivel ao respeito , e ao desprezo , e nisto se vê , que a vaidade exercita o seu poder , ainda donde parece , que o não tem.

A vaidade por ser causa de alguns males , não deixa de ser principio de alguns bens : das virtudes meramente humanas , poucas se haviaõ de achar nos homens , se nos homens não houvesse vaidade : não só seriaõ raras as acçoens de valor , de generosidade , e de constancia , mas ainda estes termos , ou palavras se-

seriaõ como barbaras , e ignõradas totalmente. Digamos , que a vaidade as inventou. O ser inflexivel he ser constante ; o desprezar a vida he ter valor : saõ virtudes , que a natureza desaprova e que a vaidade canoniza. A aleivosia , a ingratitude , e deslealdade , saõ vicios notados de vileza , por isso delles nos defende a vaidade ; porque esta abomina tudo quanto he vil. Assim se vê , que ha vicios , de que a vaidade nos preserva , e que ha virtudes , que a mesma vaidade nos infina.

Mas se he certo , que a vaidade he vicio , parece difficil o haver virtude , que proceda delle ; porém naõ he difficil , quando ponderarmos , que ha effeitos contrarios ás suas causas. Quantas dores ha , que se formaõ do gosto , e quantos gostos , que resultao da dor ! Esta infinita variedade dos objectos tem a mesma causa por origem : as differentes produçoens , que vemos , todas se compoem dos mesmos principios , e se formaõ com os mesmos instrumentos. Algumas cousas degenerao á proporçaõ ,

Sobre a vaidade dos homens. 9

ção , que se affastaõ do seu primeiro ser ; outras se dignificaõ , e quasi todas vaõ mudando de fórma á medida , que vaõ ficando distantes de si mesmas. As aguas de huma fonte a cada passo mudaõ , porque apenas deixaõ a brenha , ou rocha donde nascem , quando em huma parte ficaõ sendo limo , em outra flor , e em outra diamante. Que outra cousa mais he a natureza , do que huma perpetua , e singular metamorfosis?

A vaidade parece-se muito com o amor proprio , se he que não he o mesmo ; e se saõ paixoens diversas , sempre he certo ; que ou a vaidade procede do amor proprio , ou este he effeito da vaidade. Nasceo o homem para viver em huma continua approvaçãõ de si mesmo , as outras paixoens nõs desemparaõ em hum certo tempo , e só nos acompanhaõ em lugares certos ; a vaidade em todo o tempo , e em todo o lugar nos acompanha , e segue , não só nas Cidades , mas tambem nos desertos , não só na primavera dos annos , mas em toda a vida , não só no estado da fortuna ,
mas

mas ainda no tempo da desgraça : paixão fiel , constante companhia , e permanente amor.

Nada contribue tanto para a sociedade dos homens , com a mesma vaidade delles : os Imperios , e Republicas , não tiveraõ outra origem , ou ao menos não tiveraõ outro principio , em que mais seguramente se fundassem : na repartição da terra , não só fez ajuntar os homens os mesmos generos de interesses , mas tambem os mesmos generos de vaidades , e nisto se vê dois effeitos contrarios ; porque sendo proprio na vaidade o separar os homens , tambem serve muitas vezes de os unir. Ha vaidades , que são universaes , e comprehendem Villas , Cidades , e Naçoens inteiras : as outras são particulares , e proprias a cada hum de nós ; das primeiras resulta a sociedade , das segundas a divisaõ.

Dizem , que gostos , e desgostos não são mais que imaginação ; porém melhor fora dizer , que gostos , e desgostos não são mais do que vaidades. Fazemos consistir o nosso bem

no

Sobre a vaidade dos homens. II

no modo, com que os homens olhaõ para nós, e no modo com que fallaõ em nós, assim até nos fazemos dependentes das acçoens, e dos pensamentos dos mais homens, quando cremos, que elles nos attendem, e consideraõ esta imaginaçãõ, que lisonjea a vaidade, precisamente nos dá gosto: se por alguma causa imaginamos o contrario, a mesma imaginaçãõ nos perturba, e inquieta. Não ha gosto, nem desgosto grande naquillo, em que a imaginaçãõ não tem a maior parte, e a vaidade empenho.

A vaidade diminue em nós algumas penas; porém augmenta aquellas, que nascem da mesma vaidade: a estas nem o esquecimento cura, nem o tempo; porque tudo o que offende a vaidade, fica sendo inseparavel da nossa memoria, e da nossa dor. Entre os males da natureza, alguns ha que tem remedio; porém os que tem a vaidade por origem, são incuraveis quasi todos: e verdadeiramente como ha de acabar a pena, quando a lembrança da offensa

baí.

basto para fazer, que dure em nós a afflicção? Ou como pôde cessar a magoa, se não cessa a vaidade, que a produz? Alguns sentimentos ha, que se incorporaõ, e unem de tal sorte a nós, que vem a ficar sendo huma parte de nós mesmos.

A imaginação desperta, e dá movimento á vaidade; por isso esta não he paixãõ do corpo, mas da alma; não he vicio da vontade, mas do entendimento, pois depende do discurso. Daqui vem, que a mais forte, e a mais vã de todas as vaidades, he a que resulta do saber; porque no homem não ha pensamentos, que mais o agrade, do que aquelle, que o representa superior aos mais, e superior no entendimento, que he nelle a parte mais sublime. A sciencia humana o mais a que se estende, he ao conhecimento, de que nada se sabe: he saber o saber ignorar, e assim vem a sciencia a fazer vaidade da ignorancia.

Rem se pôde dizer, que o juizo he o mesmo que entendimento, porém he hum entendimento solido; por-

por isso póde haver entendimeneto sem juizo ; mas naõ juizo sem entendimento : o ter muito entendimento ás vezes prejudica , o ter muito juizo sempre he util : o entendimento he a parte que discorre porém póde discorrer mal : o juizo he a mesma parte que discorre , quando discorre bem : o entendimento pensa , o juizo tambem obra ; por isso nas acçoens de hum homem conhecemos o seu juizo , e no discurso lhe vemos o entendimento : o juizo duvida antes que resolva , o entendimento resolve primeiro que duvide ; por isso este se engana pela facilidade , com que decide , e aquelle acerta pelo vagar , com que pondera. Ordinariamente fallamos no juizo , e naõ no entendimento de Deos , e deve ser pela impressaõ , que temos , de que o juizo he menos sujeito ao erro , que em Deos he impossivel : com toda esta ventagem , que achamos no juizo , pouco nos desvanece o ter juizo , e muito nos lisongea o ter entendimento. Consideramos o juizo como cousa popular , ou sómente co-

mo

mo huma especie de prudencia , sendo aliás coufa mui rara ; e olhamos para o entendimento como coufa mais altiva , e em que reside a qualidade da agudeza ; e assim mais nos agrada o discorrermos subtilmente , do que o discorrermos com acerto , e ainda fazemos vaidade de voltar de tal forte as coufas que fiquem parecendo , o que claramente se sabe , que não são. O engano vestido de eloquencia , e arte , attrahe , e a verdade mal polida nunca persuade. Fazemos vaidade de errar com subtileza e temos pejo de acertar rusticamente.

Todos fazem vaidade de ter malicia ; nem ha quem diga , que a não tem , antes he defeito , que reconhecemos com gosto , e confessamos sem repugnancia : a razão he , porque a malicia consiste em penetração , por isso não nos defendemos de hum defeito , que indica o termos entendimento. A vaidade faz , que não ha coufa , que não sacrificemos ao desejo de parecer entendidos , ainda que seja á custa de hum vicio , ou de

de huma culpa. Quando nos queremos dar por huma bondade sem exemplo, dizemos, que não temos malicia alguma: porém este pensamento não dura muito em nós; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer máos com entendimento, do que bons sem elle: verdadeiramente a falta de malicia he falta de entendimento; porque malicia propriamente he aquella intelligencia ou acto, que prevê o mal, ou o medita; por isso he differente o ter malicia, e o ser malicioso: tem malicia quem descobre o mal para o evitar: he malicioso quem o antevê para o exercer: a malicia he huma especie de arte natural, que se compoem de combinações, e consequencias e neste sentido a malicia he huma virtude politica. As mais das cousas tem muitos modos, em que podem ser consideradas; por isso a mesma cousa póde ser pequena, e grande; póde ser má, e tambem boa; póde ser injusta, e justa: a vaidade porém sempre se appropria o modo, ou o sentido, em que a cou-

la

fa em nós fica sendo superior , e admiravel.

A razão não nos fortalece contra os males , que resultaõ da vaidade , antes nos expoem a toda a actividade delles; porque induzida pela mesma vaidade só nos mostra , que devemos sentir , sem discorrer sobre a qualidade do sentimento. No principio dos nossos desgostos , a razão não serve para diminuillos , para exasperallos sim ; porque como em nós tudo he vaidade , tambem a nossa razão não he outra cousa mais do que a nossa mesma vaidade. Sente a razão o que a vaidade sente , e quando vimos a sentir menos , he por cançados , e não por advertidos. Daqui vem , que as mais das vezes devemos os nossos acertos menos á vontade do que á nossa fraqueza; devemos a nossa moderação menos ao discurso , do que á nossa propria debilidade. Deixamos o sentimento por cançados de padecer. A duração do mal , que nos abate , nos cura.

Ha occasioens , em que contrahimos a obrigação com nosco , de não ad-

admittirmos alivio nas nossas magoas , e nos armamos de rigor , e de aspereza contra tudo o que póde consolarnos , como querendo , que a constancia na pena nos justifique e sirva de mostrar a injustiça da fortuna : parece-nos que o ser firme a nossa dor , he prova de ser justa : esta idéa nos inspira a vaidade , menos cuidadosa no locego do nosso animo , do que attenta em procurar a estimação dos homens. Huma grande pena admira-se , e respeita-se : he o que basta para que a vaidade nos faça persistir no sentimento.

Os retiros , e as solidoes nem sempre são effeitos do desengano , as mais das vezes são delirios de hum sentimento vaõ , ou fuores , em que brota a vaidade : então nos move o fim occulto de querermos , que a demonstração da dor nos faça recomendaveis : fazemos vaidade de tudo quanto he grande : a mesma pena quando he excessiva , nos lisongea ; porque nos promette a admiração do mundo.

Buscamos a Deos quando o mun-
B do

do nos não busca ; se alguma offensa nos irrita , deixamos a sociedade , não por arrependidos , mas por queixosos , e menos por amar a Deos , que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquelle modo de vingança , e parece com effeito , que o deixar o mundo he desprezallo. Assim será ; mas quem deseja vingar-se ainda ama , e quem se mostra offendido ainda quer. Amamos o mundo , e as suas vaidades ; porque o amor das cousas vãs he em nós quasi inseparavel. O mundo , e a vida tudo he o mesmo ; e quem ha que sem loucura deixe de amar a vida ? Tudo no mundo he vão , por isso a vaidade he a que move os nossos passos : para donde quer , que vamos , a vaidade nos leva , e himos por vaidade. Mudamos de lugar , mas não mudamos de mundo.

A mesma vaidade , que nos separa do commercio dos homens , para sepultarnos na solidão de hum Claustro , vem depois a conservarnos nelle , e por hum mesmo principio nos conduz , e nos faz permanecer
sem.

Sobre a vaidade dos homens. 19

sempre no retiro. Fazem os homens ludibrio da mudança da vontade, por isso muitas vezes somos firmes só por evitar o desprezo, vindo a parecer persistencia na vocação, o que só he constancia na vaidade. Vivemos temerosos, de que as nossas acçoens se reputeem como effeitos da nossa variedade: queremos mudar, mas tememos o parecer varios; e assim a constancia na virtude não a devemos á vontade, mas ao receio; não a conservamos por gosto, mas por vaidade: e este assim como nos faz constantes na virtude, tambem outras vezes nos faz constantes na culpa.

Ha varios termos no progresso da nossa vaidade: este no primeiro estado da innocencia vive em nós como occulta, e escondida: o tempo faz que ella se mova, e se dilate: semelhantes ás aves, que nascem ro-das sem pennas, ainda que todas em si trazem a materia dellas. A nossa alma está disposta para receber, e concentrar em si as impressoens da vaidade; e esta, que insensivelmen-

te se fórma, do que vemos; do que ouvimos, e ainda do que imaginamos, quando cresce em nós; he imperceptivel, da mesma sorte, que cresce imperceptivelmente a luz, e que apenas se distingue a elevação das aguas. Nascemos sem vaidade; porque nascemos sem uso de razão, nem de discurso: quem dissera que aquillo, que nos devia defender do mal, he o mesmo que nos conduz a elle, e nos precipita! Todas as paixoens daõ conosco passos iguaes no caminho da vida: logo que vimos ao mundo, começamos a ter odio, ou amor, tristeza, ou alegria: só a vaidade vem depois, mas dura sempre, e quando se manifesta, he tambem quando em nós começa a apparecer o entendimento; por isso a emenda da vaidade he tão difficil, porque he erro, em que o entendimento tem parte de algum modo.

O homem de huma mediocre vaidade he incapaz de premeditar empresas, nem de formar projectos: tudo nelle he sem calor: a sua mesma vida he huma especie de lethargo:

tu.

tudo o que procura he com passos vagarosos cobardes , e descuidados ; porque a vaidade he em nós como hum espirito dobrado , que nos anima ; por isso o homem , em que a vaidade não domina he timido , e sempre cercado de duvida , e de receio : a vaidade logo traz consigo o desembaraço , a confiança , o arrojo , e a certeza. Presume muito de si quem tem vaidade ; por isso he confiado : não presume de si nada quem não tem vaidade , por isso he timido. A vaidade nos faz parecer , que merecemos tudo , por isso emprendemos , e conseguimos ás vezes : a falta de vaidade nos faz parecer , que não merecemos nada , por isso nem buscamos , nem pedimos. Este extremo he raro , o outro he mui commun , daquelle se compoem o mundo , deste o Ceo.

A differença , e desigualdade dos homens he huma das partes , em que se estabelece a sociedade , por isso esta se funda em principios de vaidade ; porque só a vaidade sabe corporificar idéas , e fazer diferente , e de-

desigual o que he composto por hum mesmo modo, e organizado de huma mesma fórma. Os homens mais vaidosos são os mais próprios para a sociedade: aquelles que por temperamento, por razão, ou por virtude se fazem menos sensiveis aos impulsos da vaidade, são os que pela sua parte contribuem menos na communição dos homens: occupados em huma vida mole, isenta, e sem acção, só buscao no descanso a fortuna solida, e desprezao as imagens de que se compoem a vaidade da vida civil.

A desordem dos homens parece que he precisa para a conservação da sociedade entre elles: he preciso com effeito, que sejamos loucos, e que deixemos muitas vezes a realidade das cousas, só por seguir a apparencia, e vaidade dellas. Que maior loucura, que a que nos expoem a perder a vida na expectação de podermos servir de objecto ao vaidoso ruido da fama? Que maior delirio, que sacrificarmos o descanso ao desejo de sermos admirados? Que desvario maior, que o fazer idolo da reputa-

Sobre a vaidade dos-homens. 23

taçaõ , fazendo-nos por essa causa dependentes, não só das acçoens dos homens , mas tambem das suas opinioens ; não só das suas obras ; mas tambem dos seus conceitos?

A vaidade nos ensina , que as acçoens heroicas se fazem immortaes por meio das narraçoens da historia ; porém mal pôde caber na lembrança dos homens todos os grandes successos , de que se compoem a variedade do mundo : ainda o mesmo pensamento tem limite , por mais que nos pareça immensa a sua esfêra. Não ha historia , que verdadeiramente seja universal : quantos Achilles teraõ havido , cujas noticias se acabaraõ , só porque não tiveraõ Homeros , que as fizessem durar hum certo tempo , e isto por meio do encanto de hum Poema illustre ? Quantos Eneas sem Virgilio ? Quantos Alexandres sem Quinto Curcio ? Na infancia do mundo começaraõ logo a haver combates , por isto as victorias sempre foraõ de todas as idades ; porém elles mesmos combates se desfaziaõ huns a outros ; porque a for-

fortuna do vencer sempre foi varia, e inconstante. As noticias das victorias tambem se vinhaõ a extinguir umas pelas outras. Se quizermos remontar ao tempo que passou, a poucos passos havemos de encontrar a fabula, cuberta de hum véo escuro, e impenetravel: tudo quanto aquelle tempo encerra nos he desconhecido totalmente. Os primeiros homens, que á força do fogo, e sangue se fizeraõ arbitros da terra, nos mesmos fundamentos das suas conquistas deixaraõ sepultadas as suas acçoens: o valor com que poderaõ perpetuar nos seus descendentes o poder, e a magestade, naõ lhes pôde perpetuar o nome: das maiores Monarchias ainda se ignora quem foraõ seus primeiros fundadores.

Que saõ os homens mais do que apparencias de theatro? Tudo nelles he representaçãõ, que a vaidade guia: a fatal revoluçãõ do tempo, e o seu curso rapido, que cousa nenhuma pára, nem suspende, tudo arrasta, e tudo leva consigo ao profundo de huma eternidade. Neste
abyf-

abysmo, donde tudo entra, e nada sahe, se vão precipitar todos os successos, e com elles todos os Imperios. Os nossos antepassados já vierão, e já forão; e nós daqui a pouco vamos ser tambem antepassados dos que haõ de vir. As idades se renovaõ, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente se succedem, nada fica; tudo se usa, tudo acaba. Só Deos he sempre o mesmo, os seus annos não tem fim, a torrente das idades, e dos seculos corre diante dos seus olhos, e elle vê a vaidade dos mortaes, que ainda quando vão passando o insultão, e se servem desle mesmo instante, em que passão para o offenderem. Miseraveis homens, genero infeliz que nesse momento, que lhes dura a vida, preparaõ a sua mesma reprovaçaõ; e que tendo vaidade, que lhes faz parecer, que tudo meditaõ, que tudo sabem, e que tudo prevem, ló a não tem para anteverem as vinganças de hum Deos irado, e que com o seu mesmo soffrimento, e silencio, clama, ameaça, julga condemna.

Aca-

Acabaõ os Heróes , e tambem acabaõ as memorias das suas açoens ; aniquilaõ-se os bronzes , em que se gravaõ os combates ; corrompem-se os marmores , em que se esculpem os triunfos ; e a pezar dos milagres da estampa , tambem se desvanecem as cadencias da prosa , em que se descrevem as emprezas , e se dissipaaõ as harmonias do verso , em que se depositaõ as victorias : tudo cede á voracidade cruel do tempo. Acabaõ-se as tradiçoens muito antes que acabe o mundo ; porque a ordem dos successos naõ se incluye na fabrica do Universo ; he cousa exterior , e indifferente. Os monumentos , que fazem da historia a melhor parte , e a mais visivel , naõ só se estragaõ , mas desapparecem , e de tal sorte , que nem vestigios deixaõ por onde ao menos lhes recordemos as ruinas. Naõ tem mais duraçaõ as cinzas dos Horóes ; porque as mesmas urnas , que as escondem , se desfazem , e os mesmos epitafios , por mais que sejaõ profundos os caracteres , insensivelmente vaõ fugindo dos nossos olhos ,
até

Sobre a vaidade dos homens. 27-

até que se apagaõ totalmente. Ainda as coufas inanimadas , parece que tem hum tempo certo de vida : as pedras de que se formaõ os padroens , vaõ perdendo a uniaõ das suas partes , em que consiste a sua dureza até que vem a reduzir-se ao principio commum de tudo ; terra , e pó.

Por isso he loucura sacrificar a vida por eternizar o nome ; porque dos mesmos Heróes tambem morre o nome , e a gloria : a differença he , que a vida dos Varoens illustres compoem-se de annos , como nos mais homens , e a vida das suas acçoens compoem-se de seculos ; porém estes acabaõ , e tudo o que se encerra nelles , vem a entrar finalmente no cáos do esquecimento. Tudo no mundo saõ sombras , que passaõ ; as que saõ maiores , e mais agigantadas , duraõ mais horas mas tambem se extinguem , e do mesmo modo , que aquellas , que apenas tiveraõ de existencia alguns instantes. O desejo nos finge mil objectos immortaes , e entre elles a fama he ao que mais nos inclina a vaidade ; sendo que o mesmo
ar,

ar, que lhe dilata os eccos, lhe confunde, e apaga a voz. Nas cousas he transito, o que nos parece permanencia: a diversidade, que vemos na duraçãõ dellas, he porque humas gastãõ mais tempo em acabar que outras; de forte que propriamente só podemos dizer, que as cousas estaõ acabando, e não que estaõ sendo.

Porém destes mesmos delirios resulta, e depende a sociedade; porque a vaidade de adquirir fama infunde aquelle valor nos homens, que quasi chega a transformallos em muralhas para defeza das Cidades, e dos Reinos: a vaidade de serem attendidos os reduz á trabalhosa occupaçãõ de indagarem os segredos da Divindade, o giro dos astros, e os mysterios da natureza: a vaidade de serem leaes os faz obedientes: a vaidade de serem amados os faz benignos: e finalmente a vaidade, ou amor da reputaçãõ os faz virtuosos. Daqui vem, que o homem sem vaidade entra em hum desprezo universal de tudo, e começa por si mesmo: olha para a reputaçãõ como para hu-

ma

ma fantasia, que se fórma, e se sustenta de hum susurro mudavel, e de huma opiniaõ sempre inconstante: olha para o valor como para hum meio cruel, que a tyrannia ideou para introduzir no mundo a escravidão: olha para o respeito como para huma cerimonia, ou dependencia servil, que indica poder em huns, e nos outros medo, semelhante á estatua de Jupiter, diante da qual todos se prostraõ, não por amor do idolo, mas por causa do raio, que tem na mão: olha para a benignidade como para hum modo, ou artificio de atrahir a si a inclinação dos outros, e por isso virtude mercenaria: olha para a lealdade como para hum acto, que precisamente resulta de huma submissãõ necessaria: e ultimamente olha para a fama como para hum objecto vago, e incerto, e que na realidade val menos do que custa a conseguir.

Com os annos não diminue em nós a vaidade, e se muda, he só de especie. A cada passo, que damos no discurso da vida, se nos offerece hum
thea-

theatro novo, composto de representações diversas, as quaes successivamente vão sendo objectos da nossa attenção, e da nossa vaidade. Assim como nos lugares, há também horizontes na idade, e continuamente fomos deixando huns, e entrando em outros, e em todos elles a mesma vaidade, que nos cega, nos guia. Nem sempre somos susceptiveis das mesmas impressões; nem sempre somos sensíveis ao mesmo sentimento; sempre somos vaidosos, mas nem sempre domina em nós o mesmo genero de vaidade.

Ha vicios, que raramente deixamos, se elles primeiro nos não deixam; e quando com o tempo seguimos o exercicio de obrar bem, não he porque o conhecimento, ou a experiencia nos determine, mas porque continuamente os annos nos vão fazendo incapazes de obrar mal; e assim virtudes ha, que primeiro começaõ pela nossa incapacidade, do que por nós mesmos; e nos nossos acertos a razão he a que quasi sempre tem menos parte. Só a vaidade não
en-

enfraquece , por mais que o vigor nos falte ; como se fora hum affecto da alma independente da disposiçãõ do corpo.

Naõ temos alegria , se está descontente a vaidade ; da mesma sorte , que a desgraça naõ afflige tanto , quando se acha a vaidade satisfeita. A mesma morte naõ se mostra com igual semblante nos supplicios ; porque a qualidade delles influe maior , ou menos pena : por isso as honras do cadafalso servem de alivio ao delinquente ; porque a vaidade , que está vendo a attençãõ do golpe , deste esconde ao mesmo tempo o horror , e entretida nos faustos do luto , desvia da memoria huma grande parte da consideraçãõ da ruina. . .

Para nada ser permanente em nós , até o odio se extingue : cançamo-nos de aborrecer : a nosso inclinaçãõ tem intervalos , em que fica isenta da sua maldade natural : naõ esquece porém o odio , que teve por principio a vaidade offendida , assim como nunca o favor esquece quando se dirige , e tem por objecto a vaidade de quem recebe

be o beneficio. A nossa vaidade he a que julga tudo: dá estimação ao favor, e regula os quilates á offensa: faz muito do que he nada: dos accidentes faz substancia: e sempre faz maior tudo o que diz respeito a si. Nos beneficios pagamos-nos menos da utilidade, que do obsequio: nas offensas consideramos mais o atrevimento da injuria, que o prejuizo do mal; por isso se sente menos a dor das feridas, do que o arrojo do impulso, e assim na vaidade nunca se formão cicatrizes firmes, e seguras; porque a lembrança do agravo a cada instante as faz abrir de novo; e verter sangue.

[- O corpo não he sensível igualmente em todas as suas partes: humas soffrem, e resistem mais; qualquer desconcerto em outras he mortal: assim tambem no corpo da vaidade ha partes, em que penetra mais o sentimento: da qui vem inimidades, que nem a morte reconcilia, odios que duraõ tanto como a vida. Tudo o que nos tira, ou diminue a estimação, nos serve de tormento;

por-

porque o respeito he o idolo com-
mum da vaidade ; aquillo que o offen-
de , não se perdoa facilmente , e fica
sendo como hum sacrilegio irremissi-
vel, e como hum principio de don-
de se originaõ tantas aversoens here-
ditarias.

Acabando tudo com a morte , só
a deshonra não acaba ; porque o la-
béo ainda vive mais do que quem o
padece : por mais insensivel que este-
ja hum cadaver na sepultura (permit-
ta-se o hyperbole) lá parece que a
lembrança de huma infamia , que
existe na memoria dos que ficaõ , lhe
está animando as cinzas , para o fa-
zer capaz de afflicçaõ , e sentimento:
terrivel qualidade , cujos effeitos , ou
cujo mal , não se acaba , ainda de-
pois que acaba quem o tem ; sendo
a unica desgraça , que se imprime na
alma , como hum caracter immortal !
A morte não serve de limite á des-
honra ; porque esta vai seguindo a
posteridade como huma herança bar-
bara , e infeliz. Estes são os pensa-
mentos , que a vaidade nos inspira ,
e como huma paixãõ inconsolavel,

até nos persuade . que ainda depois de mortos podemos sentir a infâmia: esta diminue a estimaçãõ, e o respeito; e por isso mortifica tanto; como se a infâmia do delicto só consistisse na attençãõ, e opiniaõ dos homens, e não no delicto mesmo ou se só fosse deshonra aquella que se sabe, e não aquella que se ignora.

Se a melancolia nos desterra para a solidãõ do ermo, não deixa de ir conosco a vaidade; e entãõ somos como a ave desgraçada, que por mais que fuja do lugar em que recebeo o golpe, sempre leva no peito atravessada a setta: nunca podemos fugir de nós: para donde quer que vamos, himos com os nossos mesmos devários, se bem que as vaidades do ermo são vaidades innocentes. A natureza não tem lá por objecto mais do que a si mesma, e a vaidade, que tem na complacencia, com que se contempla, consiste em reflectir sobre os enganos do seculo, e sobre as verdades da solidãõ; e se alguma vez chega a ser excessiva essa mesma complacencia, não importa; por-

Sobre a vaidade dos homens. 35

porque a vaidade de ser virtuoso tam-
bem parece que he virtude; e assim
vimos a ter naquelle caso hum vicio,
que nos emenda, e hum defeito,
que nos melhora.

Oh quanto he especiosa a tran-
quilidade do deserto! Lá não ha odio,
nem soberba; não ha crueldades nem
inveja: estes monstros são feras invi-
siveis, que habitão entre nós, para
serem ministros fataes das nossas dis-
cordias, e das nossas afflicções;
nascem da nossa sociedade, e se sus-
tentão da nossa mesma communica-
ção: por isso a virtude costuma fu-
gir ao tumulto, porque a nossa mal-
dade não he pelo que toca a cada
hum de nós, mas pelo que respeita
aos outros: somos perversos por
comparação; e reciprocamente huns
servimos de objecto ás iniquidades
dos outros; a vaidade sempre foi ori-
gem dos nossos males; mas primeiro
que a vaidade, foi o commercio com-
mum das gentes; porque delles resul-
ta a vaidade como contagio contra-
hido no trato, e conversação dos ho-
mens. O nosso entendimento facil-

mente se inficiona , não só com as opiniões proprias , mas tambem com as alheias ; não só com as proprias vaidades , mas tambem com as dos outros ; não sei se seria mais util ao homem o ser incommunicavel.

Vemos confusamente as apparencias de que o mundo se compoem : os nossos discursos raramente encontram com a verdade , com a duvida sempre ; de sorte que a sciencia humana toda consiste em duvidas. Ainda dos primeiros principios visiveis , e materiaes , só conhecemos a existencia , a natureza não ; porque a contextura do universo he em si unida , e regular em fórma , que na ordem das suas partes não se pôdem conhecer humas , sem se conhecerem todas ; por isso todas se ignorão , porque nenhuma se conhece : só a vaidade costuma decidir sem embaraço , porque não chega a imaginar-se capaz de erro : os homens mais obstinados são os mais vaidosos , e sempre a porfia vem á proporção da vaidade.

Algumas duvidas , ha que respeitamos ; mas nem a essas perdoa a vaidade,

dade, pois nunca quer que fiquem indecisas: mas infelizmente, porque nellas sempre a soluçãõ da duvida vem a consistir em outra duvida maior. Quasi tudo transcende á nossa comprehensãõ, mas nada transcende á nossa vaidade. Naturalmente nos he odiosa a irresoluçãõ, e antes nos inclinamos a errar, do que a ficar irresolutos: o confessar ignorancia he acto, a que se oppoem a vaidade; sendo que rara he a cousa, que se nos mostra, sem hum certo véo que a esconde; de sorte que não vemos, nem buscamos os objectos, mas a sombra delles.

Nas paixoens he natural o entreternos cada huma com a esperanza, que lhe he propria; e com effeito nada he mais agradavel do que huma esperanza lisonjeira. O desejo se deleita em meditar no bem, que espera; e a natureza, a quem as paixoens tem sempre em acçãõ, não cessa de guiar o pensamento para aquella mesma parte, para donde a nossa inclinaçãõ propende; por isso o amor continuamente nos promette, que ha de
aça-

acabar a tyrannia; e que cedo ha de vir a feliz correspondencia; o odio nos segura, que vem chegando o dia da vingança; e finalmente a vaidade só nos offerece idéas de respeito, e de grandeza; e desta sorte não vivemos, esperamos a vida.

Ha hum genero de vaidade, que toda consiste em procurarmos que se falle em nós; por isto a mesma vaidade inventou a fraze de dizer-se, que vive no escuro aquelle de quem se não falla, dando a entender, que as emprezas, por meio das quaes se falla nos homens, são a claridade que os mostra, e os distingue: com effeito por mais que vivamos juntos, e nos vejamos sempre, he por hum modo como vago, e passageiro: as coulas nem por estarem muito perto se vem melhor; e os Heroes o que os faz mais visiveis, he a distancia, e desproporção dos outros homens em que os poem as suas acçoens: não só os homens, mas ainda os successos, quanto mais longe vão ficando, mais crescem, e nos vão parecendo maiores, até que os vimos a perder da vis-

Sobre a vaidade dos homens. 39.

vista , e muitas vezes da memoria ; porque no tempo tambem ha hum ponto de perspectiva , donde como em espelho vão crescendo todos os objectos , e em chegando a hum certo termo , defapparecem. As empresas , que hoje vemos , talvez não são inferiores ás que a tradição refere do tempo do heroísmo ; porém tem de menos o estarem proximas a nós , e as outras tem de mais , o valor que recebem de huma antiguidade veneravel : aquellas admiramos porque não temos inveja , nem vaidade , que nos preocupe contra os que passaraõ ha muitos seculos ; contra os que existem sim , e destes se sabemos as acçoens , tambem sabemos as circumstancias dellas ; por isso as desprezamos , porque he rara a empresa heroica , em que não entre algum fim indigno , e vil ; a mais illustre acção fica infame pelo motivo.

O que chamamos inveja ; não he senão vaidade. Continuamente accusamos a injustiça da fortuna , e a consideramos ainda mais cega do que o amor ; na repartição das felicidades.

De-

Desejamos o que os outros possuem, porque nos parece, que tudo o que os outros tem, nós o merecíamos melhor; por isso olhamos com desgosto para as cousas alheias, por nos parecer, que deviaõ ser nossas: que he isto senaõ vaidade? Naõ podemos ver luzimento em outrem, porque imaginamos, que só em nós he proprio: cuidamos, que a grandeza só em nós fica sendo natural, e naõ mais violenta: o esplendor alheio passa no nosso conceito por desordem do acaso, e por miseria do tempo. Quem diria aos homens, que no mundo ha outra cousa mais do que fortuna, e que nas horras ha predestinaçaõ?

Naõ vivemos contentes, se a nossa vaidade naõ vive satisfeita: ainda temos o bem, que com pouco se alimenta a vaidade. Hum riso agradável, que achamos nas pessoas eminentes, e que por mais, que seja equivoco sempre a vaidade o interpreta a seu favor; hum obsequio, que tem por principio a dependencia, e em que o interesse se esconde

sub-

Sobre a vaidade dos homens. 41

Subtilmente ; huma submissão , que nos faz crer que os homens tem obrigação de respeitar-nos ; huma lição dita com tal arte , que fica sendo impossivel , conhecermos-lhe o veneno ; qualquer cousa destas , e ainda menos basta , para que a nossa vaidade se reveja , e se satisfaca ; de forte que não vivemos alegres , e se não vivemos vaidosos.

Procuramos ser objectos da memoria e assumptos da fama : o nosso fim he querermos , que se falle em nós , vindo a ser ambiciosos das palavras dos outros , e idolatras das narrações da historia. Este delirio nos entrega a applicação das letras , e nos inspira a inclinação das armas ; como dous pólos , que guião para huma fingida , e sonhada immortalidade. Alguns fogem da sociedade , ou por cansados do tumulto , ou porque conhecem os enganos do applauso ; porém ainda elles lá se formão huma crença vaidosa , de que os homens fallaõ nelles , e discorrem sobre a causa dos seus retirros. Quantas vezes nos parece , que o bosque,
que

que nos serve de muda companhia, te magoa dos nossos infortunios, e que o valle recebe o sentimento das nossas queixas, quando em eccos entrega aos ventos, partidos os nossos ais! Parece-nos que a Aurora nasce rindo dos nossos males; que as fontes murmuraõ dos nossos desafogegos; que as flores crescem para simbolo das nossas delicias; e que as aves festejaõ os nossos triunfos.

Os homens, a quem a concorrência de rascos felices faz chamar grandes, presumem, que ainda que delles não depende a existencia do mundo, com tudo depende delles a ordem, e a economia das cousas: todos fallaõ nas tuas acçoens, e nisto consiste a sua maior, e mais estimada vaidade. Deixamos livremente o commercio dos homens, mas não renunciamos ou viver na admiração, e noticia delles; consentimos em apartarnos de sorte, que nunca mais sejamos vistos, mas não consentimos em não ser lembrados: finalmente queremos, que se falle em nós: as mesmas sepulturas, que são huns pe-

que-

quenos theatros das mais lastimosas tragedias, espantaõ menos pelo horror das sombras, que pelo silencio.

Mil preceitos ha que nos ensinaõ, o quaõ pouco são estimaveis em si, esses mesmos objectos, que buscamos com fadiga: o conhecermos a vaidade das cousas, não basta para as não querermos; porque o conhecimento de hum mal, que se appeteece, he hum meio muito debil para o deixar. No mesmo retiro temos todq o mundo no coração, e neste vivem as paixoens entãõ mais concentradas, e por isso mais vigorosas, e mais fortes: o ser o lugar mais apertado não nos livra do combate, antes o faz mais arriscado: a vaidade he como o amor; este quando o deixamos, sempre nos fica huma saudade senta, que insensivelmente nos devora, porque he hum mal, cuja privação se sente como outro mal maior: ainda depois de passados muitos annos de lembrança, que ás vezes nos decorre de hum amor, que parece que acabou, sempre nos vem com sobressalto; o coração nunca fica indiffe-

ren-

rente ; e sempre recebe com alvoroço a idéa de hum ardor amortecido, e como que o reclama. Verdadeiramente perdida a vaidade , e perdido o amor , que nos fica ?

He proprio da vaidade o dar valor a muitas cousas , que o não tem, e quasi tudo o que a vaidade estima, he vaõ. Que cousa póde haver, que tenha em si menos substancia do que humas certas felicidades , que ponderada a melhor parte dellas , consiste, ou em palavras, ou em gostos; a denominação de grande , de maior, e de excellente , e as submissões, que indicaõ o respeito , fazem huma parte essencial das glorias deste mundo ; a primeira não consiste mais do que em palavras ; a segunda toda se compoem de gostos. Que importa á felicidade do homem , que os outros, quando lhe fallaõ , articulem mais hum som , que outro , e que nas reverencias que introduzio a lisonja , se dobrem mais , ou menos ? A vaidade nos faz crer felices á porporção que ouvimos esta , ou aquella voz , e que vemos este , ou aquelle cul-

Sobre a vaidade dos homens. 45

culto : a vida civil se reduz a hum ceremonial composto de genuflexoens, e de palavras.

Só a vaidade sabe dar existencia ás cousas que não tem, e nos faz idolatras de huns nada, que não tem mais corpo, que o que recebem do nosso modo de entender, e nos induz a buscarmos estes mesmos nada, como meios de nos distinguir ; sendo que nem Deos, nem a natureza nos distinguio nunca. Na lei Universal, ninguem ficou isento da dor, nem da tristeza ; todos nascem sujeitos ao mesmo principio, que he a vida, e ao mesmo fim, que he a morte : a todos comprehende o effeito dos elementos ; todos sentem o ardor do Sol, e o rigor do frio ; a fome, e a sede, o gosto, e a pena, he commum a tudo aquillo que respira : o Author do mundo fez ao homem sobre huma mesma idéa uniforme, e igual, e na ordem com que dispoz a natureza não conheceo excepçoens, nem privilegios : nunca o homem póde ser mais, nem menos do que homem ; e por mais, que a
vai-

vaidade lhe esteja suggerindo hums certos attributos , ou certas qualidades , que o fazem parecer maior, e mais consideravel , que os mais homens ; essas mesmas qualidades , ainda sendo verdadeiras , sempre são imaginarias ; porque tambem ha verdades fantasticas , e compostas somente de illusoens.

A vaidade he cheia de artificio , e se occupa em tirar da nossa vista , e da nossa comprehensão o verdadeiro ser das cousas , para lhe substituir hum falso , e apparente. De que serve a purpura , mais que de encobrir o homem a si mesmo ; e huma figura simplez , commua , e igual em todos , mostralla desfigurada , e outra debaixo de hum véo puramente exterior ? Tudo o que se esconde , fica com caracter de mysterio , e por isso com veneração , e com respeito : a vaidade foi o primeiro artifice , que inventou o distinguir os homens pela especialidade do ornato , e pela singularidade da cor ; assim são as distincções , que a vaidade nos procura ; nenhuma he , nem pôde ser em nós,

trós, mas nas cousas que nos cobrem.

Só a vaidade dos Reis he vaidade justa, porque a Providencia já quando os formou para a dominação, logo os destinou para figuras da divindade, e com huma semelhança mais que material, e indifferente; porque a mesma essencia, de que são imagens, parece, lhes communica huma porção da idéa, que representa. Por mais que os successos sejaõ regidos pelo acaso, com tudo aos Reis não os faz a fortuna, nem o valor; mas sim aquella mesma intelligencia, que dá os primeiros, e principaes movimentos ao Universo. Ainda nos Orbes Celestes vemos alguns corpos, que parece custaraõ mais cuidado ao Author do mundo, pois brilhaõ com luz mais firme, mais intensa, e mais constante. Os Monarcas parecem-se com os mais homens na humanidade, mas differem nas qualidades da alma: a Coroa que os cinge não só lhes illustra a cabeça; mas tambem o pensamento: o Sceptro, que indica á magestade, tambem inspira o esforço; e a grandeza

no poder tambem influe extensaõ no espirito ; por isso na arte de reinar não ha regras , que possaõ ser sabidas por quem não he Rei.

Assim como he justa a vaidade de hum Rei justo tambem he iniqua a vaidade de hum tyranno : o esplendor de hum throno adquerido injustamente não cega a attençaõ de sorte , que fiquem os olhos sem poder examinar-lhe os raios ; hum lugar taõ sagrado , nem sempre o consideraõ os homens com immundade. Os tyrannos sempre foraõ objectos , não só dos louvores , mas tambem da critica ; não só das admiraçoens , mas tambem dos reparos ; não só do amor , mas tambem do odio : se ha quem os admire , tambem ha quem os reprove ; se a lisonja os igualla ao Sol , a censura sabe comparallos ao Cometa ; se o amor lhes prepara agrados , tambem encontraõ aversoens no odio. As submissõens não saõ todas voluntarias ; e o respeito ainda quando degenera em adoraçaõ , nem sempre tributa hum incenso puro , e muitas vezes procede de huma violencia in-

te-

terior, e occulta; entã por mais que as expressões se elevem, sempre a verdade se distingue da exaggeração; e por mais que o joelho dobre, sempre o desprezo fica inflexivel no conceito.

Nos Principes he virtude, humã vaidade bem entendida; e discorre santamente hum Rei, quando se desvanece da qualidade de ser justo: ha vicios necessarios em certos homens, assim como ha virtudes improprias em outros. Os soberanos sendo a fonte da justiça, são os que mais injustamente são julgados: os mais homens são ouvidos, os Principes não; todos os julgaõ, e ninguem os ouve; como se a preminencia da dignidade os fizesse incapazes, ou indignos da defeza: o julgar por este modo aos Reis, he sacrilegio, porque a traição he maior aquella que se derige á fama, que a que conspira contra a vida; esta nos Monarcas he lhes menos importante, que a memoria; a existencia deve ser-lhes menos preciosa do que a fama: com a vida se acaba o respeito, a gran-

deza , e o poder , mas não acaba a reputação ; o tumulto não encobre , nem a ignominia do nome , nem o esclarecido , porque nos Principes nunca acaba a gloria , nem a infamia : o breve espaço de huma urna basta para esconder as cinzas de muitos Reis ; porém por mais que as confunda a morte , a historia as separa , e as divide : a tradição anima essas mesmas cinzas , humas para honra da natureza , outras para horror da posteridade.

A maior parte das acçoens dos homens consiste no modo dellas ; o modo com que se propoem , com que se diz , com que se falla , com que se ouve , com que se olha , com que se vê , com que se anda , e em fim todos os mais modos , que são inseparaveis de qualquer acção , nos dão a conhecer o que devemos pensar dellas : quasi sempre o modo , ou nos obriga , ou nos offende , e ordinariamente o modo das cousas nos occupa mais do que as cousas mesmas. Humas vezes nos engana o modo , porém tambem outras o mesmo modo

do nos defengana : a imaginação verdadeira , falsa , ou vaidosa , he a que produz os differentes modos , que vemos huns nos outros. Os Soberanos tem hum certo modo de olhar , de ver , de ouvir , de andar , de perguntar , e de responder , que só nelles he natural ; a vaidade dos Grandes lhes faz affectar o mesmo modo , que vem nos Soberanos ; os mais homens tomão o mesmo modo , que vem nos Grandes , e cada hum se irrita de ver hum modo improprio , e sente como hum desprezo o achar hum modo , que não convem a quem usa d'elle ; o que diversifica os modos he a alegria , a tristeza , o amor , o odio , o desejo , ou a indifferença , e mais que tudo a vaidade.

A maior parte da vida passamos em bulcar a fortuna , e a que vemos nos outros , he a que nos engana a nós : porém he feliz o engano , que nos anima sempre. Que maior desgraça que o viver indifferente , e sem acção ; e que maior ventura que a esperança com que a buscamos ! O conceito , que fazemos de qualquer

bem , sempre excede ao mesmo bem ; e assim perdemos quando o alcançamos ; de sorte que a fortuna parece não está tanto em possuilla , como em desejalla . As fortunas humanas , ou consistem na abundancia , ou no poder , ou no respeito : estas são as mesmas fontes donde nasce a vaidade , e com effeito se ha vaidade sem fortuna , não ha fortuna sem vaidade .

Por nosso mal lá chega a idade ; em que não queremos mais fortunas , que o viver ; conhecemos a illusão dellas , e se as buscamos , he como por costume , mas sem ancia , e sem desafogo ; o desejo de as alcançar ; he como hum resto de calor , que a penas se faz sentir . Não reflectimos sobre o pouco tempo , que devemos gozar hum bem , senão depois de o ter : só então consideramos o muito que custou a alcançar , e o pouco que o havemos possuir . Em cada paiz ha hum modo com que as cousas se imaginão ; o que he fortuna em huma parte , he desgraça em outra , o que aqui se busca com empenho , alli se des-

Sobre a vaidade dos homens. 53

despreza totalmente. Os objectos que entretêm a vaidade, e estimação dos homens, são como idolos, que só se veneram em lugar determinado, e fóra daquelle tal espaço, a adoração se troca em vituperio: o mesmo marmore de que em Athenas se faria huma Minerva, transportado a outro lugar, a penas servirá de baze a huma columna; assim he a vaidade, por mais que seja universal nos homens, os motivos della não são universaes.

He raro o mal, de que não venha a nascer algum bem, nem bem, que não produza algum mal: como só o presente he nosso por isso, não nos serve de alivio o bem futuro, nem nos inquieta o mal que ainda não sentimos; hum infeliz não se persuade, que a sua sorte possa ter mudança; hum venturoso não crê, que possa deixar de o ser: a este a vaidade tira o menor receio; á aquelle o abatimento priva de esperança. Se fizermos reflexão, havemos de admirar o pouco que basta para fazer o nosso bem, ou o nosso mal: de hum infan-

tan-

tante a outro mudamos da alegria para a tristeza, e muitas vezes sem outro algum motivo, que o de huma vaidade mais, ou menos satisfeita. Os homens não são todos igualmente sensíveis ao bem, e ao mal; a huns penetra mais vivamente a dor, a outros só faz huma impressão ligeira: o bem não acha em todos o mesmo gráo de contentamento. Nas almas deve de haver a mesma differença, que ha nos corpos; humas mais debeis, e outras mais robustas; por isso em humas obra mais o sentimento, e acha mais resistencia em outras; em humas domina a vaidade com imperio, e com furor, em outras só assiste como cousa natural; naquellas a vaidade he huma paixão com impeto, nestas he hum vicio socegado, e sem desordem.

O entendimento nos homens, he como a formosura nas mulheres; não ha desgraça de que hum espelho as não console, nem tristeza de que se não esqueçam, vendo-se em estado de inspirar amor: a hum homem infeliz serve de alivio, o considerar-se

la-

Sobre a vaidade dos homens. 55.

fabio ; este pensamento , ou esta vaidade lhe faz adormecer o mal que sente ; como se a mulher só viesse ao mundo , para ser querida , e o homem só nascesse para ser discreto : entre hum , e outro a differença he grande a mulher formosa , com o tempo conhece que já o não he , o homem entendido nunca alcança que só o foi : a mulher não pôde deixar de ver o estrago , que os annos fazem na belleza , o homem não penetra a ruina que o tempo causa ao entendimento ; mas não importa que assim seja , porque he justo que o homem se desvança sempre , e que tenha fim na mulher a vaidade : ninguem adora ao homem por entendido , e a mulher todos a idolatraõ por formosa. Acabe pois a vaidade na mulher , porque foi taõ excessiva , e no homem dure , porque foi mais moderada.

Olhamos para o tempo passado com faude , para o presente com desprezo , e para o futuro com esperanza : do passado nunca se diz mal ; do presente continuamente nos quei-

xamos, e sempre appetecemos que o futuro chegue: o passado parece-nos que não foi mais do que hum instante; o presente apenas o sentimos; e julgamos que o futuro está mui distante. Para dizermos bem do tempo, he necessario que elle tenha passado, e para que o desejamos he preciso considerallo longe. A vaidade faz-nos olhar para o tempo, que passou, com indifferença, porque já nelle fica sem acção: faz-nos ver o presente com desprezo; porque nunca vive satisfeita; e faz-nos contemplar o futuro com esperança, porque sempre se funda no que ha de vir, e assim só estimamos o que já não temos; fazemos pouco caso do que possuímos; e cuidamos no que não sabemos se teremos.

Com os annos himos mudando de humas vaidades para outras; não porque queiramos mudar de vaidade, mas porque algumas ha, que em certos annos são incompativeis, e só tem lugar em outros. A gentileza he a primeira vaidade, que a natureza nos inspira; vaidade simples, innocen-

Sobre a vaidade dos homens. 57

cente ainda quando he mentiroza : a natureza quer que nos amemos , por isso faz que nos vejamos dotados de huma fórma , ou figura encantadora ; tomamos Narcisos logo no berço : a nossa imagem a penas acabada de formar , logo nos attrahe ; o vidro que a representa nos agrada , e lisonjeia , ainda quando ignoramos o artificio do cristal ; e desta sorte himos passando successivamente a vida entretidos em hum labyrintho de vaidades , até que chegamos á vaidade dos velhos ; vaidade discursiva , prudencial , historica , e muitas vezes imbecil. O ser antigo não dá juizo a todos , antes o tira , porque o tempo insensivelmente vai destruindo o homem em todas as suas partes , e por mais , que o não sentimos , o que primeiro cansa , he o entendimento ; porque este he como a força , que até hum certo tempo cresce , até outro se conserva , e depois sempre vai diminuindo. Perdemos a innocencia assim que entramos a ter uso de razão , e perdemos a razão assim que tornamos ao estado da innocencia :

hu,

huma, e outra cousa são virtudes puras, e excellentes, mas infociaveis. Primeiramente adquerimos a razão á custa da innocencia, e depois alcançamos a innocencia á custa da razão; não sei quando he que perdemos, ou ganhamos. Indiscretamente fazemos vaidade de sermos entendidos: o entendimento parece que nos foi dado por castigo, pois com elle ficamos sem desculpa para nada. Que maior mal!

: He rara a cousa, em que não tenha parte a vaidade. A mesma ingratitude, de quem recebe hum beneficio, he effeito da vaidade; porque sendo o beneficio huma especie de soccorro, sempre indica superioridade em quem o faz, e necessidade naquelle que o recebe; por isso a lembrança de hum beneficio, humilha, e mortifica a nossa vaidade, e se alguma vez nos lembra, he porque a natureza se accusa de sentir-se ingrata. Muitos por vaidade confessão beneficios, que nunca receberão; he confissão, que os não afflige porque assenta em huma divida supposta:

Sobre a vaidade dos homens. 59

ta: outros tambem por vaidade reconhecem beneficios verdadeiros, e isto porque fazem vaidade de huma divida, que ja julgaõ satisfeita pela confissãõ.

Quando pretendemos hum favor, parece-nos que sempre havemos conservar a memoria delle; mas he erro, porque apenas o alcançamos, quando logo se fórma em nós hum desejo imperceptivel de o esquecer: a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indigencia; por isso ha ingraticidãõ sem odio; aborrecemos a quem remio a nossa vexaçãõ, só porque a ficou conhecendo. Não se paga hum beneficio, senãõ com outro maior, e quem o não pôde pagar assim, fica devendo sempre; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos, do que a conhecer huma obrigaçãõ de que nunca podemos estar livres.

A ingraticidãõ não consiste só no esquecimento do favor, mas tambem em huma aversaõ occulta que temos a quem nos obrigou, por isso quando o vemos, e encontramos, sem-

sempre he com nosso pezar , e desagrado. Insensivelmente se fórma huma especie de divorcio entre quem recebe hum favor , e quem o faz ; este por vaidade affecta o não lembrar-se do beneficio feito , aquelle tem pejo de haver-se esquecido delle , hum , e outro se retira : a ausencia , ou a ruina daquelle a quem somos obrigados , nunca nos he desagradavel ; porque entãõ parece que respira a vaidade , como livre de hum peso insupportavel : naturalmente não podemos amar a quem devemos ; a divida leva consigo hum desejo da extinção do seu objecto

Naõ succede assim nos beneficios , que os Soberanos fazem ; quem os recebe , sempre os reconhece ; porque a mesma vaidade , que nos faz ser ingratos para com os mais homens , he a que nos faz ser agradecidos para com os Principes ; e com razaõ , porque nestes o favor sempre he puro , e generoso . em lugar que nos mais homens sempre he inficionado de algum genero de interesse : nos Principes os beneficios nascem de libe-

Sobre a vaidade dos homens. 61

beralidade, nos mais homens procedem de premeditação, e esta fundada commumente na satisfação do que já devem, ou esperão dever; de sorte que nos Principes os beneficios he grandeza, nos mais homens he commercio. O maior favor he aquelle que se faz sem condição: quando os Soberanos favorecem, he sem a expectativa de retribuição alguma, porque esta não póde ter lugar de nós para elles; dão, e não esperão, por isso as mercês de hum Rei mostraõ a sua inclinação, e não a sua intenção: as graças dos Reis, e as de Deos, só se pagão com amor. Como os Principes são os melhores avaliadores dos homens, por isso supponemos, que o favor, que fazem, sempre se dirige ao nosso merecimento. Estimamos viver na lembrança dos Reis, ainda que seja por meio da desgraça: o mesmo decreto, que impoem a pena, suaviza o effeito della, porque ha hum instante, em que a vaidade nos representa o Soberano occupado de nós: o castigo, immediatamente vem do Throno, parece que

que de algum modo nos illustra.

Tudo saõ producçoens da vaidade, esta até nos faz achar consolação nas mesmas razoens do nosso damno; até nos faz descobrir utilidade na nossa mesma perda; e até nos sabe mostrar hum semblante de fortuna na nossa mesma ruina. Huma circumstancia leve, e incerta, em que a vaidade se entretenha basta muitas vezes para suspender a actividade do nosso mal, e para desviar do nosso pensamento a maior parte delle. A virtude maltratada encontra alivio na mesma persecução, porque a vaidade lhe suggere em si a imagem de hum martirio: a innocencia opprimida sente menos a afflicção, porque se desvanece em considerar-se victima, de que he propriedade o ser innocente; e com effeito a constancia no soffrimento he hum justo motivo de vaidade, porque ainda na fama de hum heróe não ha tanta grandeza, como no silencio de hum homem afflicto; por isso a paciencia nunca faz rogos inuteis: hum homem mudo na desgraça parece que força a pro-

Sobre a vaidade dos homens. 63

providencia ao consolar. O merecimento desprezado entra na vangloria de crer, que todos reparaõ no descuido do premio : hum facinoroso arrasta com arrogancia os ferros; e vai com resoluçãõ para o supplicio, a vaidade que lhe anima os passos, consiste na mesma atrocidade do delicto : a mesma pobreza costuma fazer ostentaçãõ da miseria. A vaidade he de todo o mundo, de todo o tempo, de todas as profissõens, e de todos os estados.

Muitas vezes obramos bem por vaidade, e tambem por vaidade obramos mal : o objecto da vaidade he que huma acçãõ se faça attender, e admirar, seja pelo motivo, ou razãõ que for. Naõ só o que he digno de louvor, he grande; porque tambem ha cousas grandes pela sua execraçãõ; he o que basta para a vaidade as seguir, e approvar. A maior parte das emprezas memoraveis, naõ tiveraõ a virtude por origem, o vicio sim; e nem por isso deixaraõ de attrahir o espanto, e admiraçãõ dos homens. A fama naõ só se compoem do que he
he

he justo , e o raio não só se faz attendivel pela luz , mas pelo estrago. A vaidade appetitece o estrondoso , sem entrar na discussão da qualidade do estrondo: faz-nos obrar mal , se deste mal póde resultar hum nome , hum reparo , huma memoria. Esta vida he hum theatro , todos queremos nelle o melhor papel , ou ao menos hum papel de circumstancia , ou em bem , ou em mal. A vaidade tem certas regras, huma dellas he , que a singularidade não só se adquire pelo bem , mas tambem pelo mal , não só pelo caminho da virtude , mas tambem pelo da culpa ; não só pela verdade , mas tambem pelo engano : quantos homens tem havido a quem parece que de algum modo ennobreceo a sua iniquidade.

A crueldade nem sempre vem de hum animo barbaro , e feroz ; muitas vezes he hum monstro , que nasce da vaidade , considere-se o punhal cravado em hum coração , que ainda palpita , e donde o sangue que sahe , e vai regando a terra , alli se congella em parte , aqui ainda corre fu-
man-

Sobre a vaidade dos homens. 65

mando , e cheio de espirito , e calor : finalmente considere-se hum cadaver agonizante , e convullivo , e donde as feridas humas sobre as outras , apenas mostraõ lugar livre de golpe ; tudo fórma hum espectáculo horroroso : o tyranno que he o mesmo executor da crueldade , por mais que no semblante incúlque hum aspecto duro , interiormente le estremece , e se não mostra que se afflige , he porque a vaidade o anima contra o pavor que a natureza inspira. Ideou a vaidade ser a tyrannia hum attributo do poder : que mais he necessario para que os homens queiraõ medir a grandeza do poder pelo excesso , e proporçaõ da tyrannia? Até nos desvanecemos da mesma barbaridade , chamamos á compaixaõ fraqueza , e á inhumanidade valor.

Todos conhecemos os delirios , a que a vaidade nos incita , mas nem por isso deixamos de os seguir. Parece que cada hum de nós , tem duas vontades sempre oppostas entre si ; ao mesmo tempo queremos , e não

E

que-

queremos; ao mesmo tempo, condemnamos, e approvamos; ad mesmo tempo buscamos, e fugimos; amamos, e abortecemos. Temos huma vontade prompta para conhecer, e detestar o vicio; mas tambem temos outra prompta para o abraçar; huma vontade nos inclina, a outra arrasta; nos; a vontade dominante, he a que segue o partido da vaidade; por mais que queiramos ser humildes, e que tenhamos vontade de desprezar o fausto, a vontade contraria sempre vence, e se acaso se conforma, a violencia com que o faz, he hum sacrificio. A vaidade he huma especie de concupiscencia, não se lhe resiste com as forças do corpo, com as do espirito sim; a carne não he fragil só por hum principio, mas por muitos, e a vaidade não he o menor delles.

O applauso he o idolo da vaidade, por isso as acções heroicas não se fazem em segredo; e por meio dellas procuramos que os homens formem de nós o mesmo conceito, que nós temos de nós mesmos. Raras vezes somos generosos, só pela ge-

generosidade, nem valerosos só pelo valor. A vaidade nos propoem, que o mundo todo se applica em regitar os nossos passos; para este mundo he que obramos; por isso ha muita differença de hum homem, a elle mesmo: posto no retiro he hum homem commum, e muitas vezes ainda com menos talento que o commum dos homens: porém posto em parte donde o vejaõ, todo he acção, movimento, esforço. Nunca mostramos o que somos, senaõ quando entendemos que ninguem nos vê, e isto porque não exercitamos as virtudes pela excellencia dellas, mas pela honra do exercicio, nem deixamos de ser máos por aversaõ ao mal, mas pelo que se segue de o ser. O vicio pratica-se occultamente, porque cremos que a ignominia só consiste em se saber; de sorte que se somos bons, he por causa dos mais homens, e não por nossa causa: haja quem nos assegure, que não ha de saber-se hum delacerto, e logo nos tem certo, e disposto para elle; a difficuldade não está em persuadir a

nossa vontade , mas o nosso receio. Os agravos occultos callaõ-se , naõ só porque em serem occultos perdem muito da qualidade de agravos ; mas tambem porque a queixa naõ publique o atrevimento da offensa ; a vaidade naõ sente as cousas pelo que saõ , mas que se ha de dizer dellas : mil vinganças ha que se suprimem só pelo perigo de que se naõ perseba o defacato , pela vingança. Quem dissera , que sendo a vaidade , de si mesma huma cousa arrebatada , haja occasioens , em que nos pacifique , e ensine a ser prudentes : ha huma especie de arte em se disfarçar a injuria , de que naõ ha prova : a mesma vingança leva consigo huma forte de injuria , porque a confessa : a satisfação publica suppoem publica a offensa , que muitas vezes naõ o he ; ou ao menos naõ he tanto como a satisfação a faz. A paciencia he huma virtude com nota , mas raramente se arrepende quem a tem ; em lugar que o arrojo costuma trazer depois hum sentimento largo ; em hum instante nos precipita a vaidade naquil-

quillo que nos vem a servir de tormento toda a vida; mas que muito se a mesma vaidade ás vezes nos faz perder a vida em hum instante. Quem disse que o amor he cego, errou; mais certo he ser cega a vaidade. O emprego do amor he a formosura, e quem nunca a vio como a ha de amar? No amor ha huma escolha, ou eleição e quem não vê, não distingue, nem elege o amor vem por natureza, a vaidade por contagio, o amor busca huma felicidade física, e por consequencia material, e visivel; a vaidade busca hum bem de idéa, e fantasia, e por consequencia cego: a estimação dos homens he o objecto maior da vaidade; objecto vago, e que não tem figura propria em que possa ver-se. Ha porém na vaidade a differença, que tudo o que se faz por vaidade, queremos que se veja, que se diga, e que se saiba; então he fortuna a publicidade, se he que nos não parece, que o mundo inteiro não basta para testemunha: daqui vem que hum foror heroico até chega a invocar o Ceo, e a

ter-

terra , para estarem attentos a huma acção : como tudo se faz pelo estímulo da vaidade , por isso se julga perdida huma façanha , que não tem quem a divulgue ; como se hum acto generoso consistisse mais em se saber , do que em se obrar. A vaidade , que nos move , não he pela substancia da virtude , mas pela gloria della.

No desprezo da vida , he donde a vaidade se mostra altiva , e arrogante. Os clarins , que incitaõ ao combate , não são vozes , que a natureza intenda , a vaidade sim , aquella sempre vai com passo vacilante , e tremulo ; esta conduz o peito ardente , e furioso : por mais que se encontrem precipicios , e que os olhos só vejaõ fogo , e sangue , nem por isso desmaia o coração que a vaidade anima. Aquelle aquem o escudo da fortuna cobre , e que marcha resolutto , já cuida que está vendo os faustos do triunfo : aquelle que prostrado , já fica agonizando , parece-lhe que expira ou nos braços da victoria , ou nos da fama. Que felicidade de morrer !

rer ! A vaidade tira da morte o semblante pallido, e horroroso, e só a deixa ver ornada de palmas, e troféos.

O valor não he igual em toda a parte ; porque a vaidade não he em toda a parte a mesma. Ha empresas de mais, e de menos vaidade, por isso as ha de menos, e mais valor. A vaidade augmenta, e diminue, á proporção do seu motivo ; e da mesma sorte o valor diminue, e augmenta á proporção da sua vaidade. A razão do esforço regula-se pela razão da vaidade ; daqui vem, que em hum conflicto grande, os animos se elevão, e arrebatão ; porque algumas vezes he questão do destino de hum Imperio ; em lugar que o ardor he lento, quando só se disputa hum pósto ventajoso. A presença de hum Monarca não influe pouco na fortuna militar ; então quer o Soldado distinguir-se com maior excessõ, porque fica sendo memoravel a acção a que assiste hum Rei : aquella he a occasião, em que cada hum dos combatentes vaticina, que o seu nome
ha

ha de escrever-se nos annaes da historia; por isso corre a assinalar-se em hum dia, que ha de servir de epoca aos seculos vindouros: nenhum entra na peleja indifferente, todos fazem a causa sua; huns combatem pela gloria do successo, outros pela honra da assistencia; e a todos parece que o Soberano os vê. O estrepito das armas antes que chegue ao coração, inflamma a vaidade, e esta, que commummente move, então accende.

Não he isto assim na solidão de hum ermo. O mesmo homem, que fez a admiração da guerra, posto em hum bosque he outro. O susurro de huma fonte, que se despenha, o sobressalta; o movimento de huma folha, que cahê o atemorisa; o ruido, que o vento faz, o altera; tudo lhe parece huma emboçada; na mesma sombra de hum carvalho, se lhe figura hum esquadrão armado: esta he a differença, que vai de hum homem com vaidade, ao mesmo homem quando está sem ella; na campanha domina o espirito de vaidade,

no

no bosque não; por isso o valor sobra na campanha, e no bosque falta; e com effeito naquella parte adquire-se a fama, e nesta só se salva a vida; naquella consegue-se o applauso, nesta só se busca a liberdade do caminho; naquella ha muitos que vejaõ, que digaõ, e que escrevaõ, nesta não ha mais do que troncos mudos; naquella fazem Corte os Soberanos, nesta só se albergaõ foragidos; naquella todos se mostraõ, nesta todos se escondem; aquella he hum theatro de acçoens illustres, esta he hum reducto de acçoens abominaveis: finalmente alli nasce a nobreza, aqui extingue-se; alli perde-se a vida com honra, aqui conserva-se a mesma vida com ignominia. Que notaveis differenças! Em hum lugar tantos motivos de vaidade, e nenhuns em outro: por isso o valor he proprio na campanha, e no ermo he natural a cobardia. O valor falta-lhe a alma, se lhe falta a vaidade, o braço logo fica sem vigor, e sem alento o peito: no perigo em que não ha vaidade, a natureza só se lembra do horror da sua ruina.

A

A fugida traz consigo o vituperio, por isso muitos não fogem, porque os vêm; e fugiriaõ, se os não vissem; muitos se retiraõ em quanto os não conhecem mas não depois de conhecidos; como se a deshonra não estivesse na retirada, mas na noticia della: ninguem se quer expor, se a vaidade o não expoem; e ainda que a vaidade não tira o medo, com tudo esconde-o; e assim vimos a ser destemidos; não só porque a vaidade nos obriga, mas tambem porque nos engana: no meio do precipicio, não deixa ver toda a extensaõ delle, e por mais que seja certo o nosso estrago, sempre a vaidade para animarmos, o mostra como duvidoso; e sempre nos inspira que aos ouzados a fortuna favorece. A vaidade não nos deixa, senaõ depois que nos entrega á morte, e só a morte que nos acaba, he o que acaba tambem a nossa vaidade.

O facinoroso he timido, porque o crime que envilece, acobarda. A vaidade, que tambem interiormente accusa, assim como augmenta as forças

Sobre a vaidade dos homens. 75

cas donde vê alguma occasião de brio, tambem as debilita, donde encontra huma apparencia de desdouro: no crime o animo se abate, menos pelo medo do castigo, que pela qualidade d'elle; daqui vem que ha mais resolução no delicto, que não irroga infamia; e de tal sorte que o delinquente ás vezes declara por vaidade a culpa; a mesma vaidade lhe serve de tormento, e o obriga a confessar. As leis conhecerão bem este principio, por isso imaginaraõ penas vís; pozeraõ distincção no modo de as executar; e sabiamente introduziraõ nobreza, até no modo de morrer.

Ha crimes, cuja atrocidade exige huma pena ainda maior; isto he huma pena permanente, successiva, indelebil: que comprehenda culpados, e innocentes; que induza infecção fatal não só no sangue dos que estão, mas tambem no sangue dos que haõ de vir; e que faça detestavel, não só o author do crime; e a sua defendencia mas ainda a mesma lembrança do seu nome. Quantos ha que não temem o castigo, pelo que este tem

tem de insupportavel, mas pelo que tem de infame; e que o não receaõ pelo que toca a si, senaõ pelo que ha de tocar aos seus? A corrupçaõ da natureza, chega nelles a desprezar a sua propria conservaçaõ, mas não a sua reputaçãõ; desattendem ao seu opprobrio pessoal, mas não á aquelle que ha de ficar, e continuar nos que haõ de vir depois: este resto de vaidade he unicamente o que os reprime. A malicia lhes ensina, que o perder a vida não he grande pena; porque esta verdadeiramente não assenta em se perder a vida mas em a perder anticipadamente; e com effeito não he grande o mal, que sempre he infallivel por outra parte, e que por ora só consiste na circumstancia do tempo; isto he, em ser com antecedencia, e ser já, aquillo que certamente ha de vir a ser daqui a pouco: por isso o prezo, que se mata, he como hum prezo que foge; hum, e outro, illudio o castigo, porque este devia consistir na duração, e não na extincçaõ. Daquella sorte ficou, impunido o crime? Não, por-

Sobre a vaidade dos homens. 77

porque supposto se auzentasse o delinquente , cá deixou o nome e a memoria ; e nesta ainda tem lugar a pena ; contra ella se fulmina a condemnação de hum labéo perpetuo : o que acabou com a fugida , ou com a morte , foi a pena temporal , e por consequencia pena curta , porque acabava com a vida ; mas fica subsistindo a pena da ignominia , pena quasi sem fim , porque a tradição , e a historia a fazem renascer a cada instante. A vaidade faz-nos adorar o respeito , e a estimação dos homens ; por isso o desprezo afflige , ainda só considerado em hum cadaver , em huma posteridade , em hum nome ; a pena vil imposta em huma estatua faz pavor ; não pelo que he , mas pelo que representa ; o criminoso , que de longe a considera , se estremece ; por via do pensamento se lhe communica de alguma sorte a dor , e assim nem por fugir ao castigo , fica livre delle. A vaidade entende que tudo quanto he nosso he susceptivel de afflicção , e de prazer , de respeito , e de vituperio ; e assim nos persuade , que para

as razoens da mogoa , e do contentamento , a nossa semelhança tem ser, a nossa sombra vida , e a nossa estatua sentimento.

A falta de Religiaõ , e de bons costumes , faz cahir o homem no estado total de perversidade; a falta de Religiaõ consiste em se não temer a Deos, a falta de costumes resulta de se não temer os homens : e verdadeiramente quem não temer a Lei de Deos ; nem as leis dos homens , que principio lhe fica por onde haja de obrar bem ? A nossa natureza propende para o mal , por isso foi preciso prescrever-lhe hum certo modo de viver ; vivemos por regras. No exercicio do mal achamos huma especie de doçura , e de naturalidade , as virtudes praticaõ-se por ensino , o vicio sabe-se , a virtude aprende-se. Miseravel condiçaõ do homem ! O que devia saber , ignora , e o que devia ignorar , sabe: para o que nos he util necessitamos de estudo , e para o que nos he pernicioso não ; para o bem necessitamos de lembrança , e para o mal de esquecimento. He necessario

rio que nos esqueçamos do mal, que já sabemos, e que nos lembremos do bem, que devemos saber; huma cousa custa-nos a lembrar, a outra custa-nos a esquecer. O vicio sabemos sem arte, sem tempo, sem mestre, e sem trabalho; a virtude não vem commummente, senão como fruto da experiencia, da meditação, dos preceitos, e dos annos: para o vicio não necessitamos de conhecer, nem saber nada, para a virtude he nos preciso conhecer, e saber tudo. Difficultosa empreza! Exercitamos o vicio, ficando da mesma sorte que somos; em lugar que as virtudes, não as praticamos, sem que nos mirádemos; toda a vida levamos nesta emenda: feliz o que a consegue! Hum homem ás aveffas seria hum homem perfeito. Para obrarmos bem, não temos mais do que consultar a natureza, e fazer o contrario; se este documento fosse universal, e não tivesse alguma, ou muitas limitações, estava achado o meio de abbreviar huma das sciencias que nos he mais importante, então cada hum de nós

ti-

tinha em si o caso, e a lei; só com a differença, de que por obrigação da mesma lei, se havia de seguir a disposição que lhe fosse mais contraria; a sua observancia devia consistir na inobservancia, e a obediencia na desobediencia: e com effeito ha muitas cousas, que as não vê quem está no mesmo lugar, mas sim quem está em lugar opposto; outras conhecem-se melhor por aquillo que lhe he desconfórme; e outras, para serem vistas como são, não se haõ de ver diretamente. Ha muitas partes donde se não póde chegar, se logo no principio se não toma huma derrota falsa; e ainda nas verdades ha algumas, que se não pódem alcançar, senão pelo caminho do erro; para acertar tambem he necessario ver primeiro o desacerto; a qualidade da luz distingue-se melhor pelos effeitos da sombra: quem olha para os montes do Occidente, vê primeiro nascer o Sol, do que quem inclina a vista no Oriente. E assim vimos ao mundo para fugirmos de nós, isto he das nossas paixoens, e entre ellas das nossas
vai-

Sobre a vaidade dos homens. 81

vaidades , destas porém não devemos fugir sempre , porque a vaidade ás vezes he hum vicio , que serve de moderar , ou impedir os outros ; e com effeito quem não tem vaidade alguma despreza a reputação , e por consequencia a honra : esta constitue huma Religião humana , que se não póde desprezar sem crime ; por isso o homem de iniquidade he a quem desemparrou não só a virtude da raça , mas tambem o vicio da vaidade. Daqui vem que he util o ter alguma tintura de vaidade , a substancia não ; não ha de ser o corpo , mas a superficie.

Nos contratos tem pouca parte a boa fé ; as obrigaçoens não bastaõ , e as clausulas , por mais que sejaõ fortes , todas se controvertem , e pervertem : as condiçoens , por mais que sejaõ claras , escurecem-se ; nunca faltaõ pretextos para duvidar , nem meios para se fazer questãõ daquillo , em que a não póde haver. Da falta da boa fé nasce a duvida , da duvida nasce o argumento , do argumento a defuniaõ , e desta a dissoluçaõ do

contrato , ou a acção para o desfazer. No principio das nossas convenções ninguem adverte por onde possa nellas entrar a controversia, e depois de celebradas em cada ponto se achão mil motivos de disputa ; humma virgula de menos , ou de mais , he bastante fundamento para huma larga discussão. Quando se não póde negar o ajuste nega-se-lhe o sentido; e este quando se não póde mudar, interpreta-se , e vem a ser o mesmo: o que não tem interesse em cumprir o ajuste he , o que descobre nelle as implicancias , e defeitos, que os outros lhe não vem : não ha cousa mais subtil do que a malicia; a sinceridade he simples , grosseira, e innocente : o engano todo se compoem de arte; por isso a perspicacia nos homens he qualidade suspeitosa, e que tem menos valor , que o que communmente se lhe dá ; porque se não he sinal de hum animo dobrado, e infiel , ao menos he prova de que o pode ser. Quem sabe o como o mal se faz, está mui perto de o fazer; e quem sabe o como o engano se pra-

prática , também não está longe de enganar. A sciencia do engano he já hum principio delle ; que lhe falta a occasião , e a vontade ? A occasião póde offerecer-se e a vontade poucas vezes resiste a occasião. Por isso nos contratos he mais perigosa a fé nos que sabem mais ; o arrependimento he certo , quando em hum ajuste , ou não ha conveniencia , ou esta ja passou ; queremos affastar-nos do contrato ; o ponto he saber o como ; e assim para a infidelidade só nos falta o modo , a resolução não. O nosso cuidado todo está em descobrir o expediente , e isto em ordem a mostrar , que se mudamos , he por vicio do contrato , e não por nosso vicio. A repugnancia voluntaria , queremos fazer passar por necessaria : o violar a boa fé nunca nos serve de embaraço , com tanto que a violação se attribua a outrem ; e o ser a culpa nossa não importa , com tanto que pareça alheia ; aquillo em que hontem não havia nada de impossivel , porque era questão de receber , hoje he todo impraticavel , porque he

questaõ de dar ; hontem parece que os montes se reduziaõ a planicies , hoje as planicies se reduzem a montes. Qualquer cousa he hum obstaculo intratavel : assim devia ser , porque o prometter he facil , o cumprir difficiloso ; para prometter basta a intençaõ. Quem promette , exercita hum acto de liberdade , por isso pôde haver gosto na promessa ; quem cumpre , já he por força da obrigaçaõ , por isso em cumprir ha huma especie de violencia : a ninguem se obriga a que prometta , a que cumpre sim ; no prometter fazemos nós , no cumprir fazem-nos fazer ; em huma cousa nós somos o que obramos , na outra naõ ; para aquella vamos , para esta levaõ-nos ; no tempo de prometter o que vemos , saõ agradidos , no tempo de cumprir o que achamos , saõ durezas ; huma cousa nos inclina , a outra offende-nos ; quando promettemos , ficamos bem com nosco , porque nunca faltaõ agradecimento , e lifonjas , e por consequencia vaidades ; quando havemos de cumprir , ficamos mal comnosco ,

por

porque commummente nos arrependemos. Que cousa he o arrependimento, senão huma ira contra si proprio ? Estes são os motivos de que nasce a deslealdade nos contratos ; e que poucos se haviaõ de observar, se a vaidade que em tudo nos governa, não nos obrigasse a guardar a fé nas nossas convençoens ! Estas, quando se cumprem, não he por vontade, mas por vaidade ; como o nosso empenho he conservar a estimação, e opiniaõ dos homens, por isso tememos que alguém diga, que mudamos, que faltamos ao ajuste, e á palavra, ou que enganamos : todas estas expressoens infamaõ, porque contém hum caracter de reprovaçãõ universal, trazem o desprezo em consequencia, e se se justificaõ, fazem perder o nome, e o respeito, á maneira de huma proscriptaçãõ, ou anathema civil ; por isso a vaidade se estremece, e nos obriga a ser leaes, por força da nossa mesma vaidade. He justiça rigorosa : de sorte que a vaidade sendo huma parte de nós mesmos se revolta, e se dirige : e
assim

assim são poucas as cousas , que fazemos só pela obrigação , que temos de as fazer ; he necessario que outro maior motivo nos incite ; o que não fazemos pela verdade fazemos pela vaidade , e desta sorte tudo quanto obramos , he por hum principio vicioso : o bem muitas vezes desce de huma origem má ; a razão no homem he como hum licor precioso em hum vaso impuro ; o licor sempre se contamina com a infecção do vaso ; este em nós he a vaidade.

São raras as acções , que sejam illustres por si mesmas ; apenas haverá algumas , que não deixem conhecer que vem do homem. As mais das cousas admiraõ-se , porque se não conhecem ; e juntamente porque nelas ha hum rico véo , que as cobre : vemos hum exterior brilhante , que muitas vezes serve de esconder hum abyssmo horrendo ; a mesma luz armase de raios , para que não possa examinar-se de donde lhe vem os resplandores : a formosura em tudo nos attrahe ; a nossa admiração não póde passar além ; donde a encontra ,ahi
fica

fica suspenso, e cego. Isto succede nas acçoens dos homens; as mais sublimes, parece que nos cegaõ, e suspendem; e talvez seriaõ detestaveis se lhes não ignorassemos as causas. Tudo o que tem ar de grande prende a nossa imaginaçã de sorte, que não fica livre para discorrer na cousa senão no estado de grandeza em que a vê, e não para indagar de donde veio, nem como veio. As aguas que saltã de hum rochedo, e que correm velozmente para o mar, antes que lá cheguem, vã passando por lugares differentes; em huns alargã-se, em outros cabem mal; em huns achã fundo, e caminhaõ docemente, em outros só vã lavando a branca arêa; em huns murmuraõ, em outros precipitaõ-se; em huns não encontraõ embaraço, correm facilmente, e com socego, em outros detem-se, porque passaõ por penedros desiguaes em huns parece que fogem, em outros tambem parece que descançaõ; em huns vã sem rodeio, em outros retrocedem, e se quebraõ em mil giros; aqui vã re-

gan-

gando a flor do campo, alli vão banhando o junco humilde; aqui correm transparentes; e alli vão turvas, e limosas. Estas são todas as mudanças por onde passam as aguas de huma fonte, desde que deixam o rochedo donde nascem, até que entram no mar a donde morrem: confundidas hoje as suas aguas, já não são aguas de huma fonte; já não são aquellas, que vieram de hum rochedo sombrio, e cavernoso, mudado o nome, e o theatro, agora estão formando a immensidade do Oceano: já não servem de animar o prado, nem de triste companhia a hum amante solitario; já não servem de esprelho ás verdes ramas, nem o seu sussurro serve já de liquido instrumento ao canto singular das aves; finalmente já não são cristas as suas aguas, são ondas. Desta mesma sorte são os homens: assim sahem, assim buscam, e assim chegam ao estado da grandeza; a vaidade, que os leva, e acompanha, logo lhes tira da memoria o lugar de que vieram, e os que andaram, e só lhes mostra aquelle a donde

de estaõ: ha muitas cousas que não queremos, ou não podemos ver nem na sua origem, nem no seu progresso; a excellencia do fim nos occupa inteiramente e impede, que vejamos a fatalidade, ou indignidade dos seus meios; até o nosso pensamento parece que se deixa penetrar de attençaõ, e de respeito, fortuna não escolhe os homens, favorece ao primeiro que encontra, porque todos para a fortuna são iguaes, valem o mesmo; por isso o imperio do destino he absoluto, sem regras, preceitos; a vaidade nos insinua, que todos os meios, e caminhos são bons, quando se alcança: a gloria do successo regula-se pela qualidade da victoria, e não pela qualidade do vencedor; importa menos saber, quem he o que venceo, ou como venceo, do que saber sómente quem venceo: os homens só na razaõ de homens tem igual direito huns para subirem, e outros para descerem; o merecimento só se peza naquelles que cahem, e não nos que sobem. Os caminhos examinaõ-se aquelles por onde

de se não chegou , e os meios são desapprovados , quando por elles se não conseguiu ; a fortuna costuma haver os merecimentos por justificados ; a desgraça não he assim , porque os deixa duvidosos , e sujeitos ao exame : as acçoens , que conduzirão a algum fim grande , ainda que injusto , são menos aborrecidas ; e isto á imitação da luz , que introduz a claridade na mesma escuridão das trévas. Na parte em que domina algum usurpador , para elle he que se olha , e não para a usurpação ; vê-se a altura do trono , e não se vem os degrãos por onde se subiu a elle ; os meios por mais que sejaõ horrorosos , não se consideraõ , porque são como degrãos , que se pisaõ ; o ponto he que o fim seja feliz. Se a vaidade fosse huma virtude , lô nos havia de inspirar meios virtuosos ; mas como he vicio , tudo nos ensina : por isso o ser cruel , traidor , tyranno não faz horror a quem necessita da traição , da tyrannia , e da crueldade. O estado da grandeza poucas vezes se adquire justamente , a for-

fortuna parece que se irrita de que a não busquem por todos, e quaesquer modos : não ha cousa que nos faça buscar a fortuna tanto como a vaidade.

A ambição dos homens por huma parte, e pela outra a vaidade, tem feito da terra hum espectáculo de sangue : a mesma terra que foi feita para todos, quizeraõ alguns fazella unicamente sua : digaõ os Alexandres, os Cesares, e outros mais conquistadores ; heróes não por principio de virtude, ou de justiça, mas por hum excesso de fortuna, de ambição, e de vaidade. Esses mesmos, que tomados por si só cabiaõ em hum breve espaço, medidos pelas suas vaidades, apenas cabiaõ em todo o mundo : que mais podia excogitar a vaidade, do que fazer que alguns se lamentassem de ser o mundo estreito, e limitado ! Já lhes parecia que o tinhaõ todo debaixo do seu poder ; que tudo estava já lujeyto, e que ainda assim era curto imperio todo o circuito da terra, e toda a vastidão do mar. Aquella vaidade

dofa infelicidade de que se lamenta-
 vaõ, consistia em não haver mais
 mundos que pudessem invadir, de-
 vastar, vencer; era desgraça nelles o
 não poderem fazer mais desgraça-
 dos. Huma conquista injusta sempre
 começa pela oppressão dos homens
 conquistados, e pelo destroço de hu-
 ma terra alheia, por isso as façanhas
 que só tem por principio a vaidade
 do valor, reputaõ-se grandes á pro-
 porção da impiedade, com que o
 mesmo valor as executa; fazem-se
 famosas pela mesma impiedade: da-
 qui vem que nos annaes da Historia,
 a parte que se admira mais, e que
 mais se imprime na lembrança, he
 aquella em que a narraçãõ se com-
 poem de successos mais crueis; e em
 que os campos, que foraõ de bata-
 lha, cubertos ainda hoje de esquele-
 tos informes, e partidos conservaõ
 certo horror; esses campos fataes,
 em que se observaõ espectros, de
 baixo da visãõ de humas luzes vola-
 teis, e em que se ouvem ainda ho-
 je, entre o rouco som de caixas, e
 trombetas, vozes mal articuladas,
 ala-

alaridos confusos, e lamentos tristes; estes campos, que depois de muitos seculos ainda trazem á memoria representações funestas, e em que as plantas, parece nascem com medo, e que o humor, que recebem da terra, he sensitivo; esses campos finalmente foram os mesmos, em que a vaidade vencedora, arrancou os louvores para coroar as suas empresas. Que monstro inspiraria a regra de medir-se a gloria dos combates, menos pela consequencia delles, que pelo estrago; menos pela utilidade, que pela ruina; menos pela fortuna de huns, que pela desgraça de outros? Quantos maiores são os ais, os gemidos, e os clamores, tanto maior he a acção, e a vaidade de quem os move. Que imaginação barbara, e feroz, seria a que ideou no vencimento o ser superior aquelle de que resulta huma desolação universal? O ser cousa de que o mundo tome outra figura, outra ordem, outro movimento; o ver perturbadas as gentes, cheias de afflicção, e espanto; o achar todos os caminhos hu-

humedecidos com lagrimas; rubricados com sangue, e impedidos com os despedaçados corpos de mil agonisantes; o ouvir no ar em eccos entercadentes: huma multidão de soluços, e suspiros; o abater imperios, e fazer delles desertos solitarios; tudo fórma hum objecto agradável, pomposo, e illustre, em que a vaidade se inflamma, se estende, e ensoberbece. A vaidade de hum enthusiasmo heroico consiste em querer reunir em hum só braço toda a força, que a Providencia repartio por muitos; e em querer reduzir a hum só homem toda a natureza humana.

Nascem os homens iguaes; hum mesmo, e igual principio os anima, os conserva, e tambem os debilita, e acaba. Somos organisados pela mesma fórma, e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixoes, e ás mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol; a Aurora a todos desperta para o trabalho; o silencio da noite, annuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre, e se distribue em annos, mezes, e horas,

pa-

para todos se compoem do mesmo numero de instantes. Essa transparente regiaõ a todos abraça; todos achão nos elementos hum patrimonio commum , livre , e indefectivel ; todos respiraõ o ar ; a todos sustenta a terra ; as qualidades da agua , e do fogo , a todos se communicãõ. O mundo naõ foi feito mais em beneficio de huns , que de outros , para todos he o mesmo ; e para o uso delle todos tem igual direito ; ou seja pela ordem da natureza , ou seja pela ordem da sua mesma instituiçaõ ; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa he a vida para todos mais do que hum enleio de vaidades ; e hum giro succelivo entre o gosto , a dor , a alegria , a tristeza , a aversaõ , e o amor ? Ainda ninguem nasceo com a propriedade de insensivel ; a vida naõ póde subsistir , tem estar subordinada ás impressoens do gosto , e do sentimento. Todos nascemos para chorar , e para rir ; a circumstancia de chorar mais , ou menos , resulta de cada hum de nós. A violencia , e a vaidade

de das nossas paixões nos faz appetecer; e quem appetece, já se expõem aos delirios do riso, e ás amarguras das lagrimas; esse mesmo appetecer ainda só por si, he huma especie de sentimento, e de prazer; a imaginação nos anticipa tudo, por isso o nosso contentamento, ou a nossa pena, chegam primeiro do que o seu objecto; e este quando vem, já nós estamos, ou abatidos de tristeza, ou cheios de alegria: somos tão sensiveis, que os successos para nos moverem, não he necessario que esteja em nós; basta que os vejamos de lonje; a nossa sensibilidade tem maior força na nossa mesma apprehensão; daqui vem que no mal, que se espera, ou se receia, não pôde haver alivio, porque o pensamento lhe dá huma extensão maior; em lugar que o mal que já se sente, pôde consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritalizaõ para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficacia dellas se incorpore em nós,
mui-

muito antes que ellas cheguem ; e deste modo as cousas antes que as tenhamos , já são nossas ; e quando a causa se apresenta , já temos sentido os effeitos ; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar , e nos parece que ha falta naquillo que vimos a conseguir : as cousas , quando chegam , já nos acham fadiados ; porque o desejo he huma especie de gozar mais activa , e mais duravel , mais forte , e mais continua ; daqui procede o ser tão diletavel a esperanza , porque he huma especie de possessão daquillo que se espera . Quem imagina o que deseja , tudo pinta com cores lisongeiras , e mais vivas ; por isso a verdade he grosseira , e mal polida , tudo o que descobre , he sem adorno , antes faz desvanecer aquella apparencia feliz , com que os objectos primeiro se deixam ver na idéa , do que se mostram na realidade . Todas estas propensoens , e inclinaçoens se encontraõ em cada hum de nós ; e assim devia ser , porque as variaçoens do tempo , da idade , da fortuna , e dos successos ,

a todos comprehende, e a todos iguala ; só a vaidade a todos distingue, e em todos poem hum sinal de differença, e hum caracter de desigualdade, e por mais que a terra fosse feita para todos, nem por isso a vaidade crê, que hum homem seja o mesmo que outro homem. He subtil a vaidade em discorrer ; por isso nos inspira, que ha desigualdade no que he igual ; que ha differença no que he o mesmo ; e que ha diversidade donde a não póde haver : mas que importa que a vaidade assim discorra, se sempre he certo, que os homens todos são huns, e que os não ha de diferente fabrica ; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he emprestado, fingido, supposto, e exterior. Tirada a Insignia, o que fica, he hum homem simples ; despida a toga Consular, tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitão a lança, o casco de ferro, e o peito de aço, não havemos de achar mais do que hum homem inutil, e sem defeza, e por isso timido, e cobarde. Os homens mudaõ-se todas as vezes que
se

se vestem ; como se o habito infundisse huma nova natureza : verdadeiramente não he o homem o que muda , muda-se o effeito que faz em nós a indicação do habito. De baixo de hum apresto militar , concebemos hum guerreiro valeroso ; de baixo de huma vestidura negra , e talar , o que se nos segura , he hum Jurisconsulto rigido , e inflexivel ; de baixo de hum semblante descarnado , e macilento , o que descobrimos , he hum austero Anachoreta. O homem não vem ao mundo mostrar o que he , mas o que parece ; não vem feito , vem fazer-se ; finalmente não vem ser homem , vem ser hum homem graduado , illustrado inspirado de sorte que os attributos , com que a vaidade veste ao homem , são substituidos no lugar do mesmo homem ; e este fica sendo como hum accidente superficial , e estranho : a máscara , que encobre , fica identificada e consubstancial á cousa encuberta ; o véo que esconde , fica unido intimamente á cousa escondida ; e assim não olhamos para o homem ; olha-

mos para aquillo que o cobre , e que o cinge ; a guarnição he a que faz o homem , e este homem de fóra he a quem se dirigem os respeitos e atençaens ; ao de dentro não, este despreza-se como huma cousa commúa , vulgar , e uníforme em todos. A vaidade , e a fortuna saõ as que governaõ a força desta vida ; cada hum se poem no theatro com a pompa , com que a fortuna , e a vaidade o poem ; ninguem escolhe o papel ; cada hum recebe o que lhe daõ. Aquelle que sahe sem fausto , nem cortejo , e que logo no rosto indica , que he sujeito á dor , á afflicção , e á miseria , esse he o que representa o papel de homem. A morte que está de sentinella , em huma mão tem o relogio do tempo , na outra tem a fouce fatal , e com esta de hum golpe certo , e inevitavel , dá fim á tragedia , corre a cortina e desapparece : a fortuna , e a vaidade , que vem desbaratada a scena , cahidas por terra as appatencias , prostrados os actores , emmudecido o coro , trocados os clarins em flautas trif-

Sobre a vaidade dos homens. 101

tristes, os himnos em trenos, os cánticos em elegias, e em epitafios os emblemas; as rosas encarnadas convertidas em lírios roxos, os girafões em desmaiadas allucenas, entrelaçados os louros no cipreste, os cajados confundidos com os cetros, e com burel a purpura; a vaidade pois, e a fortuna, que em menos de hum instante viraõ desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte, precipitadamente fogem, e deixaõ hum lugar cheio de horror, e sombras, e donde só reina o luto, a verdade, e o desengano. Assim acaba o homem, assim acabaõ as suas glórias, e só assim acaba a sua vaidade.

A fraqueza dos nossos sentidos nos impede o gozar das cousas na sua simplicidade natural. Os elementos não saõ em si como nós os vemos: o ar, a agua, e a terra a cada instante mudaõ, o fogo toma a qualidade da materia que o produz, e tudo em fim se altera, e se empeora para ser proporcionado a nós. A virtude muitas vezes se acha com mistura de algum vicio; no vicio tam-
bem

bem se pôdem encontrar alguns raios de virtude ; incapazes de hum ser constante , e solido , apenas se pôde dar em nós virtude sem mancha , ou perfeito vicio : a justiça tambem se compoem de iniquidade semelhante à harmonia , que não pôde subsistir sem dissonancia , antes com correspondencia certa , a dissonancia he huma parte da harmonia. Vemos as cousas pelo modo com que as podemos ver , isto he , confusamente , e por isso quasi sempre as vemos como ellas não são. As paixoens formão dentro de nós hum intrincado labyrintho , e neste se perde o verdadeiro ser das cousas , porque cada huma dellas se apropria á natureza das paixoens por onde passa. Tomamos por substancia , e entidade , o que não he mais do que hum costume de ver , de ouvir , e de entender ; a vaidade , que de todas as paixoens he a mais forte , a todas arrasta , e dá ao nosso conceito a fórma , que lhe parece : o entendimento he como huma estampa , que se deixa figurar , e que facilmente recebe a figura , que se
 lhe

lhe imprime. A vaidade propoem, e decide logo, de sorte que quando as cousas chegam ao entendimento, já este está vencido; o que faz he aprovar a preocupação anterior, que a vaidade lhe introduz, e assim quando a vaidade busca o entendimento he só por formalidade e só para a defender, e authorisar, e não para aconselhar. O discorrer com liberdade, suppoem huma exclusão de todas as paixões; que os homens se possam isentar de algumas, pôde ser, mas que de todas fique isento ao mesmo tempo, he mui difficil. Tudo quanto vemos he como por huma interposta nuvem; o que imaginamos, tambem he como por entre o embaraço de mil principios diferentes, incertos, e duvidosos; e quando nos parece que a nossa vista rompeo a nuvem, e que o nosso discurso desfez o embaraço, então he que estamos cegos, e então he que erramos mais. A vaidade nos tem em hum continuo movimento, e como he paixão dominante em nós, a todas as mais sujeita, e prevalece a

to-

todas : semelhante ao impulso das ondas , a que não resiste o fragil de huma não quando o mar embravecido a faz correr com a tormenta ; o navegante parece que busca o perigo , porque não se oppoem á corrente das aguas , antes as segue ; e só assim escapa o naufragio. Quantas vezes o buscar o precipicio he o unico meio de o evitar ! A vaidade he a tormenta , ou o mar tempestuoso que nos move : o deixar de a seguir , nem sempre póde ser nem he acertado sempre ; porque a vaidade he hum mal commum , e entre os homens he culpa o não participar de hum contagio universal ; he crime o conservar-se puro no meio da impureza : essas mesmas aguas nos ensinão ; todas se movem ; o furor , com que se quebraõ , as conserva ; o seu repouso seria o mesmo que a sua corrupçãõ.

Em nada podemos estar firmes , pois vivemos no meio de mil revoluçoens diversas : as idades , e a fortuna continuamente combatem a nossa constancia ; tudo consiste em re-
pre-

presentação que começa , não para existir , mas para acabar ; menos para ser , que para ter sido. Vimos ao mundo a mostrar-nos , e a fazer parte da diversidade d'elle ; as cousas parece que nos vão fugindo , até que nós vimos a delapparecer tambem. Somos formados de inclinaçoens oppostas entre si , e temos em nós hum propensão occulta , que sobre a apparencia de buscar os objectos , só procura nelles a mudança. A inconstancia nos serve de alivio , e desopprime , porque a firmeza he como hum pezo , que não podemos supportar sempre , por mais que seja leve : e com effeito como pôdem as nossas idéas serem fixas . e sempre as mesmas ; se nós sempre vamos sendo outros ? Tudo nos he dado por hum certo tempo ; em breves dias . e em breves horas se desvanece a razão da novidade , que nos fazia appetecer ; fica invisivel aquelle agrado , que nos tinha induzido para desejar. quantas vezes esperamos as sombras da noite com mais fervor do que as luzes do dia ; não por vicio do dese-

se-

sejo , mas porque não temos forças para supportar o bem , nem para conservar o mal? Tudo nos cansa ; não só nos he preciso constancia para soffrer ; tambem necessitamos paciencia para gozar ; a mesma delicia nos importuna. Perdemos as cousas, primeiro pela nossa indifferença , que pelo fim dellas ; primeiro porque se acaba em nós o gosto , do que nellas a duração ; unicamente sensiveis quando começamos a ver , ou a alcançar ; então gozamos , depois só possuímos. Os objectos depois de vistos muitas vezes , ficam como differentes da primeira vez que os vimos ; perdem todo o nosso reparo , e attenção : os olhos facilmente se esquecem do ~~que sempre vem~~ ; não porque o costume nos tire a admiração ; mas porque a fraqueza dos nossos sentidos a não póde conservar. Oh quão diversos são em si os principios de que se compoem o homem ; primeiramente terra , e ultimamente racional ! Começa a melhorar-se desde a sua primeira origem até que vem a tornar á aquillo de que pro-

ce-

cedeo. Infeliz metamorfosis ! Tudo o que nasce he para não ser firme, nem constante : a terra apenas alenta as suas producções , quando logo as deixa , e defanima ; o mesmo firmamento , com giro rapido , esconde pela tarde os Astros que amanhecerão com a Aurora. Só a vaidade he constante em nós ; em tudo o mais a firmeza nos molesta : com o tempo, e a razão vimos a perder huma grande parte da sensibilidade no exercicio das paixões ; porém o exercicio da vaidade não se perde com a razão , nem com o tempo. O nosso gosto debilita-se , altera-se , muda-se, e tambem se acaba ; a vaidade sempre persiste , e dura : isto deve ser , porque os nosso sentidos usaõ-se ; a vaidade não : naquelles o costume os enfraquece , nesta o costume a augmenta , e aviva. A jurisdicção dos sentidos he muito limitada , porque os olhos só vem , os ouvidos só ouvem , e o tacto só sente ; e para haver ainda menos firmeza nos sentidos , estes quasi sempre estaõ enfermos ; e não póde haver constância ,
don-

donde pôde haver enfermidade , de sorte que a inconstancia não he mais do que enfermidade dos sentidos. As nossas acções dependem mais da constituição do nosso corpo , que da estabilidade da nossa vontade ; o estado do nosso animo depende da nossa disposição ; por isso a inconstancia he natural , porque logo que nascemos , entramos em hum estado continuo de mudar. O tempo não conta a nossa idade pelos annos , mas sim pelos instantes ; e cada instante de mais tambem he de mais em nós huma mudança. Caminhamos com pressa , e com gosto para o fim ; semelhantes aos rios , que apressadamente correm para o mar , donde perdem a doçura , e acabaõ. Não ha imagem mais propria da vaidade humana , do que effes mesmos rios ; nem todos tem o nascimento em hum profundo lago ; nem todos trazem do monte Olimpo a origem ; nem todos correm por entre flores , por entre platanos , e cedros ; nem todos trazem ouro nas arêas , porque nem todos vem de donde vem o Tejo ; huns
af-

assim que nascem, logo formão hum diluvio de agua, innundaõ a campanha, e com violencia, e pezo, tudo abatem, forçaõ levaõ; o leito que os sustenta, em partes se abre, se rompe, e se desfaz. Outros rios mais pequenos no principio, depois se fazem caudalosos, no caminho engrossaõ com emprestadas aguas, que recebem: huns correm por cima de esmeraldas, outros naõ tem no fundo mais do que humildes conchas, pardos feixos, verdes limos; huns nascem entre cristaes claros; outros entre rocha escura; huns passaõ escumando e com estrondo, outros só murmuraõ; huns achaõ campo largo em que as aguas se dilataõ, e em que o Sol se vê, outros correm prezos, e opprimidos por entre serras agrestes, e sombrias; huns tem alto o nascimento, porque este he no cume de altos montes, por isso ainda quando descem passaõ com estrepito, e furor; outros tem o mesmo nascimento baixo, porque este he na parte mais remota de hum valle inferior, por isso correm man-
la-

famente, e sem ruido, só se deixaõ ver e não se ouvem; finalmente huns saõ frios com excessõ, outros tem calor; huns servem de remedio, outros de mal; de huns sabe-se o principio, de outros não; huns tem nome famoso nos annaes da historia, outros apenas se conhecem. Todas estas differenças, encontraõ-se nos rios; huns pequenos, outros grandes; huns elevados, outros abatidos. Parece que tambem nas aguas ha fortuna, e vaidade. Mas que importa, a differença dos lugares, não faz que as aguas sejaõ diferentes: que humas nasçaõ nos montes, e outras nos valles; que humas venhaõ das nuvens, e outras da terra: que humas corraõ claras, e outras turvas, nada disso faz nas aguas diversidade alguma; todas saõ as mesmas na razaõ de aguas; o que succede he passarem por lugares diferentes; a natureza, o principio, e o fim he o mesmo; todas vem do mar e tornaõ para o mar; o serem as aguas muitas, de sorte que cheguem a formar hum rio, ou serem poucas, de sorte que só formem

Sobre a vaidade dos homens. III

mem huma fonte, não introduz nel-
las differença. Quem ha de dizer,
que muitos homens, juntos na razaõ
de homens, sejaõ differentes daquel-
les que estaõ sós? O mar he o centro
de donde as aguas sahem, e para
donde tornaõ; os meatos da terra
em humas partes saõ estreitos e em
outras largos, daqui vem que quando
as aguas chegaõ á superficie do glo-
bo, succede sahirem com mais, ou
menos abundancia, e assim não diffe-
rem os rios das fontes, senaõ no
diametro do canal, e em este se ter-
minar em algum monte, ou algum
valle; e nesta fórma de que se des-
vanecem esses rios? Será de passa-
rem por caminhos mais, ou menos
largos? De se juntarem huns com
outros, e fazerem mais volume? De
encontrarem diamantes? Ou de acha-
rem hum campo mais, ou menos
dilatado? Nada disso he seu. Que
lustre pôde resultar do encontro de
huma cousa alheia, distincta, separa-
da, e estranha? As aguas passaõ co-
mo saõ, e por passarem por rubins,
não se convertem nelles; nem se dig-
ni-

nificação pela qualidade do caminho: o correrem mais juntas, não lhes muda a natureza; a substancia de huma pinga de agua, he a mesma que a de hum rio inteiro; o tamanho he circumstancia exterior, e independente. Na creação do mundo não houve nas aguas differença, só houve divisaõ; a diversidade só foi no nome, e no lugar, mas não na materia original: o Espírito vivificante, e eterno, em todas infundio hum movimento proprio, circular, fecundo, e sujeito ás leis do pezo, e do equilibrio. Ha pois nas aguas o mesmo nascimento em todas, a mesma propriedade, e o mesmo fim: Assim são os homens; no seu genero, tem com ~~as aguas~~ hum paralelo, ou figura igual. Nem todos nascem na abundancia; nem a todos a fortuna lisonjea; huns parece que nascem para o descanso, outros para o trabalho, huns para a grandeza, outros para a humildade; huns para a opulencia, outros para a miseria; huns para o respeito, outros para o desprezo; huns para a memoria, outros

tros para o esquecimento, huns para a bonança, outros para a tormenta; huns para venturas, outros para desgraças; huns para as atenções, outros para os descuidos; a huns vemos subir, a outros descer. Mas que importa que no exterior do homem haja tanta diferença, se no seu interior não ha nenhuma? Que importa que sejam divertos os lugares, se nos sujeitos não ha diversidade? Quem ha de haver que diga, que o homem que está posto no elevado de huma torre, seja mais homem, que aquelle que está posto em campo raso? O homem muda de lugar, mas não muda o ser de homem; em toda a parte he o mesmo, e em nenhuma he mais, ~~nem~~ menos; pôde parecer maior, mas ser, não. O Sol no meio dia brilha mais, não porque deixe de ser o mesmo, nem porque então tenha mais luz, mas porque esta faz mais effeito em hum lugar, que em outro; no Occaso, e no Oriente he o mesmo Sol, e a mesma luz; mas não parece o mesmo. Assim são os homens; em qual-

H

queç

quer parte que os ponhaõ , todos saõ iguaes , e uniformes ; a differença , que ha entre elles , naõ tem outro fundamento , que o que vem da preocupação , e do conceito ; saõ duas cousas , e ambas vãs porque nenhuma tem realidade. A fortuna póde armar o homem com jeroglificos , e adornos figurados , mas naõ o póde armar senaõ por fóra ; quem levantar as roupas , ha de ver o ergano , e a supposiçaõ , e naõ ha de achar mais do que hum homem como os outros , cujo ornato he de pura fantasia , arbitraria , artificial , e separavel ; a fortuna póde vestir , naõ póde formar ; sabe fingir , mas naõ sabe fazer. O mesmo obsequio todo se compoem de hum ceremonial imaginario , mudavel , de instituiçaõ nacional , e variante. O incenso que algumas vezes he symbolo da vaidade e da lisonja , primeiro que exhale o seu perfume , arde ; e no ar se extingue , e se consome. Tudo o que nos recreia , e nos attrahe , he exhalacaõ , e fumo ; por isso o emprego da vaidade todo confis-

siste em dar substancia ás vozes, entidade ao modo, e corpo ao vento. A vaidade satisfeita, ou offendida, he a que nos faz buscar a solidão, e o retiro; como temerosos de perder a tristeza, em que achamos hum agrado de genero diverso. Ha muitos males, em que a vaidade parece se deleita; e ainda sem vaidade a alegria muitas vezes nos soçobra; não só o excesso, mas ainda a mediocridade della; porque nunca a gozamos sem alguma perturbação: hum receio insensivel de a perdermos, basta para opprimir-nos, e por mais que o contentamento nos extasie, nunca nos deixa em estado de não sentir. A vaidade satisfeita não nos entrega á alegria, sem primeiro a temperar, com a mesma equidade com que nunca nos entrega todos á tristeza. A uniaõ do gosto com o pesar não he incompativel, por mais infinita que nos pareça a distancia de hum a outro extremo. Tambem a vaidade, e a humildade muitas vezes se encontraõ, se unem, e se conservaõ,

A mais pura alegria he aquella que gozamos no tempo da innocencia; estado venturoso, em que nada distinguimos por discurso, mas por instincto; em que nada considera a razão, mas sim a natureza. Então circula veloz o nosso sangue, e os humores que em hum mundo novo, e resumido, apenas tem tomado os seus primeiros movimentos, os humores são os que produzem as nossas alegrias; e com effeito não ha alegria sem grande movimento; por isso vemos, que a tristeza nos abate, e a alegria nos move: o socego ainda que indica contentamenro, com tudo mais he representação da morte que da vida, e a tranquillidade póde dar descanso, porém alegria não a dá sempre. Mas como póde deixar de ser pura a alegria dos primeiros annos, se ainda então a vaidade não domina em nós? Então ló sentimos o bem, e o mal, que resulta da dor, ou do prazer; depois tambem sentimos o mal, e o bem da opiniaõ; isto he da vaidade: por isso muitas cousas nos alegraõ, que to-

ma:

tomadas em si mesmas , não tem mais bem , que aquelle com que a vaidade as considera ; e outras tambem nos entristecem , que tomadas só por si , não tem outro mal , que aquelle que a mesma vaidade lhes suppoem. A vaidade naturaliza em nós as opinioens do mundo ; e de tal sorte , que o conceito , que formamos das cousas , por mais que nos seja indifferente , ou incerto , sempre faz em nós huma verdadeira impressão de alegria , ou de tristeza. Tudo o que sabemos , he como por tradiçãõ : porque successivamente himos deixando huns aos outros as intelligencias , em que se fundãõ as nossas vaidades , e as himos passando como de maõ em maõ ; as que recebemos dos que já vieraõ ; e estas mesmas havemos de deixar aos que haõ de vir ; he huma herança , que se distribue igualmente a todos , e que todos largaõ , e entregaõ na mesma fórma que recebem ; por isso as idéas novas reputaõ-se como partos illegitimos , e suppostos , porque lhes falta a authoridade do tempo , que as devia

au-

authenticar. Tudo envelhece no mundo ; e a velhice em tudo imprime hum caracter veneravel ; a antiguidade ennobrece as vaidades , e opinioens , e destas as modernas são menos singulares , porque tem a desgraça de começar : daqui vem que não temos alegria , senão em quanto não temos vaidade , e não temos vaidade , senão em quanto não temos sciencia della. A entrada da vida he innocente , por isso então he pura a alegria ; a continuacão da mesma vida he vaidosa , por isso a alegria então he imperfeita. Nos primeiros annos vemos as cousas como ellas são , depois vemosas , como os homens querem , que ellas sejaõ ; em hum tempo a alegria só depende de nós : depois tambem depende dos outros ; naquelle a alegria vem de huma natureza ainda ignorante , e sem vaidade : depois procede de huma natureza já instruida , e por consequencia vaidosa. Que cousa he a sciencia humana , senão huma humana vaidade ? Quem nos dera , que assim como ha arte para saber , a houvesse tam-

tambem para ignorar ; e que assim como ha estudo , que nos ensina a lembrar , o houvesse tambem , que nos ensinasse a esquecer.

Somos compostos de huma infinidade de paixoens diversas , e entre ellas a alegria , e a tristeza saõ as que se manifestaõ mais , e as que saõ mais difficeis de occultar : o semblante reveste-se do estado do nosso animo , e a alma que em qualquer parte do corpo nos anima , ou se mostra prostrada , e sem acção , ou cheia de huma justa desordem , e de alento ; se se vê afflicta , nos desempara , e se retira ao fundo mais interior de nós mesmos ; contente , procura apparecer , e se faz visivel debaixo da fórma do nosso riso. Isto mesmo succede a vaidade ; não se póde esconder , por mais que tome a figura de humildade , de submissaõ , e reverencia ; a mesma vaidade quando está contente , logo se descobre , e se deixa ver debaixo de hum ar altivo , e arrogante ; se está menos satisfeita , entaõ he que toma hum ar de devoção , e desengano : com

tudo a hipocrisia da vaidade pôde durar muito ; porque como os homens de tudo se intumecem , em tudo acha a vaidade hum exercicio essencial ; por isso não só ha vaidade na alegria , mas tambem na tristeza : o homem não só se desvanece da fortuna , mas tambem da desgraça ; de sorte que a vaidade he o mesmo que huma consolação universal.

A fortuna nos dispoem para a alegria , mas não he só o que a causa ; a desgraça conduz para a tristeza , porém não he só , o que a motiva ; antes parece que ha huma certa porção de alegria , e de tristeza , que ha de passar por nós precisamente ; a fortuna , e a desgraça não a produz , só a desperta. Tudo nos he dado como por conta ; a vida , a fortuna , a desgraça , a alegria , e a tristeza : em tudo ha hum ponto certo , e fixo ; a vaidade que governa todas as paixoens , em humas augmenta a actividade , em outras diminue ; e todas recebem o valor , que a vaidade lhes dá. Estamos no mundo para ser alvos do tempo ; e deste
to-

todas as mudanças não se derigem a nós, dirigem-se á nossa vaidade: os successos fazem effeito em nós, porque primeiro o fazem na nossa vaidade; de sorte que hum homem sem vaidade seria o mesmo que hum homem insensível; o prazer, e o desgosto, que não vem das primeiras leis da natureza, são vãos em si mesmos de instituição politica, e unicamente creaturas da vaidade.

As virtudes humanas muitas vezes se compoem de melancolia, e de hum retiro agreste. As mais das vezes he humor o que julgamos razão; he temperamento o que chamamos desengano; e he enfermidade o que nos parece virtude. Tudo são effeitos da tristeza; esta nos obriga a seguir os partidos mais violentos, e mais duros, raras vezes nos faz reflectir sobre o passado; quasi sempre nos occupa em considerar futuros; por isso nos infunde temor, e cobaradia, na incerteza de acontecimentos felices, ou infastos; e verdadeiramente a alegria nos governa em forma, que seguimos como por força os

mo-

movimentos della ; e do mesmo modo os da tristeza. Hum animo alegre disfarça mal o riso ; hum coração triste encobre mal o seu desgosto : como ha de chorar quem está contente ? E como ha de rir quem está triste ? Se alguma vez se chora donde só se deve rir , ou se ri poraquillo porque se deve chorar , a alma então penetrada de dor , ou de prazer desmente aquelle exterior fingido , e falso. Só a vaidade sabe transformar o gosto em dor ; e esta em prazer , a alegria em tristeza , e esta em contentamento ; por isso as feridas não se sentem , antes lisonjeão , quando foraõ alcançadas no ardor de huma peleja , esclarecida pelas circunstancias da victoria ; as cicatrizes por mais que cauzem deformidade enorme , não entristecem , antes alegraõ , porque servem de prova , e instrumento visível , por onde a cada instante , e sem palavras , o valor se justifica ; saõ como huma prova muda , que todos entendem , e que todos vem com admiração , e com respeito ; a tristeza , que devia resultar da fealdade ,
con-

confunde-se , perde-se , e se muda em alegria , por meio das acclamaçoens do applauso ; a dor do golpe tambem se converte em gosto , por meio do remedio , e sympathia do louvor ; este attrahe a si toda a nossa sensibilidade , e deixa a natureza como insensivel , abstrorta , e indolente : assim se vê que a vaidade nos livra de huma dor como por encanto ; por isso nos he util pois serve de acalmar os nossos males ; e se os agrava alguma vez , he como a mão do artista , que faz doer para curar : e com effeito a vaidade não persiste muito em fazer sensivel a razão que nos molesta ; na mesma injuria do desprezo sabe descobrir algum motivo que ou diminue a pena , ou totalmente a tira ; lá vai buscar a Religião para fazer da paciencia o maior merecimento ; outras vezes faz que achemos nos exemplos hum alivio constante ; e que o mesmo vituperio , visto em sujeitos grandes , não só desfarça o nosso pela imitação , mas que tambem o authorize , e illustre pela razão da semelhança. A vaidade

de não coniente , que a nossa pre-
sumpção fique abatida , antes para a
conservar , lembra mil interpreta-
ções , e applicações forçadas ; da-
qui vem o excogitar a vaidade a re-
gra , de que hum dos privilegios da
grandeza , he ser superior ás maxi-
mas do vulgo , e que nella o des-
credito não desacredita , a deshonra
não deshonra , e a infamia não infa-
ma. A vaidade da grandeza parece
que he mais subtil , e mais vã do
que as outras vaidades , pois intro-
duz o poder , e a authoridade , até
no modo de pensar. Mas que impor-
ta que a vaidade estabeleça regras ,
se estas sempre ficaõ dependentes da
approvação dos homens ; e se estes
não sabem sujeitar os seus concei-
tos , senão a aquillo que he com-
mum , que toca a todos , e que a
todos comprehende? Por isso assim
como em todos póde ter lugar a
causa da ignominia , tambem em to-
dos póde ter lugar o effeito della.
A vaidade póde enganar a cada hum,
pelo que respeita a si , mas não pó-
de enganar a todos , pelo que respei-
ta

ta a cada hum. Contra a imaginação não ha poder , contra as acçoens , fim ; o pensamento em quanto não sahe da sua esféra , tem huma liberdade inteira , impenetravel , e muitas vezes insensível. Creia pois a grandeza o que quizer de si , porque tambem nós havemos de crec della o que quizermos. A sua vaidade poderá prometter-lhe , ou fingir-lhe varias izençoens , porém fundallas , não ; poderá querer introduzir , mas fazer reconhecer , de nenhuma sorte. O labéo para todos he o mesmo , e se ha nelle differença , he que nas pessoas eminentes fica sendo mais reparavel , e maior. Em huma pedra vil não ha imperfeição a que se attenda muito ; em huma pedra preciosa qualquer defeito lhe faz perder a estimação : as manchas de hum Planeta são imperceptiveis ; no Sol qualquer vapor o offusca ; o menor eclipse he de todos conhecido ; todos o calculão , todos o vem , e o medem ! Nas sombras não ha que distinguir , na luz qualquer alteração he reparavel.

A nossa tristeza nos faz parecer tudo o que vemos triste; a nossa alegria tudo nos mostra alegre; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado: os objectos influem menos em nós, do que nós influimos em nós mesmos. Vemos como de fóra as apparencias de que o mundo se compoem, por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser, nem gozamos dellas no estado, em que as achamos, mas sim naquelle em que ellas nos achão. A delicia dos olhos, e do gosto, depende mais da nossa disposição, que da sua efficacia; o mesmo que hontem nos attrahio, hoje nos aborrece; hontem porque estava sem perturbação o nosso animo, hoje porque ~~está~~ ^{est} com desalento cego; e tudo porque não somos hoje, o que honte fomos: o mesmo que hoje nos agrada, a manhã nos desgosta, e os objectos, por serem os mesmos, não causão sempre em nós as mesmas impressoens; por motivos differentes recebemos alteraçoes iguaes. O pouco que basta para affligir-nos, ou para contentar-nos,

nos , bem mostra o pouco constantes , que são em nós a afflicção , e o contentamento ; por isso huma , e outra cousa nos deixa com a mesma facilidade com que nos penetra. Como a maior parte das cousas , que sentimos , he sem razão , tambem nos não he necessario razão para deixarmos de as sentir ; espaços de tempo , em que nos esquecemos de forte , que ficamos indifferentes para tudo ; e que tudo nos fica indifferente. A mesma natureza a cada passo equivoca , e com ais denota o contentamento , e explica com gemidos o alvoroço ; as ancias , e suspiros , que acompanhaõ o tormento , tambem são do gosto a imagem , e a expressaõ mais viva. ~~A vaidade~~, que communmente produz as nossas alegrias , e tristezas , humas vezes tudo nos representa alegre , outras tudo nos offerece triste. Tambem na vaidade ha horas ; em humas occupa-se em objectos de grandeza , em outras toda se entretem em idéas de opulencia ; humas vezes realiza a nossa fantasia , em fórma , que tudo nos pro-

poem

poem já conseguido; entãõ he que a vaidade nos enche de alegria; e he tambem quando a alegria he vã, pora que o seu motivo naõ tem corpo, e só se compoem de huma visãõ, ou sonho: outras vezes a vaidade nos enfeita com adornos taõ ricos, e sublimes, que naõ podendo sopportar, nem o esplendor, nem o pezo da figura, ella mesma se desvanece; entãõ he que a tristeza nos combate, porque entãõ nos vemos como somos. O homem em si, he obra de huma intelligencia inexplicavel: Os seus adornos he que saõ materiaes; a mesma grandeza, e fausto, só consta de hum apparatus superficial, risivel e que naõ tem mais valor, que o que a vaidade e o costume lhe tem dado: o costume he tudo; as cousas naõ saõ nada; o de que fazemos tanto caso, naõ he mais, do que o modo com que os homens significãõ, ou explicaõ o respeito; o mesmo costume faz que buscamos humas cousas, e fugimos de outras; e que humas nos entristecem e outras nos alegraõ; e como hum mes-

mo

mo objecto póde ser considerado por modos mui diversos, por isso alguns ha que ao mesmo tempo nos alegrã, e entristecem; ao mesmo tempo nos fazem chorar, e rir; amar, e aborrecer; por isso os nossos affectos mudaõ-se, encontraõ-se e variaõ. Somos os instrumentos da vaidade; ella nos tempera, e poem no tom, que lhe parece; humas vezes nos levanta, outras nos abaixa; hum a vez he hum tom subtil, delicado, e agradavel; outras he hum tom aspero, duro, e pouco armoniozo. A sociedade dos homens fórma hum concerto de infinitas vozes, e de infinita diversidade. Todos choraõ, e todos cantaõ; a vaidade a todos dá porque cantem, e porque chorem; todos entraõ como partes principaes; ninguem fica destinado, sómente para ouvir, e ver; em quanto dura a acção, (isto he a vida) todos fallaõ, depois todos emmudecem; a estatua, que a vaidade enchia de ardor, e movimento; depois fica immovel, e insensível o mesmo homem, que attrahia tudo a si, depois tudo

faz fugir de si ; que notavel differença ! O mesmo que se via com gosto, e com respeito , depois se se vê , he com horror ; e isto porque finalmente veio a desfazer-se o edificio mais nobre , mais regular , e mais soberbo , a melhor architectura jaz por terra ; os marmores ficaraõ sem lustro , as çolunas sem força , os porticos sem ordem , os ornatos sem graça : já se não vem senaõ torres abatidas , muros arrancados , frizos rotos , bazes despedaçadas : não ha parte , por mais minima que seja , em que a ruina não seja universal ; he ruina , em que não póde haver reparo ; he templo , cuja destrucção não se póde reedificar por arte : os materiaes confusos , inuteis já , perdida a proporção , a medida , a correspondência , o polimento , e ainda a mesma substancia da materia , tendem desordenadamente a huma transformação fatal , impura , fetida , verminola , e horrenda ; a terra piedosamente se abre , como para recolher , ou esconder em seu seio , o mesmo que tinha sahido delle ; com a differença lastimosa de receber
em

em hum cadaver , simbolo do espanto, e da tristeza , aquillo mesmo que havia entregue em hum homem , simbolo da alegria , e da vaidade.

Os tempos , e as occasioens , tiraõ , ou daõ valor á vaidade dos homens ; e ainda que nelles se vejaõ as mesmas vaidades , com tudo ha vaidades predominantes , que se mostraõ mais em certos tempos , e que em certas occasioens se encontraõ mais. Assim como nas outras cousas , tambem na vaidade algumas ha , que saõ como filhas de hum lugar , e que em hum paiz tem mais reputação que em outro. Os vicios lá parece que dependem da fortuna ; porque as illusoens que os homens idolatraõ , ~~naõ tem igual~~ estimação em toda a parte. Assim como mudamos de destino , tambem mudamos de vaidades , naõ porque deixamos totalmente humas , para seguirmos outras ; mas porque ha vaidade que em certos tempos tem mais culto. Ainda que a terra seja o primeiro movel da vegetação , com tudo , nem toda a terra he propria para todo o

vegetal ; aquella em que nasce a rosa , muitas vezes se nega ao lirio ; alli donde o jasmim se cria , da-se mal a assucena ; lá donde o urmo reverdece , não póde tomar alento a hera : a mesma terra , baze de todo o sensitivo , só na Africa he patria do Leão , na America do Leopardo , na Asia do Elefante ; o Cisne só canta nas ribeiras do Meandro ; a Feniz só na Arabia se diz que sabe renascer das suas cinzas ; a Aguia não remonta ao Sol em qualquer parte. Isto mesmo se vê na vaidade , humas nascem com o homem ; essas são vaidades universaes , outras resultaõ das opinioens , que são proprias , e particulares a cada huma das naçoens ; essas são vaidades ~~locaes~~ e territoriaes : e nesta forma governa a vaidade o mundo , dividida em muitas classes , ou em muitos generos de vaidades. Em huma regiaõ a vaidade dominante consiste no valor , em outra no luxo em outra na origem ; muitos homens ha que fazem vaidade de alguns vicios , a que os inclina a qualidade do clima , e necessida-

de

Sobre a vaidade dos Homens. 133

de do terreno ; de sorte que aquillo
mesmo , que' em hum lugar se faz
por vaidade , em outro por vaidade
naõ se faz ; aquillo , que em huma
parte se estima por vaidade , em ou-
tra por vaidade se despreza : como a
vaidade depende da opiniaõ das gen-
tes , por isso he taõ mudavel como
a mesma opiniaõ ; e com effeito a
vaidade he cousa effencial no ho-
mem ; a especie della naõ. Vivemos
continuamente em esperanças ; e quan-
do alguma nos deixa , e nos engana ;
logo nos deixamos enganar por ou-
tra ; naõ podemos viver sem aquelle
engano. A vaidade que nos anima
primeiro ; anima todas as paixoes ;
só com a differença de que esta nos-
sa terra , ou esta terra do homem ;
naturalmente produz esperança , e
vaidade e tudo o mais vem por
força da cultura , e do artificio. O
mesmo amor está sujeito ás leis da
vaidade. Quem dissera , que o amor
que he como a alma de toda a na-
tureza , tenha na vaidade o seu prin-
cipio , e algumas vezes o seu fim.
Nascer o amor da vaidade , e morrer
por

por ella , isto he amar por vaidade , e tambem por vaidade não amar , ou deixar de amar , parece difficil de entender ; com tudo a proposição he certa ; mas como havemos de mostralla , sem entrar ao mesmo tempo em huma successiva progressão a respeito do amor , a respeito da formosura , e por consequencia a respeito das mulheres ? Sim faremos alguma digressão : mas que importa , em tudo havemos de encontrar a vaidade . Deixemos por hum pouco a vaidade só ; não sejaõ tudo reflexuens sobre o fim do homem , sejaõ algumas sobre o seu principio ; não o busquemos naquelle estado , em que elle acaba , mas sim naquelle , em que começa ; larguemos hum instante aquelle assumpto triste , e busquemos no amor hum mais alegre ; façamos da mesma digressão , divertimento , depois sempre acharemos vaidade na formosura , no amor , e nas mulheres .

O amor não se póde definir ; e talvez que esta seja a sua melhor definição . Sendo em nós limitado o
mo:

modo de explicar, he infinito o modo de sentir; por isso nem tudo o que se sabe sentir, se sabe dizer: o gosto, e a dor, não se podem reduzir a palavras. O amor não só tem occupado, e ha de occupar o coração dos homens, mas também os seus discursos; porém por mais que a imaginação se esforce, tudo o que produzir a respeito do amor, são atomos. Os que amam não tem livre o espirito para dizerem o que sentem; e sempre acham que o que sentem he muito mais do que o que dizem; o mesmo amor entorpece a idéa, e lhes serve de embaraço: os que não amam, mal podem discorrer sobre huma impressão, que ignoram; os que amam, são como a cinza fria, donde só se reconhece o effeito da chama, e não a sua natureza; ou também como o cometa, que depois de girar a esfera, sem deixar vestigio algum, desaparece.

Conhecemos as cousas, não pelo que ellas são em si, mas pela differença, que entre ellas ha, e esta dif-

differença consiste em não serem humanas o mesmo que outras são; a essência das cousas nos he totalmente occulta; e assim conhecemos os objectos, pela diversidade das figuras, e não pela substancia delles; a nossa noticia; toda se compoem de comparaçoens; por isso aquillo que não tem cousa, que lhe seja em alguma parte semelhante fica sendo inexplicavel: isto succede ao amor; ninguém o póde explicar verdadeiramente, porque não ha cousa, a que seja verdadeiramente comparavel; o mais a que o conceito chega, he a servir-se de expressoens oppostas entre si, como quando se diz, que o amor he fogo, que he neve, que he alivio, que he pena, que he luz, que he sombra.

O amor distingue-se das mais paixões, em ter por objecto hum fim corporal, sujeito á saciedade; por isso dura por intervallos. A Providencia para conservação do mundo, suscitou o amor, não só nos homens, mas em toda a natureza; ainda os insensiveis, parece que amaõ, e que sen-

sentem ; a differença deve de estar no modo de amar , e de sentir. As creaturas são mais perfeitas , á proporção que são capazes de mais amor ; e assim o amor não só he o principio da vida , mas tambem he hum final de perfeição.

Dizer que o amor procede de hum certa conformidade de humores , e de genio , mais he subtileza , que verdade ; a filosofia nesta parte não foi mais feliz que em outras , donde a sciencia consiste em saber mais termos , e palavras , e não em saber mais cousas. Digamos antes , que o amor procede da formosura ; que origem lhe havemos de dar mais nobre ? A razão mais facil costuma ser ás vezes a mais certa ; duvide-se embora da origem da formosura , porém não se duvide da do amor.

Cada cousa tem hum limite certo entre cuja extremidade se deve conter e regular ; porém esse tal limite não he facil de se achar , e no amor he quasi impraticavel , porque he huma paixão que não tem limite , e que só no excessão se mostra , e se acre-

acredita. Não ha delirio, que os homens não desculpem, quando vem de hum grande amor; ha delictos em que o perdaõ se alcança em favor do mesmo crime; entãõ aborrece-se o effeito, mas a causa admira-se; ninguém quizera o successo em si, mas todos invejaõ o motivo.

Hum amor mediocre, e vulgar só se occupa no deleite dos sentidos, e delle faz a maior felicidade; hum amor sublime alimenta-se em contemplar o objecto que ama; este he o amor humano, de quem se diz tem semelhança com o amor divino. Ha vicios, que de alguma sorte, parece que daõ documentos para a virtude. O amor ordinario he impulso da natureza; o amor subido he como huma emanação da alma; aquelle he sujeito á faciedade, e por consequencia á dor; porque a faciedade he huma especie de dor, e de tormento, porém este não he susceptivel de algum desasocego; aquelle busca fóra de si o alivio; este acha em si mesmo o contentamento; hum he como dependente da vontade de
ou-

outrem ; o outro he izento do arbitrio alheio. O nosso bem só deve depender de nós ; por isso nos fazemos infelices , á proporção que buscamos a nossa felicidade em outra parte. Mas como póde deixar de ser assim? O nosso desejo não se póde conter dentro de nós , porque os seus objectos todos são exteriores , a cada instante envelhecemos , porém os nossos desejos a cada instante se renovaõ , e renascem : vivemos no mundo rodeados de huma immensidade de cousas differentes , e estas successivamente vão sendo o emprego do nosso cuidado , e das nossas attentçoens ; todas achão em nós huma certa disposição , que faz , que a humas queremos , e a outras não ; as nossas paixões tão as que escolhem , ou reprovão ; as cousas já vem configuradas em tal fórma , que assim que nos encontraõ , logo achão , ou hum lugar proporcionado , ou incompativel , tudo aquillo em que ha grandeza , e pompa , a vaidade o recebe , e guarda ; tudo o em que se mostra formosura , o amor o abraça , e se sus-

suspende. Tudo entra em nós , ou por força de amor , ou por força de vaidade : a quem a vaidade não vence , vence o amor.

Naõ temos liberdade para deixar de amar a formosura do mundo , e das suas partes ; naõ temos livre o alvedrio para resistir ao encanto , que a natureza esconde nas suas produções. A variedade das cores , o movimento dos brutos , o canto das aves , o elevado dos montes , o amenos dos valles , a verdura dos campos , a suavidade das flores , e o cristallino das aguas , tudo attrahe a nossa admiração , e tudo nos infunde amor. A fabrica do universo he como hum retrato da Omnipotencia ; a grandeza do effeito indica a magestade da causa ; por isso o amor , ou o louvor da obra , cede em honra do artifice.

Esta insigne machina serve de delicia aos nossos olhos , e de palmo ao nosso entendimento , toda se compoem de partes agradaveis , como se inteiramente fosse tirada de hum fundo , ou principio immenso de formosura.

fura. A mesma desordem, e confusão das cousas nos recrea ; o furor dos elementos fórma hum espectáculo perfeito: o ar com os seus bramidos, a terra com os seus tremores , a agua com os seus combates , e o fogo com os seus incendios. No vento admiramos hum ar , ou espirito envisível , cuja força se emprega na ruína de muitas cousas solidas ; os terremotos já reduzirão em montes as planicies e fizeraõ planicies dos montes , como se o mundo não tivera o seu assento firme ; as aguas entre si se quebraõ , e despedaçãõ , e quanto mais horriveis , e agitadas , tanto mais nos mostraõ em liquido theatro mil vistosas apparencias ; o fogo ainda quando parece raio nos diverte , e ainda quando abraza allumêa ; a formosura até se sabe introduzir na fealdade , no horror , no espanto.

Vemos a perfeiçãõ dos objectos , mas ignoramos a qualidade delles , por isso os amamos , porque o amor quasi sempre foge , assim que conhece a natureza do que ama. Os anti-
gos

gos pintaraõ ao amor cegõ , talvez para mostrar , que o amor para ser constante , he preciso que seja incapaz de ver , e que a falta de luz lhe sirva de prizaõ. Muitas cousas estimamos sómente porque as não conhecemos , e outras porque as não conhecemos , as não estimamos , tanto he certo que não ha nada certo no mundo ; uos mesmos principios se fundaõ muitas cousas contrarias , e oppostas entre si.

A primeira coufa , que a natureza nos ensina , he amar ; e assim o primeiro affecto , que sabemos , he aquelle mesmo por onde a nossa existencia começa a ter principio. Novos no mundo porém não no amor , esse se manifesta em nós logo no berço ; alli mostramos para alguns objectos desagrado , e inclinação para outros ; a huns buscamos com rizo e de outros fugimos com medo ; huns nos servem de espanto , outros de divertimento , choramos por alcançar huns e tambem choramos por evitar outros ; como se o odio , e o amor naquella idade não tivessem outro mo-
do

do de explicar-te , nem soubessem mais idioma que o das lagrimas : tambem não he novo o chorar-se de gofio , do mesmo modo com que se chora de pena.

Nos primeiros annos da vida toda a variedade nos attrahe ; entramos neste grande theatro cheios de gofio , e contentamento , sem experiencia das impressões da dor , e ignorando os effeitos da vaidade ; por isso não temos então , nem pensamentos que afflijão , nem cuidados que mortifiquem ; não nos combatem as lembranças da morte . e se vemos os seus triunfos , ou já nos epitafios , ou já nas pompas funebres , parece-nos que está tão longe de nós aquelle estrago , que na mesma distancia , em que a nossa idéa o considera , se confunde , e desvanece o horror. Que feliz ignorancia , e que venturoso descuido ? Em continua travessura passamos aquelles annos , em que os nossos espiritos , ou por mais vivos , ou por mais alegres , apenas cabem em nós. Os campos , as flores , as aves , os rios , tudo nos serve de jogo in-

no-

nocente, e de festiva occupação: estes são os ensaios, e preludios, com que o tempo dispoem a nossa docil innocencia, e com que hum amor universal a tudo quanto vemos, depois só se reduz á aquelle amor, que tem por objecto a duração do mundo, ou a nossa mesma reprodução; por isso a poucos passos começamos a sentir hum novo impulso; aquelle agrado commum, com que viamos as cousas, já se distingue, olhando com especialidade para algumas, e com indifferença para as mais; como se estas fossem destinadas para entreter as nossas primeiras attencões, sendo só humas o para-
que nos dirigia o fim da natureza.

Estes primeiros annos todos se compoem de amor, e de esperança: estes dous affectos tomão a melhor parte de nós, ou escolhem para si aquelle tempo em que vivemos com mais vida; no seu principio, e no seu progresso he o amor huma paixão cheia de enthusiasmo, e de furor, depois perde totalmente a violencia; por isso amamos mais, quando sabe-
mos

mos amar menos ; isto he quando amamos quasi por instincto ; e com effeito o amor naõ se introduz por discurso , e se alguma vez discorre , he final que está perto de acabar ; porque o amor só he prudente quando acaba , naõ porque entaõ o seja em si , mas porque entaõ amamos como nós queremos , e naõ como o amor quer.

Culpa-se ao amor de vario , e de inconstante , sendo que as mais das vezes seria maior a sua culpa , se fosse constante , e firme : o amor só quando deixa de amar se emenda , só quando he vario se justifica , e só quando he inconstante se desculpa : quando começa , parece que naõ he erro o amor ; porque mal se póde evitar aquelle primeiro instante que nos attrahe ; aquella primeira luz que nos assombra ; aquelle primeiro agrado que nos engana : o nosso arbitrio , ou a nossa reflexaõ , vem depois , como remedio que sempre suppoem succedido o mal : naõ se póde fugir do raio despedido de huma nuvem ; o amor , ainda nos alcança com mais

pressa, e mais vigor, porque he raio, que se fórma dentro de nós mesmos: o valor consiste em arrancar a setta, por mais que fique despedaçado o peito.

Não somos firmes no amor, porque em nada podemos ser constantes: continuamente nos vai mudando o tempo; huma hora de mais he mais em nós huma mudança. A cada passo que damos no discurso da vida, himos nascendo de novo, porque a cada passo himos deixando o que fomos, e começamos a ser outros: cada dia nascemos, porque cada dia mudamos, e quanto mais nascemos desta sorte, tanto mais nos fica perto o fim, que nos espera. A inconstancia, que he hum acto da alma, ou da vontade, não se faz sem movimento; a natureza não se conserva, e dura, senão porque se muda, e move. O mundo teve o seu principio no primeiro impulso, que lhe deo o supremo Artifice; a mesma luz, que he huma bella imagem da Omnipotencia, toda se compoem de huma materia tremula, inconstante,
e va-

e varia. Tudo vive em fim do movimento; a falta de mudança he o mesmo que falta de vida, e de existencia; e assim a firmeza he como hum attributo essencial da morte.

Se em nada pois ha permanencia, e se o estado da firmeza he contrario ás leis da vida, como pôde ser que haja amor constante? Isso he hum impossivel desejado. Não ha nada izento das revoluçoens, e alteraçoes do mundo; tudo nelle se muda, porque tudo se move; por isso a firmeza he violenta, tao mesmo tempo que a inconstancia he natural. Para sermos firmes, he nos necessario força, porque temos que vencer a economia; e ordem que não permite repouso em cousa alguma; para mudarmos, a mesma natureza nos inclina e guia; semelhante a qualquer pezo, que sobe com violencia, e desce por si mesmo. O movimento, e a mudança, de que depende o fim das cousas, tambem he principio do fim dellas; sem mudança, e movimento, nem se pôde existir, nem acabar; a mesma origem da vida

tambem he da morte a causa; por isso he tão certa a morte, e tão curta a vida; porque hum, e outro extremo, nascem do mesmo modo, e se criaõ no mesmo berço.

O amor he hum iufluxo da belleza, por isso esta raras vezes anda solitaria, e quasi sempre a acompanha o amor: agradavel mas louca companhia; appetecida, mas traidora felicidade! Compoem se a formosura de huma certa modulação das partes; obra mais do acaso, que de hum cuidado especial da natureza: mas porém deve admirar-se hum instrumento, cujas cordas só produzem armonia: assim he a formosura; e he pouco de estimar aquelle, de donde só resulta dissonancia; assim he a fealdade. A formosura reside em huma forma exterior; o amor parece que he hum effeito da vontade, ou do delejo; aquella mostra-se, porém este esconde-se; este he invisivel; porém aquella vê-se: a formosura pôde dizer-se o como he, porém o amor não; porque quem o tem, sente sem saber o que, e quem o não tem, ainda o conhece menos.

Sobre a vaidade dos Homens. 149

O amor nasce da formosura, e com ella morre; e assim como póde haver amor constante, se hestaõ pouco constante a formosura? E se esta muda tanto como póde ser que o amor não mude? Ha tres progressos em tudo quanto a natureza abraça; o primeiro he de crescer, o segundo de estar, e o terceiro de diminuir; nesta lei tambem entra a formosura; cresce, está, e diminue. O amor fielmente segue a formosura; não muda quando a formosura cresce; não foge quando ella está, mas com ella diminue, e acaba. O tempo com hum passo subtil, e disfarçado lentamente imprime na belleza o seu caracter; já começa a ser tibia, a luz dos olhos; já se mostra sem sabor o agrado, e já fica sem alma a mesma graça; acabou-se pois a formosura, e apenas póde descobrir-se a sua ruina entre os mesmos sinais do seu estrago: tudo são riscos donde se vê como em padroens fataes escrita a impressaõ dos dias; tudo são concavidades, donde se mostra como em funesto exemplo gravado o rigor da tem-

tempo : essa imagem desvélo que foi da idolatria , cuidado de attençoens , e finalmente emprego que foi de tantos votos , já se vê sem altar , e sem veneraçãõ ; e trocado o culto em viterupio ; só ficou para objecto do desprezo ; como se a idade fosse algum delicto , ou fosse culpa o numero dos annos ; assim acaba a formosura , assim acaba o seu imperio , e tambem assim acaba o amor. O Sol nascendo no Oriente , vem cheio de belleza , e resplandor ; por isso tudo são attributos , tudo admiracoens , e tudo amores : as fontes o festejaõ murmurando ; as aves o annunciaõ com requebros ; e as flores com o rizo o lizonjeaõ ; mas depois de ter corrido (qual gigante) hum caminho immenso ; e depois que os resplandores se mudaõ no occaso em pallido semblante , logo acabaõ os amores , as admiracoens , e todos os tributos ; na mesma tumba , em que se apaga a luz , tambem se extingue o applauso ; na mesma sombra , em que se encobre o dia , tambem se esconde o obsequio ; e o respeito acaba

ba nas mesmas ondas, em que faz naufragio o Sol.

Succede muitas vezes mudar o amor, primeiro que a formosura mu-
de; isto dizem que faz o amor in-
grato; porém a mudança quasi sem-
pre he culpa da belleza, e não do
amor. Naturalmente a formosura he
soberba, vaidosa, impia, e arrogan-
te; não só recuza, mas despreza, não
só desdenha, mas injuria. Hum obje-
cto amavel basta para produzir amor,
mas não basta para o conservar; o
amor nasce facilmente, mas dura
com difficuldade; porque o imperio
da belleza sempre foi tyranno, e
sem brandura, não ha dominio per-
manente. O amor he acto de hum
movimento repentino; a conservaçaõ
delle vem por discurso, por isso a
primeira cousa he facil, e difficul-
ta a outra. Não ha encanto perpe-
tuo; o do amor tambem tem fim, e
em quanto dura, he por intervallos;
e ainda que o amor seja prompto,
e arrebatado em conquistar, por isso
mesmo nada tem seguro; porque o
que se toma precipitadamente, pre-
ci-

cipitadamente se larga ; daqui vem que hum moderado amor costuma ser duravel ; o que he excessivo, a sua mesma violencia o acaba ; a tormenta forte nunca dura. Mas não sei se póde haver mudezaõ no amor. Ha muitas cousas, em que a mudezaõ he contraria á natureza dellas ; e em que a abstinencia custa menos do que o uso limitado. O amar huma cousa só parece que he mais penoso, que o não amar nada ; porque com effeito o abster he menos difficuloso, que o conter ; por isso a prizaõ de algum modo molesta menos, que huma liberdade restricta : o usar das cousas com regra, tras consigo huma especie de afflicçaõ ; o não usar de nenhuma sorte, o que traz he esquecimento. Podemos fazer habito de não ter, ou de não amar, porém não o podemos fazer de amar, ou ter debaixo de algum preceito : tudo o que recebemos, ou se nos dá com condiçaõ, parece-nos violento : olhamos menos para a parte, em que a cousa he livre, que para aquella, em que o
naõ

naõ he; a prohibiçaõ sempre nos deixa suspensos, e como magoados; porque o nosso desejo naõ tem actividade naquillo que he já nosso, mas sim naquillo que o naõ he, e que naõ póde ou naõ deve ser; o que se permite naõ parece taõ bem como o que se nega; o muito que se concede, naõ consola do pouco que se prohibe; por isso o alheio nos agrada; porque nelle achamos huma negaçãõ, ou limite do que he nosso. Vemos com saudade o tempo, que passou; esperamos o que ha de vir com ancia, e para o presente olhamos com desgosto: assim devia ser, porque o tempo, que passou, já naõ he nosso; o que ha de vir, naõ sabemos se será; e só o presente, porque he nosso, nos aborrece. O amor está seguro, em quanto dura a pertençaõ; o que o perde, he a propriedade; sustenta-se mais na duvida, que na certeza; qualquer cousa, que procure, o anima, e desfalece, se lhe naõ falta nada. Isto naõ he só no amor; em tudo succede o mesmo: todas as paixoens se acabaõ, assim que

que se satisfazem ; conseguido o fim de cada huma , logo ficaõ sem vigor, e amortecidas : ninguem espera o que possuiue , ninguem deseja o que já tem , e ninguem se desvanece muito daquillo que logra ha muito tempo ; e desta sorte o amor , o desejo , a esperança , e a vaidade acabaõ-se , quando alcançaõ ; e deste modo perdemos as cousas todas as vezes que as chegamos a ter ; ou ao menos perdemos o gosto , que nos vinha do desejo , do amor , da vaidade , e da esperança. Daqui vem , que para reprimir as paixoens , nem sempre he bom meio o reprimillas ; na resistencia parece que se formão , e fortificaõ mais ; algumas nascem só da resistencia , e não pôdem existir sem ella. Da difficuldade das cousas inferimos a excellencia dellas ; o fazel-las faceis , e sem opposiçaõ , he o mesmo que tirar-lhes a graça , que as fazia appeteciveis. Em todas as paixoens se encontra a vaidade de querer vencer ; não ha victoria sem combate , e se a ha , he sem gloria , e sem merecimento. Contra hum cam-
po

põ aberto não ha desejo ; nem ardor a vaidade tem repugnancia a entrar pacificamente , armada sim ; a muralha incita , porque impede.

A vaidade , ou a soberba de huma mulher formosa , he quasi insupportavel ; ainda o amor mais fino se revolta , porque o amor ainda que jure escravidãos , nem por isso consente nellas ; e quando he bem entendido , não costuma ser vil , reverente sim ; a submissão por degenerar em baixeza não faz ao amor menos inconstante ; a firmeza não se fez para obstinação. Não he suave o jugo da belleza ; apenas se lhe pôde sustentar o pezo ; a arrogancia , que a acompanha sempre , exige condiçoens tão fortes , que o mesmo affecto , que por força as aceita no principio , depois as desvanece ; porque o amor se busca a formosura , tambem foge da aspereza ; hum genio severo , e duro , não pôde inspirar constancia , retiro sim : por mais que estejaõ preocupados os sentidos , nem por isso estaõ sempre dispostos para soffrer ; e com effeito o amor fez-

fez-se para delicia, e não para castigo; fez-se para alivio, e não para tormento, para gosto, e não para martirio. Não ha, encanto que não possa desfazer-se; por mais fortes que sejam os laços com que o amor nos prende, muitas vezes hum discurso os rompe; hum pensamento os desfaz; huma reflexão os desfata; e pela maior parte esse discurso de que nasce a inconstancia, procede da aspereza, da vaidade, e da condiçãõ da formosura.

A natureza que na producçãõ da formosura se empenha em formar hum encanto, deste não quer que seja invencivel o poder; por isso na mesma formosura include logo a tyrannia, o engano, e a vaidade, para que estes feios attributos, expostos á nossa vista ou sirvaõ de quebrar a força a esse mesmo encanto, ou ao menos possaõ limitar-lhe o effeito; e assim temos o remedio na propria origem da ruina, e no mesmo mal achamos o defensivo delle: se a belleza nos attrahe, a imperfeição do genio nos desvia; se nos enleva hu-
ma

Sobre a vaidade dos homens. 157

ma imagem viva , donde em justas proporçoens , a natureza mostrou os seus primores , tambem huma condiçãõ aspera , e desabrida nos afasta , e finalmente se a nossa propria inclinaçãõ nos tira a liberdade , o nosso entendimento nos resgata. E assim não se queixe a formosura , nem do amor , nem da inconstancia : veja primeiro se acha a culpa em si ; quanto mais que o amor , ainda que cego , nem por isso se obriga a estar sempre em hum lugar ; a inconstancia ainda que odiosa , nem por isso lhe faltaõ os motivos , que a fazem justamente ser precisa. Quantas vezes a virtude depende unicamente da mudança ! Nem sempre he traiçãõ a falta de firmeza ; nem sempre o ser vario he ser infiel ; e nem sempre o ser inconstante he ser ingrato. As semrazoens da formosura authorizaõ o nosso esquecimento , o ser sensível he o que faz ser amante ; e quem tem sensibilidade para amar , tambem a tem para sentir ; porque se a formosura nos recreia , tambem a injuria nos irrita ; se o agrado nos convida ,
o def-

o desprezo nos n. agoa; e se o amor em fim nos chama, tambem a offensa nos retira.

Sim he soberba a formosura, mas não he para admirar, pois he grande o seu imperio, he vaidosa, mas como pôde não o ser? He presumida, mas que muito se em se vendo, a sua mesma vista a lisonjea? He tyranna, que importa se he virtude esse defeito, e se nella a bondade he culpa? Na formosura acha-se a circumstancia mais essencial da luz; esta illustra, e faz claros os objectos, que estão perto dos seus raios; assim a belleza pois parece faz formosos aquelles vicios que a acompanhaõ; essa fereza, essa arrogancia, e essa mesma condiçãõ altiva, sim são imperfeições grandes na belleza, mas são como as sombras, que hum delicado pincel debuxa; e representa não para desluzir o primor da arte, mas para realçar a fineza da pintura. Huma estrella brilha mais no espantoso silencio de huma noite escura; a mais perfeita luz he a do Sol, com tudo a sua actividade nos

mo-

molesta , e escandaliza : as cousas nem por mais perfectas nos agradaõ mais ; antes alguma emperfeição as modifica em fórma que ficaõ proporcionadas ao nosso gosto ; aquillo que he perfeito em hum certo gráo , excede a nossa esféra , e por isso nem o podemos gozar , nem entender , porque o desejo não se estende adonde a comprehensão não chega. O entendimento , ou a alma he o que primeiro move , e assim tudo o que excede a nossa intelligencia , fica sendo impenetravel ao nosso affecto. Mil cousas ha perfectas no seu genero , por onde continuamente passamos sem reparo ; a mesma perfeição nos cega , e nos faz incapazes de admirar ; tudo o que distinguimos , ou sabemos , he por comparação ; de sorte que não podendo comparar , tambem não podemos conhecer : a differença das cousas entre si he a que desperta a nossa attenção , e dá lugar ao nosso conhecimento , por isso tudo o que he formado comb de hum só rasgo , de huma só linha , ou como de hum só alento , logo nos fi-

cã

ca sendo incomprehensivel; o discurso não pôde entrar naquillo em que tudo he hum, igual, ou uniforme; porque a unidade não admite combinação, e o pensamento não pôde introduzir-se facilmente, donde tudo he o mesmo, e donde não ha nem diversidade de substancia, nem desigualdade de materia. Podemos dizer, que a nossa capacidade só tem por objecto aquillo que he composto: porém tudo o que he simples absolutamente, fica sendo mysterio para nós, e por isso sempre occulto; e escondido; e assim a divisaõ, e variedade de partes, ao mesmo tempo que indica hum ser imperfecto, tambem serve de meio, que nos facilita a intelligencia das cousas, e nos conduz ao conhecimento dellas; e desta sorte alguma imperfeicão na formosura, faz-nos ver melhor o que ella tem de raro, e de admiravel; algum defeito, mostra-nos o que por outra parte ella tem de singular; e finalmente algum vicio, faz-nos reparar o que se encontra nella de virtude; e assim serve-nos de guia e

sa

sa imperfeição, esse vicio, e esse defeito.

Mas que poucas vezes se encontra na belleza aquelle certo gráo de imperfeição, que á maneira de huma sombra leve só sirva de realçar-lhe a luz! A repartição do vicio sempre he larga, e abundante, e o defeito não se communica escassamente, com profuzaõ sim: o que vemos de imperfeito na belleza raras vezes he como hum sinal, ou mancha breve, de que o alinho se adorna por arte, e por estudo; antes essa imperfeição se estende, e cresce tanto, que abraça o objecto inteiro e o escurece: qualquer mistura em pouca quantidade contamina a pureza de hum licor; huma grande porção o absorbe, e comprehende todo. Esse caudaloso Tejo não o turva hum só regato immundo, porém muitas torrentes de agua impura fazem-lhe perder o nome, e semelhança de cristal: huma só nuvem não faz sombria a claridade do horizonte, mas muitas nuvens juntas fazem de hum bello dia, huma noite escura: assim a belleza;

o vicio nella naõ costuma ser como hum regato , mas como torrente ; o que tem de imperfeito , naõ he como hum final (effeito em fim da meditaçaõ) mas como huma mancha verdadeira ; o seu defeito raramente he leve ; antes quasi sempre peza mais do que a mesma formosura. Infeliz concordia , cruel sociedade ! Quem dislera que hum mesmo objecto seja capaz de inspirar amor , e aborrecimento ! Taõ pouca distancia ha entre o mal , e o bem ? Entre a aversaõ , e o affecto , entre o perfeito , e o defectuoso , que em hum mesmo sujeito se possaõ encontrar , e unir.

A vaidade da formosura he a mais natural de todas as vaidades , he vaidade innocente ; a natureza em nada se receia tanto , como em contemplar-se a si na sua obra , e em rever-se na sua mesma perfeiçaõ : por isso a formosura he hum encanto , a que naõ resiste , nem ainda quem o tem ; ella a si mesma se namora , a si se busca , ama-se a si , e de si se rende ; he como hum effeito , que vem a re-

tor-

torquir-se contra a sua causa , ou contra o seu principio ; e como hum movimenro , que retrocede , e se dirige contra o seu mesmo impulso ; a formosura , pelo que sente sabe o que faz sentir ; e pelo que ama , conhece que se faz amar ; daqui vem que a vaidade , e a altives , são partes de que a formosura se compoem ; a mesma tyrannia , e rigor attrahe : e que haverá na formosura , que não sirva de laço , de prizaõ , de amor ?

He propriedade do amor o ser violento ; e he propriedade da violencia o não durar. O amor acaba-se em nós , não por nossa vontade , mas porque tem por natureza o acabar ; e ainda que tudo ha de acabar conosco , nem tudo espera por nós. Quando amamos , he por força , porque a formosura que nos inclina , nos vence ; e tambem he por força quando não amamos ; porque huma vez rotos os laços , ficamos de tal sorte livres , que ainda que queiramos ; não podemos tornar a elles ; e assim não está na nossa mão o não

L ii

amar,

amar, nem tambem 'o amar : o coração por si mesmo se acende, e entibiece ; nós , não o podemos inflamar , nem extinguir-lhe o ardor : alleguem os amantes esses mesmos ardores indiscretos ; fação delles merecimento para o favor ; imaginem embora , que os soluços , e gemidos , fazem ser devida a reconpensa , exaggerem penas , e martyrios , e finalmente tenhaõ a ventura de que huma belleza estimida , innocente , e incauta , creia que verdadeiramente está obrigada , e que deve attender , e conresponder : ambos se enganaõ , o amante em suppor que por amar , merece ; e a belleza em crer , que o amor he merecimento : não he tal ; porque o amor vem da formosura , e não do amante ; este não faz mais que receber huma impressãõ a que não pôde resistir : nada merece hum bronze , por receber em si a figura de huma Venus ; a maravilha não está no bronze , que recebe , mas no braço que imprime a arte não se mostra no metal mas na mão que conduz o buril , e abríe ; o bronze não pó-

póde deixar de consentir a estampa, porque não tem mais do que hum modo passivo e material; só o braço obra activamente: daqui vem que quando amamos; he porque a formosura nos obriga a amar; e assim que merecimento póde haver em pagar hum tributo natural, forçado, e inevitavel? Por isto o amar, ou não amar por razão, por discurso, ou ainda por interesse, não póde ser; porque os sentidos, não se deizaõ cativar por argumento: daqui vem que muitas vezes se ama, o que se não deve amar; isto será porque o coração não póde resistir á formosura; o mais que póde fazer, he callar dissimular, esconder: podemos não confessar, mas deixar de cair; he mui difficuloso; podemos soffrer, mas deixar de sentir, tambem não; podemos não seguir, mas deixar de appetecer he impossivel; antes o soffrimento aviva o amor, a resistencia o fortalece; porque tudo o que se reprime, se esforça; hum arco comprimido adquire mais vigor para quebrar a corda. O mesmo he não que-
rer,

rer, ou não dever amar, ou que amar. Não temos dominio no nosso gosto; as cousas agradaõ-nos, porque nos parecem agradaveis; como havemos de impedir que as cousas nos pareçaõ o que são, e ainda o que não são? Se os sentidos nos enganaõ, quem nos ha de defenganar, ou como havemos de emendar estes mesmos sentidos enganados? A razão, e o discurso não valem, ou não sabem tanto como se diz; porque o que julgaõ, he por meio de algum sentido enganador: se os olhos, e os ouvidos se distrahem, e allucinaõ, que outros sentidos temos nós, que os haja de conter ou os faça retraher? Julgamos pelo que vemos, e pelo que ouvimos: estes sentidos são em nós, como dous relatores injustos, falsos, infieis: daqui resulta, que quando o querer he culpa, essa culpa não he nossa, mas sim da formosura que nos move, e nos prende. Que culpa póde ter a cera, por receber em si o caracter de huma imagem? O marmore que culpa tem, por conservar a fórma que o artifice,

Ihe

He deus? Que culpa tem o pano por servir de campo, ou de theatro as obscenidades do pincel? E finalmente que culpa tem o ferro, por ser instrumento dos golpes, e da morte? As cousas em si são innocentes; o erro he exterior, e vem de fóra: o mal parece que não nasce, nem se cria em nós, communica-se a nós. Infelizmente o nosso coração, não he firme como o ferro, nem duro como a pedra; antes he mais tratavel do que o pano, e mais brando do que a cera; he como huma lamina original impolida, informe, e ainda sem configuração; e donde não ha nem amor, nem odio, nem culpa nem merecimento, nem virtude, nem vicio; mas he o donde tudo aquillo se poem, se faz, se introduz, se esconde.

Em todo o tempo prevaleceo nos homens o poder; elles arrogaraõ a si toda a jurisdicção legislativa: a sujeição em que ficaraõ as mulheres, foi a pena da sua primeira culpa. Aquella sujeição, que não devia ceder as regras da equidade, veio a de-

degenerar em tyrannia , e a introduzir nellas huma especie de escravidão. O ciume dos homens fabricou os ferros , e a formosura das mulheres foi o crime original , que nunca puderaõ expiar , nem remir : a mesma formosura com que as dotou a natureza , lhes tirou a liberdade ; alcançaraõ na beleza o maior favor , mas comprado por hum custo immento , isto he á custa da liberdade ; ficaraõ sujeitas aos homens por força e os homens a ellas por vontade. Infeliz , e estudada consolação ! O cativeiro costuma ser á medida da formosura ; quanto mais bellas , mais prezas : para terem alguma liberdade he preciso que não tenhaõ nenhuma formosura. Cruel situação ! Quem ha de trocar huma cousa pela outra , ou quem sabe qual das duas he melhor ? Ter liberdade , e formosura juntamente , he muito ; ter huma cousa , e perder a outra , he pouco. Quem ha de resolver-se a perder a liberdade , e tambem que mulher se não ha de affligir na falta de formosura ? As differenças são , que a liberdade em quem

quem a tem, dura sempre, a formosura não; naquella não tem dominio o tempo; neste até se conhecem os instantes; semelhante á gala de huma flor, que não tem mais duração que hum dia; e assim se vê que nas mulheres a injustiça dos homens lhes tira a liberdade assim que nascem, e pouco depois lhes tira a formosura o tempo, de tal sorte, que nem restos lhe ficaõ do que foraõ, para se consolarem do que saõ: nem pôde deixar de ser; porque o tempo não só desconcerta, mas destrõe, e arruína; cada hora deixa o seu sinal; e os instantes que diminuem a vida a proporção que passaõ, também diminuem a formosura, até que a gastaõ, e desfazem; semelhante a huma exalação, que em breve espaço se dissipa. Os annos sem deixaõ a regularidade das feições: mas de que serve huma regularidade usada? O que nella se vê he como hum debuxo, que não foi feito para imagem, mas para semelhança. Huma representação do que foi sempre he triste; por mais, que a consideração se forme

me

me huma idéa agradavel de hum monumento destroçado, e antigo, sempre o que se admira he com la tima: a imaginação fervorosa, e forte, pôde de algum modo fazer presente o que não he, mas não pôde fingir ^{te} tanto, que se não percebaõ as ruinas; os vestigios trazem á memoria a grandeza do edificio, mas sempre o mostraõ desfeito. Isto succede na belleza, acaba-se em se lhe acabando a graça: esta continuamente foge; passa insensivelmente, e o que fica; he huma estatua, huma sombra, huma figura.

Ama-se por vaidade, e tambem por vaidade não se ama. Diga-o aquella formosura a quem hum voto poderoso fez perder a liberdade. Não foi inspiração celeste a que a fez buscar a solidão de hum Claustro; tal vez foi hum infeliz amor, a quem se oppoz a vaidade. Cruel destino! Havemos de amar á vontade da vaidade, e não á vontade do amor? Mas que pouco dura o amor, quando não nasce do amor! Não ha maior combate, que o que se dá en-

entre a vaidade, e o amor; se este fica vencido, a mesma vaidade chora, e se arrepende; he victoria, que se fórma do estrago do vencedor. Hum amor desconfolado, em nada póde achar compensaçãõ; porque esta só cabe, quando ha outra cousa, que valha o mesmo; ao amor não ha cousa, que o iguale, nem valha tanto. Aquella mesma formosura, a quem a vaidade dominante fez deixar o mundo, para a livrar de algum amor humilde, sim vive retirada no limitado espaço de huma prizaõ santa: mas que importa que essa prizaõ lhe tira a liberdade das acçoens, se lhe não ha de tirar a liberdade do desejo? assim como não ha ferros para o entendimento, tambem os não ha para o coração, este ainda no meio da violencia, e da tyrannia, sempre se conserva isento e livre. Hum véo preto sempre esconde, mas não muda, nem desfaz nada do que esconde; antes tudo augmenta mais, e tudo mostra ainda maior, e mais claro do que he. Humma Communidade Religiosa coberta
de

de véos , o que faz imaginar he que cada véo encobre huma belleza , e muitas vezes o que encobre , he huma fealdade enorme ; o pensamento nesta parte he sempre favoravel , porque debaixo daquellas sombras nunca supoem outras sombras , luzes sim : ha cousas , que de se occultarem , resulta o verem-se melhor ; em vingança de hum manto escuro , tudo o que está debaixo d'elle , se nos representa perfeito , e singular ; aquella especie de rebuço o de que serve he de avivar a imaginação , de a desanimar não : tudo o que se esconde , parece-nos admiravel , só porque se esconde ; de sorte , que o occultar , he o meio de acreditar as cousas , e de dar-lhes mais valor. O mesmo he por-se aos olhos hum obstaculo , que fazellos penetrantes , e pollos em ; huma actividade , que elles não tem naturalmente : a vista , que se embaraça , adquire maior força , á maneira de huma corda , cujo vigor augmenta á proporção , que a fazem fugir do arco ; a mesma distancia em que algumas cousas se poem , as

fa-

fazem estar mais perto , e por este principio , tudo-o que se esconde, se mostra. Quem dislera , que o recato, e a modestia , mais chamaõ de que desviaõ , mais servem de convidar que de afastar ! Quem foge , parece que quer que o sigaõ ; quem deixa , parece que quer que o busquem : o mesmo he cobrir o rosto , que incitar mil vontades de o descobrir ; a desconfiança faz nascer a instancia , e o cuidado ; o engano muitas vezes se evita só com não o presumir ; e com effeito o retirar-se , e por-se em defeza , he o mesmo que dar hum sinal de guerra ; o que se guarda, e se esconde, he a primeira cousa , que se assalta ; a liberdade do porto he o que o conserva livre de invasaõ.

O estimarem-se as cousas , que não tem valor , he o mesmo que fazellas estimaveis: o que se busca comancia , não he o que se dá , mas o que se nega ; o que se permite desgosta , o que se recuza , attrahe : o amor não tem setta mais aguda , que aquella que se armou de prohibiçaõ ;

no tomar, parece que ha mais gentileza, que no aceitar, a difficuldade incita: muitas cousas não tem outro algum merecimento, que o serem difficultosas; a resistencia he o que move a vontade; tudo o que se concede, he sem favor: a impugnação faz a couza consideravel, porque lhe dá hum ar de empreza e de vencimento: os mais altos montes são os que se admiraõ, só porque custão a subir; a facilidade he aborrecida em tudo; o lustre do argumento vem da contradicção. Isto succede á formosura, a quem a vaidade prendeo só por livralla do amor: mas que pouco conseguio a vaidade. Contra o amor não ha poder, apenas se pôde impedir algum dos seus effeitos: a causa, isto he, o amor, sempre permanece cõstante; a difficuldade, o retiro, e a prizaõ fazem, que a formosura seja mais bella, e mais amante; a natureza por achar desvio, não se despersuade; a nossa industria não a pôde vencer; antes o mesmo he impedilla, que enchella de estimulo, e de alento; quanto mais a abate-

mos;

mos ; mais a fortificamos ; he enganar-nos que podemos tirar-lhe os meios ; por hum que lhe tirarmos , ella se ha de formar mil ; primeiro se ha de acabar em nós o modo de embarçar , que nella o modo de conseguir ; quanto mais a queremos ter adormecida , mais a despertamos ; o bulcar artificios para a focegar , he o mesmo que chamalla para o conflito ; o mesmo he reprimilla , que irritalla. As aguas de huma fonte correm mansamente , e sem ruido , apenas humedecem as flores , que lhe bordaõ o caminho ; mas se neste encontraõ embaraço , ou se algum penedo , que o tempo arrojou do monte se foi a travessar , e impedio o passo ; entaõ se vê que aquellas aguas , vaõ crescendo sobre si , e juntas se accumulãõ tanto , que ou rompem , e arrastaõ tudo o que as comprime , ou subindo se elevaõ de tal forte , que chegaõ ao lugar , de donde por mil partes se lançaõ , e precipitaõ. Isto vemos nas aguas de huma fonte , donde naõ concorrem mais motivos , que aquelles

les que em hum corpo fluido procedem do pezo, e do equilibrio. Só nas mulheres não queremos achar naturalidades; prendem-se porque são mulheres, como se quando vem ao mundo, trouxessem na razão do sexo escrita a condenação; e que a formosura só lhes fosse dada para regular-lhes os grãos de desventura. Quem diria aos homens, que as mulheres sendo compostas de huma materia fragil, e propensa, pode espiritalizar-se em fórma, que todas se convertaõ em discurso racional? Trabalhe embora o ciume, juntamente a vaidade; o ciume em procurar que a mulher se não incline, e a vaidade em prescrever documentos á belleza, para que não ame sem certas proporçoens, e identidades; nem o ciome, nem a vaidade haõ de alcançar aquelle intento; o amor não admite força nem imperio; ninguem ama, nem defama por preceito. Quem ha de tirar o gosto, que a alma sente, quando os olhos; ou o pensamento lhe mostraõ hum objecto lisonjeiro, e agradável? Como se ha de fazer, que

que a boca seja insensível ao sabor de hum manjar delicioso; e os ouvidos como podem deixar de suspender-se ao som de huma voz sonora, e cheia de harmonia? As primeiras qualidades não se podem mudar. Não podemos dar leis ás cousas, ao exterior dellas, sim; as palavras, e as acçoens admittem composição, e fingimento, a substancia dellas, não; por isso não he facil desaprovar, o que os sentidos approvaõ. Quem ha de reduzir a formosura a crer que deve fugir de quem a busca, e que deve querer mal a quem lhe quizer bem?

Oh quantas vezes hum pretexto divino serve para authorisar humanos interesses! As cousas mais santas sabem os homens applicar a fins os mais injustos: qualquer semrazão para ser permittida, basta que seja necessaria; o ponto he, que haja quem saiba introduzir a necessidade della: os principios mais inalteraveis se alteraõ; o ponto he que o interesse, ou a vaidade sejaõ partes. As regras não governaõ aos homens, estes he que

governão as regras. As leis não comprehendem ao legislador, nem aos que estão junto d'elle; as prerogativas do poder parece, que são communicaveis até huma certa distancia; dahi para baixo ficaõ tendo como huma luz, de que se acabou a esfera. Só nos effeitos visiveis da Omnipotencia não vemos, que nenhum se mude, nem altere; o movimento dos astros, o progresso do tempo, a regularidade das aguas, tudo guarda huma ordem certa, e infallivel: o Artifice supremo não communica o seu poder, mais do que a si mesmo, isto he, á sua providencia, por isso as leis, que elle ideou no principio, e antes dos seculos, são as mesmas que subsistem hoje. Quem viu ainda, que houvesse dia em que as aguas não crescessem, e baixassem? Que o Sol se apartasse do Zodiaco, que a Lua deixasse as suas phases, que as Estrellas fixas variassem, e que o firmamento não circumvolvesse em vinte e quatro horas o universo? Quem ha que não admire as successões do tempo nas estações

do

do anno , a vegetação da terra , a produção dos animaes , a dureza das pedras , a virtude das plantas , a variedade das cores , o cheiro dos aromas , o encanto das vozes , os impulsos da attracção , do repouso , e do movimento? Finalmente todas as cousas ainda observão o mesmo ser original , a mesma correspondencia , e a mesma economia , com que o Author do mundo as fez : tudo o que foi de instituição divina , e que não depende da execução dos homens , permanece sem alteração ; aquillo porém , que tem com os homens alguma relação , ou dependencia , ficou , e está sujeito a huma continua mudança , e contrariedade. As leis primitivas , que ainda antes de serem gravadas em marmore , e em taboas , forão , e estão escritas nos coraçoes , essas são as primeiras , que segundo as contingencias , para se não guardarem , se interpretão. Daqui vem que nascendo todos livres , a liberdade he contra quem os homens tem conspirado mais. As Clausuras , que forão santamente inf-

tituidas e praticadas prudentemente, depois não sei se vieraõ a degenerar em hum modo de tirar-se a liberdade aos homens, e às mulheres, e nestas veio a cair o rigor do excesso: não fallo das que por desengano e conhecimento proprio, buscaõ aquelle estado de virtude, mas sim daquellas a quem se fez tomar aquelle estado, ou por castigo do que fizeraõ, ou por castigo do que poderiaõ fazer, e com effeito o poderem algum tempo delinquir, já lhes serve de delicto; nellas o mal futuro, e incerto, já se suppoem presente; o poder algum dia succeder, val o mesmo que o successo; a disposição para ser, he o mesmo que ter sido; a possibilidade he o mesmo que realidade; e desta sorte, aquelle castigo, chega primeiro que o peccado, e aquella pena vem primeiro do que a culpa; o supplicio antecede o crime. Cruel cautella, vingança premeditada! A vaidade, e crime dos homens, parece que accusaõ as mulheres, ainda antes de nalcerem; as mesmas partes saõ juizes; por isso

logo vão prevenindo os carcereiros, para donde destinão aquellas infelices, e para donde as conduzem, antes que ellas se conheçam, e poucos annos depois que nascem: assim devia ser, porque sempre foi propriedade da victima o ser innocente; alli se vão costumando aos ferros á maneira de huma fera preza, que já não sente o pezo da cadea, antes com ella joga, e se diverte, á proporção que a arrasta, e move. Prendem-se as feras, e tambem se prendem as mulheres; aquellas por causa da braveza, estas por causa da mansidão; aquellas porque se enfurecem, estas porque se enternecem; aquellas porque assustaõ, estas porque agradãõ; humas porque he necessario fugir dellas outras porque he necessario que ellas fujaõ; e finalmente humas porque mataõ, e outras porque daõ vida. A prizaõ, com pouca differença he a mesma, os motivos são contrarios. Do fundo de hum deserto inculto se vão defentranhar as feras; prendem-se para que não fação mal; este he o pretexto, porém a ver-

a verdade he que se prendem as feiras , para que sirvaõ de recreio , e tambem de lisonja á vaidade em ver sujeito por industria , e arte , aquillo que se naõ sujeita por força nem vontade. As mulheres que foraõ encaminhadas para os Claustros , he para que sigãõ nelles o exercicio das virtudes ; este he o pretexto , porẽm a verdade commummente he para que as mulheres naõ se inclinem , nem amem desigualmente. O interesse he da vaidade ; por isso as mulheres , que se offercem a Deos por aquelle modo , naõ se offercem mais do que á vaidade. Saõ , como oblaçoens de engano , que sendo a apparencia huma o objecto he outro ; e saõ como o incenso , que se faz arder em huma parte , para que o ar divirta o fumo para outra, Imaginaõ os homens , que haõ de enganar a Deos , e para isso entraõ primeiro a enganar-se a si ; começaõ a querer persuadir-se que obraõ bem , e se a consciencia os contradiz , e inquieta para a suffocar naõ faltaõ opinions , doutrinas , e conselhos ;

tu-

tudo em ordem a que proposto o caso revestido de certas circumstancias, fique parecendo licita a impiedade; e a transgressão, e a violência. A verga de que hum mal he permittido para evitar-se outro maior tem os homens estendido, e subtilizado tanto, que de illação em illação vem a chegar ao ponto, que não ha mal por maior que seja, que não seja tolleravel; e da mesma sorte, de consequencia em consequencia vem a concluir, que não ha iniquidade que não seja ás vezes necessaria, nem injustiça, que não seja justa. Prenda-se pois as mulheres para que se evite o mal de que ellas amem; sejam conduzidas por força para os Claustros para que não succeda que as amemos nós; saião do berço para aquellas sepulturas, porque pôde haver perigo na demora, e assim conhecão a morte, antes de conhecerem a vida; e saião como he a prisão, antes de saberem como he a liberdade.

O nosso engenho todo se esforça em pôr as cousas em huma perspectiva

tiva tal , que vistas de hum certo modo , fiquem parecendo o que nós queremos , que ellas sejaõ , e naõ o que ellas saõ. O discurso he como hum instrumento lizonjeiro , por meio do qual vemos as cousas , grandes , ou pequenas , falsas , ou verdadeiras. O nosso pensamento naõ se accomoda ás cousas , accommoda-se ao nosso gosto. O amor , a vaidade , e o interesse saõ os moldes em que as cousas se formaõ , e configuraõ para se appresentarem a nós ; e com effeito nenhuma cousa se nos mostra como he , contra nossa vontade. Nunca estamos taõ indifferentes , como nos parece ; as paixoens naõ consentem neutralidade ; aquillo que entendemos , que naõ importa , costuma levar consigo hum interesse occulto , por isso nos importa mais. O amor e a vaidade às vezes se concentraõ , e disfarçaõ tanto , que nós mesmos dentro de nós , os naõ podemos descobrir , apenas se fazem visiveis pelas obras semelhantes ao fogo escondido na pederneira , que se naõ deixa ver , se naõ he incitado pelo
irn-

impulso do fuzil: daqui vem que tudo o que fazemos, he sem perceber o principio porque fazemos; por isso o que se faz por amor, ou vaidade, parece-nos que he feito por zelo, ou por virtude. Qual he o hypocrita, que conhece a sua hipocrisia? Qual he o vanglorioso, que conhece a sua vaidade? Qual he o amante, que conhece o seu delirio? Que facil cousa he o distinguir tu do nos outros, e que difficiloso o distinguir alguma cousa em si! Qual he o pai, a quem o filho parece enorme? Naõ só ha geraçõ de filhos; tambem ha geraçõ de acçoens: as nossas maldades naõ nos parecem mal, porque saõ nossas, nós fomos os que as produzimos: a natureza naõ só he mai do que faz perfeito, mas tambem do que faz defeituoso; he piedosa ainda com hum monstro, naõ por ser monstro, mas porque ella o fez: a terra naõ só cria a rosa, mas tambem os seus espinhos; naõ se empenha em produzir o bom, mas em produzir: a perfeiçã de alguma forte naõ se comprehen-

hende na ordem da maternidade, mas he cousa como adventicia, estrangeira, e accidental. Nas acçoens dos homens tambem deve de haver alguma especie de fecundidade; esta fica satisfeita só com as acçoens, contenta-se com ser progenitora; a qualidade do que produz fica sendo como materia separada; por isso a nossa inclinação toda se dirige a obrar; a qualidade da obra, he eleição do amor do interesse, e da vaidade. Origem depravada, pessimos consultores! Que póde obrar o amor, senão desvarios? Que se póde esperar do interesse, senão injustiças; e a vaidade que póde fazer senão tyrannias? Estas são as que guião para os Claustros tantas formosuras desgraçadas: não são desgraçadas por hirem para os Claustros, mas pelo modo com que vão. Que maior desgraça do que deixar o mundo por força, e ficar nelle por gosto? Como ha de chegar á terra de promessa quem leva o Egypto na memoria? Quantas estatuas de sal se haviaõ de ver, se as mulheres se con-

ver-

vertessem nellas por olharem para o seculo que deixão ! As galas com que vão ornadas he o encanto que lhes vai suspendendo , e enganando a dor ; semelhantes ao cordeiro manso , que primeiro o cobrem de flores , para o hirem entregar ás chammas : ornatos alegres , e luzidos , mas terneræes ! Quaes são as mulheres que não choraõ ao proferir das palavras fataes , porque se obrigaõ até a morte ? Esta sentença irrevogavel ellas mesmas são as que cantando em altas vozes a publicaçõ : mas que pouco pôde encobrir o fingimento do canto , a verdade da lamentaçõ ! Que doçura pôde haver em huma voz agonizante ? A consonancia sempre se vem a terminar em pranto ; aquillo não são vozes são eccos do coração ; o ecco he o fim da voz que acaba ; por isso todo o ecco he triste porque he fim ; e com effeito o que se vê naquella hora , he o fim de huma mulher que acaba : o mesmo vêo que a cobre , he luto ; tudo nella são sinais de afflicçõ , e de tormento , por isso leva os olhos

aba-

abatidos , errantes , e confusos ; os passos mal seguros , o aspecto vacillante , e tímido , e assim mais parece , que caminha para o tumulto , que para o tálamo : as lagrimas sãõ interpretes da alma , sãõ as primeiras que reclamaõ tudo quanto alli se diz , e se promette ; ellas negãõ o que as palavras affirmaõ : a quem liavemos de crer mais ? Pelas lagrimas se explica a alma , pelas palavras muitas vezes se explica o engano : quem chora certamente sente ; quem falla só se exprime : por força podemos dizer o que não queremos , nem sentimos , mas não se pôde sentir , nem querer por força , aquillo que na verdade nem se sente , nem se quer : a lingua sabe mentir , os olhos não ; por isso os votos , que se fazem com violencia , sempre se fazem com lagrimas , e tambem por isso raras vezes se cumprem ; porque o coração , e a vontade não prometterãõ nada : aquillo que só exteriormente se promette , só exteriormente se guarda ; as palavras sem tenção não formaõ Sacramento , o que se

faz

faz por temor, não obriga : hum sacrificio involuntario, he sacrificio, de sangue, e Deos não se agrada já dos holocaustos.

Mas que grande differença vai de huma mulher , que professou por força , a huma que professa por vontade ! Esta deixou verdadeiramente o mundo ; a outra apenas mudou nelle de lugar : ambas entraraõ no Templo , porém huma só entrou para o profanar ; huma foi chamada por Deos , a outra foi mandada pelos homens ; huma foi para achar hum Esposo divino , a outra foi porque não achou hum esposo humano : ambas foraõ para a Riligiãõ , porém só huma ficou sendo Religiosa ; ambas professaraõ , porém couzas contrarias , porque o que huma professou , não quiz professar a outra ; ambas disseraõ o mesmo , porém huma só disse de boca , o que a outra tambem disse do coração ; huma fez o sacrificio , a outra só fez a cerimonia ; huma fez o que a outra representou ; huma fez o que mostrava que fazia , a outra só fez a forma , ou a figura : ambas se obrigaraõ aos tres

tres votos ; porém huma foi com tenção de os observar , e a outra foi sem tenção nenhuma de os cumprir ; e isto he porque huma deixou os seus penfamentos fóra , e a outra nem os deixou , nem os levou : ambas hiaõ para jurar guerra ao amor , e á vaidade , porém huma ainda queria paz com a vaidade , e com o amor ; esta ainda tinha os idolos inteiros , e a outra , ou os não tinha , ou os tinha já quebrados : finalmente ambas estaõ no caminho da virtude , mas nem por isso eraõ ambas virtuosas ; por hum mesmo caminho hiaõ a partes differentes : o mesmo vento serve para muitos rumos ; a mesma estrella serve de guia , para os que negavaõ encontrados ; ás vezes a origem do bem produz o mal ; no mesmo lugar em que nasce a vida , se cria a morte ; as cousas que saõ contrarias no fim , ás vezes saõ as mesmas no principio ; de hum mesmo tronco nasce ramos oppostos ; por huma escada sobem huns , e descem outros ; a Religiaõ he a escada por onde se sobe ao Ceo , mas a nin-

ninguém se ha de fazer subir por força; porque entãõ ha o risco de cahir. Muitas mulheres entraõ nas clausuras, porém humas vaõ ser pedras de escandalo, e outras vaõ ser imagens de hum alma santa; humas vaõ perverter, e outras edificar; estas saõ as que estando ainda na terra, já estaõ vendõ os Ceos abertos: almas ditosas, pois que do instante em que foraõ buscar a Deos, logo começaraõ a ser bemaventuradas! E que bem vieraõ a saber, que para achar a Deos, basta o buscallo: unidas em espirito a hum Esposo eterno, cujo amor he divino, cujo poder he supremo, e cuja misericordia he infinita; já parece que vivem transformadas nelle. Feliz semelhança de huma transubstanciação prodigiosa! E quem duvida que he celestial hum alma em quem Deos vive, e que vive em Deos? por isso nella póde pouco a humanidade, porque a mesma graça que a anima, tambem a exalta e fortifica: a mortificação naõ lhe serve de tormento, de alivio sim, o seu martyrio he a sua gloria. Que meio admiravel de converter em gosto as penalidades da vida;

vida ; e que remedio infallivel para que a dor sirva de delicia !

Que se enfureça o mar, que o universo trema, e que as nuvens chovão rayos, nada atemorita a huma consciencia justa : a virtude leva consigo a tranquillidade ; esta he semelhante a hum dia sereno, e claro em que todo o horizonte se cobre insensivelmente de huma luz brilhante e igual ; e em que toda a natureza se alegra e enche de vigor e alento : entã se vê que os campos variamente matifados mostrã a verdura mais viçosa, e que de mil producçoens diversas formã hum labyrintho facil, vivo e agradavel ; entã o ar puro e immovel, faz que as fontes corraõ e não murmurem ; que as aves cantem com mais suavidade, e mais ternura ; e que as flores cresçaõ livremente : assim devia ser, porque em hum bello dia, não ha vento que encrelpe as aguas, que perturbe as aves, e que desfolhe as flores : só entã he que os montes saõ amphitheatros que se vem de decoraçaõ aos valles ; e estes pelo seu silencio, saõ os que despertaõ na memoria, hu-
ma

na contemplação activa, cheia de fervor, e laudade: finalmente em huma alma virtuosa tudo he descanso, e paz. Neste estado vive aquella que foi ser Religiosa verdadeira; a outra que só o foi no modo da cerimonia, vive afflicta, arrependida, e embaraçada; tudo parece que lhe foge; nada alcança, sempre traz opprimida a vontade, o desejo ancioso, a esperança cançada, os passos irresolutos, e o pensamento occupado em ambiçoens, amores, e vaidades. Não póde haver maior desafogo porque a ambição, por mais que configa, nunca se contenta, e a inveja que a acompanha, só lhe faz notar com averião os bens dos outros, a vaidade em presumpçoens e altivez, se consome; a arrogancia que lhe assiste, para confusão, faz acordar nas gentes a noticia de huma origem miseravel, e por consequencia de hum injusto e mal fundado orgulho; o amor tudo se compoem de ancias e suspiros; hum amante, só em quanto chora, he firme; ama em quanto tem de que

se queixe ; o que faz acabar o amor he a ventura : rigorosa felicidade , pois que para existir , he necessario que não chegue , e para durar , he necessario que a não haja ! Sempre o amor depende de contradicções , e de implicancias : e assim se vê que a vaidade , o amor , e ambição , são os verdugos de huma alma peccadora ; por isso vive em sobrefaltos , e vive cuidadosa sem saber de que , e inquieta sem saber porque . O encanto da culpa , por mais que lhe tire a lembrança dos motivos , não lhe pôde tirar a angustia delles ; a cada passo lhe parece que a terra se subverte , ou que se abre o abyssmo ; o ruido de huma folha que cahe , a suspenção ; em cada voz cuida que ouve a fatal sentença , que sendo dada conditionalmente no principio do mundo , só se publica no fim delle . O sabio que comparou o ciuime ao Inferno , talvez que melhor fizera , se ao Inferno comparasse a fealdade do peccado , e com effeito se ha cousa que se pareça ao Inferno , certamente he o peccado , e a este

este só o Inferno pôde ser de algum modo comparavel : assim devia ser , porque huma coisa foi feita para a outra. Entre tudo o que causa espanto , só o horror de huma noite escura he semelhante á culpa ; e na verdade que maior horror do que ver a terra coberta de sombras , e combatida de huma tormenta furiosa ? As pedras parece que se quebraõ , as torres que se precipitaõ , os edificios que se abatem , e as arvores que se arrancaõ : a força da tempestade , tudo o que encontra desfaz , e despedaça tudo o que resiste ; o que he solido , e seguro , está mais exposto , e ariscado ; na fortaleza consiste o maior perigo : já não he hum , mas muitos ventos que entre si pelejaõ ; as gentes humas assombradas , buscaõ nas planicies hum emparo menos duvidoso ; as mesmas féras deixaõ as cavernas ; a todos parece que he menor o mal , entregando-se a elle sem abrigo , e sem defenza ; outras com supplicas , com votos , e protestos , recorrem ao favor da omnipotencia , e procuraõ achar nos templos hum asilo sagrado ;

do; a luz dos relampagos repentina; e palida, a cada instante se mostra, e os olhos timidos, e affustados, tambem a cada instante se fechaõ; alguma vez havia de fazer pavor a luz: segue-se depois hum diluvio de agua; abrem-se as cataractas do Ceo; os elementos se unem, como para destruir a habitaçaõ, e habitadores da terra; mil inundaçoens conduzem para o mar os sinaes lastimosos das ruinas; alguma vez havia de ser o mar quem recebesse em si os restos do naufragio. Esta pintura que a imaginaçaõ dibuxa, e que a experiencia mostra, he o retrato de huma alma em culpa; esta debaixo de hum semblante alegre, encobre sustos, temores, e agonias; o peccado tem horas em que dentro de nós mesmos nos accusa, e estas saõ as horas por onde começa a pena do peccado; o conhecer o crime he por onde começa o castigo d'elle: e quem ha que não conheça a sua culpa? Esta o que a faz criminosa, he o conhecella; a innocencia não he mais do que huma falta de saber; a ignorancia faz os
bru-

brutos impeccavejs. Todas as mulhe-
res sabem que o buscar a Clausura
por vontade, he o meio de evitar o
vicio ; mas que importa ? Nem por
isso vão por aquelle caminho , se as
naõ levaõ ; naõ basta que as guiem ,
se tambem as naõ arrastaõ. Cruel con-
dição da natureza humana ! Que oc-
cultas sympathias terá comnosco o mal,
que antes o queremos seguir por en-
tre espinhos , do que ao bem por en-
tre roças ? O caminho , que conduz
para as felicidades do Ceo , por mais
que seja largo , e alegre , parece-nos
estreito , e triste ; e aquelle que con-
duz para as felicidades da terra , por
mais que seja triste , e estreito , pa-
rece-nos alegre , e largo ; mas que ha
de ser , se somos terra. Compramos
o vicio á custa de trabalhos , e afflic-
çoens ; a virtude naõ a queremos de
graça ; ao vicio estimamos porque
depende de objectos exteriores . e es-
tes muitas vezes custosos , incertos ,
e arriscados ; desprezamos a virtude,
porque só depende de nós ; bons po-
demos ser sempre , porque basta que
o queiramos ser ; para sermos máos ,
ne-

necessitamos de occasião. Quantos
 damnos traz consigo a facilidade! Os
 tres votos, que se julgaõ taõ pezados
 quando se professaõ, sãõ os mes-
 mos com que todos vem ao mundo;
 todos nascem pobres, castos, e obe-
 dientes: a pobreza, e a obediencia
 quem as conserva he por força; a cas-
 tidade só por vontade se póde con-
 servar; e com effeito quem ha de se-
 gurar hum voto, que se quebra só
 com o desejo? A castidade do corpo
 difficultosamente se guarda, a da al-
 ma, ainda com mais difficultade, não
 sei em qual das duas consiste a casti-
 dade verdadeira; se consiste na do
 corpo, essa he material, e está sujei-
 ta a mil enfermidades, e accidentes,
 e talvez póde perder-se sem consen-
 timento de quem a perde; e seria in-
 justo, que huma qualidade taõ bella,
 e em que se funda a virtude mais
 superior, ficasse dependente da força,
 do tempo, da opiniaõ, e tambem de
 algum successo involuntario: he pois
 na alma o donde consiste a cas-
 tidade mais perfeita, e verdadeira;
 mas sendo assim, donde se ha de achar
 a cas-

castidade ; pois para corromper-se , basta hum instante de vontade , de inclinação , de pensamento , de amor ?

Na republica das letras não ha menos vaidade que na republica das armas ; sim he huma vaidade metaphisica , espiritual , e que na sua origem tem huma existencia vaga , e inconstante ; mas por isso mesmo he mais vã do que outra nenhuma vaidade. O seu objecto , são os discursos , e a disputa , objectos sem corpo , vãos por natureza , e por intuito. O campo desta vaidade he a imaginação : campo vasto ainda quando he infecundo ; e que brota lirios , e violas , quando não produz rosas , e affucenas. Assim que entramos no mundo , entramos tambem a defender a nossa opiniaõ ; neste combate se passa inteiramente a vida : a guerra do entendimento não tem fim senão comnosco ; guerra feliz em que ninguém fica vencido , ou ao menos em que ninguém crê que o foi , e em que cada hum pela sua parte canta a victoria ! A razão nos arma contra a razão mesma ; cada hum cuida que a tem

tem por si, que a vê, que a toca; e que a conhece; sendo que quasi sempre, o que temos por razão, não he mais do que huma sombra della, e ainda essa mesma sombra he tão escura, e escondida, que quando a encontramos, he mais por sorte que por experiencia, e mais por acaso que por estudo. O ter, ou não ter razão, he verdadeiramente a guerra em que se passaõ os nossos dias, e os nossos annos. O não ter razão argue vicio na vontade, ou erro no entendimento: que defeitos estes para que a vaidade os reconheça?

Contra o nosso parecer, nunca achamos duvida bastante, contra o dos outros sim. A vaidade he engenhosa em glorificar tudo o que vem de nós, e em reprovar tudo o que vem dos outros: nas producções do engenho ha huma especie de creação; daqui procede que ninguem se desdiz sem repugnancia, porque a natureza he inflexivel no intento de conservar aquillo que produz, e a vaidade nunca renuncia ao lustre da invenção; queremos produzir muito, e meditar

tar pouco, por isso erramos; mas depois que o erro se naturalisa em nós, já o não vemos, senão com a figura de razão.

He mais facil sustentar huma opiniaõ má, do que escolher huma boa; porque o erro he como hum edificio, cuja fabrica exterior he composta de huma infinidade de angulos; com algum deste encontra o discurso facilmente, porque saõ muitos, em lugar que o acerto he como hum ponto fixo no meio de huma esphera; o discurso que anda vagando à roda, não vê o ponto, porque este he só hum; do mesmo corpo nasce a sombra que o encobre: saõ innumeraveis as linhas, que se podem lançar de huma circumferencia para hum centro commum; alguma linha ha de ver-se, porque saõ muitas, e o centro não; porque he unico: a superficie do globo impede o poder ver-se a sua concavidade; ou se ha de ver huma coisa, ou outra; ambas ao mesmo tempo não póde ser.

Sobre o mesmo caso, ha muitas opinioens más, e só huma boa; por
isso

isso esta acha-se com trabalho , e a outra com facilidade. Ha mil caminhos que vaõ ter a huma má opiniaõ, e só hum conduz para a que he boa. A rectidaõ de huma linha só se faz por huma fórma , por isso he difficul-tosa ; a obliquidade faz-se por muitos modos ; por isso he facil. Cada cousa que vemos , he por entre huma infinidade de outras coizas ; a opiniaõ tambem se mostra por entre huma infinidade de outras opinioens ; e da mesma sorte a rasoã , que se offerece , he por entre huma infinidade de outras rasoens ; neste labyrintho nos perdemos. Cada coisa tem tantas partes por onde se considere , que de qualquer modo que a imaginemos , sempre achamos argumentos , que ou nos persuadem o erro , ou nos confirmaõ o acerto : daqui vem que ha opinioens para tudo , assim como para tudo ha exemplos. Aquillo , que nos parece que he sem duvida , he donde ás vezes a ha maior. As aguas do Oceano , por mais que sejaõ crystalinhas , nem por isso deixaõ ver o fundo que as sustenta , que importa que

que sejaõ claras , se saõ profundas ? Recebemos as idéas , que o entendimento nos propoem ou certas , ou duvidosas ; e assim as conservamos : o emendallas he difficil porque a emenda depende do mesmo entendimento , que erra. A vaidade faz a obstinação , porque he como hum juiz inexoravel , que nunca muda , nem reforma ; se he que o amor da producção não concorre ainda mais.

A vaidade de adquirir nome , he inseparavel de todos os que seguem a occupação das letras ; e quanto maior he a vaidade de cada hum , tanto he maior a sua applicação : não estudaõ para saberem , mas para que se saiba que elles sabem ; buscaõ a sciencia para a mostrarem ; o seu objecto principal he a ostentação , e assim não he a sciencia que buscaõ , mas a reputação ; esta he como as outras , em que o adquirir he mais facil que o conservar ; e verdadeiramente o conseguirse hum nome , pôde ser obra de hum dia , ou de huma hora ; o conservallo he empreza de toda a vida. Do accato de hum
suc-

sucesso pôde resultar hum nome grande, mas de hum accaço, não pôde resultar a conservação delle. Bem se pôde ser feliz por accaço; mas não se pôde por accaço ser sempre feliz. A fortuna não só governa as armas, mas também as letras; porque a memoria, se huma vez se permite com abundancia, nega-se mil. Em qualquer estado, se tem a reputação por felicidade; porém esta he difficil conservar-se á proporção que he grande. Algumas vezes pôde depender de nós o buscar huma occasião favoravel, de que venha a proceder hum grande nome; porém não está na nossa mão o fazello durar. Hum merecimento, ou hum saber pequeno, pôde fazer adquirir huma grande fama, e o maior merecimento junto ao maior saber, não basta para a conservar. Por mais bem fundada que seja huma grande reputação, nem por isso he possível o ter segura a opiniaõ das gentes. Os homens canção-se de admirar, passados os primeiros movimentos em que as cousas raras, attrahem, como por força, o nosso louvor, e approvaçõ;

de-

depois, a vaidade de quem admira, he a primeira que se delgosta; irrita-se contra tudo o que he superior. Huma qualidade eminente que vemos nos outros, fica-nos sendo como huma qualidade adversaria, e opposta. A vaidade, ou a inveja, que ella produz não só se dirige contra a opulencia alheia, mas tambem contra a alheia sabedoria; a sciencia não tem maior inimigo, que a ignorancia: tudo o que está em lugar alto molesta-nos a vista, e a attenção; só o que está no lugar em que nós estamos, não nos offende. A igualdade, e uniformidade he natural em tudo; por isso os que se afastaõ desta lei universal, ficaõ sendo odiosos aos que se conservaõ nella. Ha muitos meios para subir; a vaidade he a que guia a todos; e com effeito sem vaidade ninguem sobe, nem procura subir; estes sim ficaõ confundidos em huma vulgaridade escura, mas ninguem lhes examina se os passos com que sobem, são justos, ou injustos; as azas da vaidade tambem se derretem. Quem não tem vaidade não desperta a dos outros contra si. Os

Os que crem que sabem mais que os outros , ou se enganaõ , ou se persuadem bem : se se enganaõ , o mesmo engano lhes serve de ludibrio; se se persuadem bem , a vaidade da sciencia os faz taõ ferozes , e severos , que ficaõ sendo inoportaveis. A sciencia humana commummente serve de hum ar intratavel ; imagem tosca , defagradavel , e impolida. A especulaçaõ traz consigo hum semblante distrahido , e desprezador; quanto melhor he huma ignorancia civil. Toda a sciencia se corrompe no homem ; porque este he como hum vaso de iniquidade , que tudo o que passa por elle , fica inficionado : as coizas trabalhaõ ; por se accommodarem ao lugar donde estaõ , e por tomarem delle as propriedades , só com a differença , de que as coufas boas fazem-se más , porém estas naõ se fazem boas. Nas sociedades , o mal he mais communicavel ; a perdiçaõ he mais natural ; o que he bom mais depressa tende a perder-se , que a melhorar-se ; os frutos da terra quando chegaõ ao estado de madureza , nem per-

perflistem nelles, nem retrocedem para o estado da verdura ; antes caminhaõ até que totalmente se arruinem; por isso o ultimo gráo de perfeiçãõ, costuma ser o primeiro na ordem da corrupçãõ. Naquillo em que a Providencia não predefinio hum ser permanente , e inalteravel , a natureza não cessa de moverse em quanto não desfaz, em quanto não corrompe, e em quanto não acaba. A sciencia acha no homem propensaõ para a vingança, para a ira, para a ambiçãõ, e para a vaidade ; nenhuma destas inclinaçoens lhe tira antes as confortas ; porque a sciencia não vem fazer hum homem novo ; assim como o acha, assim mesmo o deixa. As noticias, que alguns foraõ alcançando pela successãõ dos tempos , e que para as fazerem respeitaveis, e as conservarem em huma magestade primitiva, as foraõ caracterizando com nomes pomposos , e pouco intelligiveis ; huns Latinos, outros Gregos, outros Arabicos ; como Filosofia, Geometria, Algebra, estas taes noticias a que chamaõ sciencias, não se adquirem bre-

vemente , nem he trabalho de hum dia , mas de muitos annos , e de toda a vida ; e desta sorte antes que qualquer sciencia se introduza em nós , tem tempo para se adjectivar , e familiarizar comnosco , e para se consubstanciar com todos os nossos vicios , e com todas as nossas inclinaçoens ; e nesta fórma quando as sciencias chegaõ , não he para nos emendar , porque já vem tarde ; e se entãõ nos emendamos , essa emenda não he effeito da sciencia , mas da nossa debilidadade . Os homens mais facilmente se mudaõ , do que se emendaõ ; quem muda he o tempo , a sciencia não . Commummente o que nos faz deixar os vicios , he a impossibilidadade de os conservar ; e ainda entãõ o que perdemos he o uso delles , e não a vontade , largamos o exercicio , e não o affecto ; desistimos da occupação , e não da inclinação ; e finalmente nós não somos os que deixamos os vicios , elles são os que nos deixaõ ; nós os seguimos de longe , e por mais que os sigamos cançados , nunca os perdemos de vista ; quando
naõ

naõ podemos ir, os objectos nos arrebatãõ: a memoria dos nossos vicios passados, nos está servindo de vicio presente; e quem sabe quaes são os que obraõ com mais vigor, e mais activamente? A imaginaçaõ não he coisa taõ sem corpo como nos parece; talvez que não tenha de menos que o ser mais subtil; e desta qualidade o que póde resultar, he o ser mais duravel. Não sei se houve já quem reparasse, que o gosto dos successos são menos attractivos na realidade, do que são depois lembrados; a complacencia não he taõ forte, quando a primeira vez se mostra na verdade, como quando se repete na lembrança, e se representa sempre; o susto do perigo não he taõ grande no instante que succede, como he depois que se recorda, e isto he porque o corpo he susceptivel de hum pãmo tal, que fica como abortõ, immovel, e insensivel; só a imaginaçaõ não se entorpece facilmente, por isso recebe as impressõens do gosto, e do pesar, em toda a sua força, e em toda sua extensaõ; o pensamento

he o lugar em que a natureza se concentra, e fortifica; daqui vem que tudo quanto se sente, ou se vê com o pensamento, fica sendo mais visível, e mais sensível. Não he pois a sciencia a que nos ensina, o tempo sim; a sciencia he como hum cristal claro, que posto sobre huma má pintura, sim lhe dá lustro, mas não a faz melhor, nem de mais valor; a luz que he simbolo da perfeição, não faz mais perfeito nada do que alumea: cada coisa guarda o seu defeito original; e assim devia ser, porque a natureza de cada coisa tambem se compoem do seu defeito, e este quem lho tira, desmancha a mesma coisa, porque a desune, e a separa: em qualquer composto não só he parte principal o que ha nelle de excellente, mas tambem aquillo que tem de inferior; o dividillo ou emendallo seria o mesmo que perdello: em hum medicamento tambem entra o simples amargoso, e este se se tira, fica o remedio sem virtude. Tudo he singular na sua especie: o verdadeiro ser das coisas não depende da approvaçãõ

ção do nosso gosto; de parecer mal, não se segue que o seja; as coisas menos estimaveis, e ainda as mais aborrecidas, tiverão famosos Apolo-
gistas; nós regulamos tudo pela nos-
sa sensibilidade, e nesta he que cos-
tuma haver o engano; isto vem a ser
o mesmo que pezar por hum pezo
falso; medir por huma medida erra-
da; e calcular por hum compasso in-
certo: a infidelidade está no instru-
mento que peza, e que mede; tudo
o que julgamos, he segundo a nossa
razaõ, e segundo a nossa sciencia;
miseravel instrumento, mil vezes fal-
so, e enganoso! A ignorancia tem
produzido menos erros que a sciencia;
esta o que tem de mais, he que
sabe introduzir, espalhar, e authori-
sar; e segundo a nossa vaidade o er-
rar importa pouco; o ponto he sus-
tentar o erro; e nesta fórma o que a
sciencia nos traz, he sabermos errar
com methodo.

Es com effeito em que se accordão
os sábios? Qual he a doutrina em
que todos concordão, qual he o sis-
tema em que todos convem, ou qual

he o principio em que todos se fundão ? Só a vaidade he certa em todos. Não ha furor a que hum homem se não entregue, só pela vaidade de ser cabeça de hum dogma, ou de hum opiniaõ. Vejamos qual tem sido o destino da Filosofia, que se diz ser a primeira das sciencias. Os discipulos de Aristoteles dividiraõ-se em duas seitas, ou em duas parcialidades; huma foi a que chamaraõ Nominaes, e outra a dos Realistas; os Nominaes diziaõ, que as naturezas univcrsaes não eraõ outra coisa mais do que nomes; os Realistas, seguindo opiniaõ contraria, affirmavaõ, que aquellas naturezas eraõ verdadeiramente causas que existiaõ na realidade. Occaõ, Frade Inglez, e discipulo de Scoto, foi o cabeça dos Nominaes, e Joaõ Duns o era dos Realistas: estes seguirãõ a Aristoteles mais literalmente; os outros não admittiaõ nenhuma entidade superflua, tendo sempre por infallivel o axioma do Filosofo, quando diz, que a natureza nada faz em vaõ. Estas duas seitas fizeraõ em Alemanha hum tal progresso,

gresso, que huma materia inutil, indifferente, e puramente de opiniaõ, veio a parar em fazer-se della hum ponto de honra; a vaidade de discorrer melhor animava com tal excessõ a todos, que os argumentos só se decidiaõ pelas armas, os combates particulares vieraõ finalmente a reduzir-se a huma guerra viva. Introduzio-se aquelle mesmo fanatismo em França, e chegou a tanto extremo, que Luiz XII. para o evitar, determinou, que em todas as livrarias se fechassem com cadeas os livros dos Nominaes, para que ninguem os pudesse abrir, nem ler. Daquella sorte veio a ficar a doutrina de Aristoteles taõ desfigurada, pelas subtilezas com que cado hum queria sustentar a vaidade da sua opiniaõ, que essa foi a causa principal de desprezar-se a Filofofia, e ficar parecendo odiosa a todos. Os livros de Aristoteles foraõ levados a França no seculo treze pelos Francezes, que tinhaõ ido a Constantinopla; Amauri, que entrou a sustentar os seus erros pelos principios daquelle Filofofo, foi condemnado como

mo Herege por hum concilio de Pariz celebrado em o anno de 1209. Este Concilio prohibio totalmente a leitura de Aristoteles, e condemnou os seus livros ao fogo: a mesma prohibiçaõ se tornou a renovar por hum Legado, sómente a respeito da Fyfica, e Methafyfica. Gregorio IX. diminuo a prohibiçaõ do Concilio de Pariz por huma bulla expedida em 1231, prohibindo a leitura das obras de Aristoteles, sómente em quanto se naõ extirpavaõ os erros, que resultavaõ, ou podiaõ resultar da sua doutrina. Em 1366 os Cardeaes Joaõ de S. Marcos, e Gil de S. Martinho delegados por Urbano V. para reformarem a Universidade de Pariz, concederaõ, que se pudessem ler varias obras de Aristoteles, exceptuando a sua Physica. O Cardeal de Estoureville em 1452, fazendo varios regimentos para a mesma Universidade por mandado de Carlos VII., ordenou que os Estudantes, e Bachareis fossem examinados pela Metafyfica, e Moral de Aristoteles. Em 1601, concedeo-se á Universidade

de

de Pariz o uso, e lição das obras daquelle Filosofo, e juntamente da sua Fyfica; e á imitação da Universidade começaram todos os estudos publicos a seguirem a Filosofia Peripatetica; esta foi combatida em 1624 por conclusoens; porém a faculdade de Theologia de Pariz, e o Parlamento, tomou a sua defeza: a Sorbona fez hum Decreto, pelo qual censurou aquellas Conclusoens, e o Parlamento por hum Acordão ordenou tres coizas, a primeira que aquellas Conclusoens fossem lacradas; a segunda, que todos os que as tivessem defendido, fossem riscados dos livros das matriculas; a terceira, que todos os que ensinasse algumas maximas, que fossem contrarias aos Authores antigos, e approvados, incorresse em pena de morte. Em 1629 declarou o Parlamento, que se não podiaõ impugnar os principios da Filosofia de Aristoteles, sem se impugnarem tambem os da Theologia Scholastica recebida na Igreja: porém não obstante todas estas prohibiçoens, e declaraçoens, entrou

Gaf

tendo a escrever contra aquelles principios; e Cartesio fez-se cabeça de hum novo sistema, ou nova feita. Depois destes começou a Filosofia de Aristoteles a perder muito do seu primeiro lustre: hoje as Filosofias todas se compoem de Mathematicas; de sorte que já não ha syllogismos que conclua, se não he fundado em alguma demonstração Geometrica; na Fysica não se está pelo que se diz, senão pelo que se vê; pouco importa que se affirme que este, ou aquelle Meteoros procede desta, ou daquella causa; e se isso se não mostra por meio de alguma experiencia, ou instrumento. A formação das nuvens, do vento, da chuva, dos raios, e terremotos, e de outros muitos effeitos naturaes; a Chymica não só ensina como se produzem, mas tambem os imita; e isto sem ser necessario saber se o Syllogismo está em *Barbara*, ou em *Celarent*. Hum lambique, hum Eolipilo, huma machina Pneumatica, e a mistura de varios corpos, explicaõ mais em huma hora, do que hum professor de Filosofia

fia em muito tempo; o entendimento percebe melhor sendo ajudado pelos olhos, do que só por si. Nas mais sciencias tambem tem havido fortunas, e desgraças; todas encontraraõ hum tempo feliz, e outro infaulto: a vaidade dos primeiros mestres, continuada em seus successos como herança, foi a fonte, em que nascerã as sciencias; destas a Monarquia principal, he a Europa; na maior parte do mundo, o desprezo das sciencias passou, á Religiaõ; assim devia fer porque a vaidade, que resulta das sciencias, he vaidade de homens livres; e estes só os ha na Europa: o Dispotismo reduzio as outras partes a escravidã. Que vaidade pôde haver em hum escravo? Este ou seja valeroso, ou sabio, nada disso he seu: o valor, e sabedoria tambem entraõ na escravidã; a vaidade que o escravo pôde ter, tambem pertence ao Senhor: o edificio, a carroça triumphal, o alfange, a pendula, sãõ instrumentos incapazes de vaidade em si; da bondade delles só o Senhor se desvanece: assim, sãõ

os escravos ; se ha Automates no mundo, são elles.

A vaidade das letras he maior do que a vaidade das armas ; estas sim tem occasiões de maior pompa, de maior grandeza, e de maior admiração ; mas tudo nas armas he semelhante ao raio, cuja luz, e estrepito se extingue em hum instante. Os Heroes nunca chegam a durar hum seculo ; as suas acções não duram mais, se a fortuna lhes não dá na republica das letras alguma penna illustre, que conserve a vida daquellas mesmas acções, já succedidas, já passadas, e já mortas. A vaidade das sciencias por ser huma vaidade pacifica na apparencia, não deixa de ser altiva, e arrogante. As aguas, que vão fazendo escumas, e que correm com ruido, não são as que assustam mais ; aquellas que parecem negras, que passam em silencio, e que apenas se movem, essas são donde o perigo he certo : nas praias he donde o mar se levanta mais, e faz estrondo ; donde he pegado verdadeiro, em que as ondas como em campo largo em si mesmas

mas se abrem, se suspendem, e revolvem, não tem o mar bramidos, nem furor; mas he lá donde o risco he grande. O d' damno não costuma estar tanto donde se mostra, como donde se esconde: assim são as letras; e assim são as armas; estas fazem o rumor, aquellas o estrago: as armas fazem o mal, mas acabão com elle, as letras o mal que fazem, dura; as armas canção, as letras não; a espada nem sempre póde usar de força, e de traição; a penna sempre póde ser traidora, e aleivosa; he arma que não póde acautelar-se; quanto mais leve, e mais subtil, mais perigosa: daqui vem o serem as letras de algum modo inexpugnaveis, e por consequencia vaidosas, porque o ser invencivel precisamente influe vaidade; o combate das sciencias entre si, são combates invisiveis em que ninguem se rende; e o render-se valeria o mesmo, que huma confissão expressa de ignorancia; e com effeito, de quem cede, nunca se presume haver cedido porque conheceo a razão alheia, mas por falta de saber

ber sustentar a sua; a fraqueza não se attribue á proposição, mas a quem a defende; de sorte, que a sciencia não consiste em saber conhecer, mas em saber responder, e arguir; por isso quem mais disse, he quem mais soube: as letras não se costumão tomar pelo pezo, mas pelo volume; fazem-se recommendaveis pela extensãõ; o ponto he que creição na quantidade; a qualidã he materia indifferente; ellas não avultaõ pelo que são, mas pelo que soaõ; e regulaõ-se pelo aparato, e não pela substancia; estimaõ-se pelo que parecem, e não pelo que valem; o que importa nellas; he ter no exterior hum brilhante falso, cujo resplandor furtado escandalize os olhos de quem o quizer ver de perto; basta que a attenção fique assombrada com o aspecto de huma imagem nova, ainda que na verdade não seja mais que huma fantasma; a superficie deve estar cuberta de huma claridade intensa, e forte; o fundo seja embora confusaõ, cegueira, cahos. Só o que he preciso, he todo o mesmo em si, e o mesmo em todas

das as suas dimenſoens : o diamante não tem parte em que não seja diamante ; a roda que o pule , por mais que lhe multiplique as faces , em todas o acha igualmente duro ; não he mais ſolido em hum lugar , que em outro ; a porção , que o engaste cobre , não he inferior á aquella que ſe mostra ; a luz por toda a parte encontra nelle a meſma reſiſtencia , por iſſo retrocede reflectida , como em vibraçoens de varias cores. Não ſão aſſim commummente as letras ; o que ha nellas de agradavel , he o que fica expoſto á viſta , e por iſſo ornado de emblemas , de proporçoens , de correspondencias , e figuras ; o mais he hum labyrintho informe , rude , e indigeſto ; o metal burnido applicado fóra , não deixa ver por dentro o páo ſem luſtro , nem valor.

São raros os que nas letras buscaõ a ſciencia ; o que buscaõ , he utilidade , e applauſo ; eſte he objecto da vaidade , aquelle da ambição : outros ha , que quando buscaõ as ſciencias , nellas buscaõ tudo ; não só intereſſe , louvor , e approvaçaõ dos

dos homens mas tambem hum quasi dominio delles ; as letras são armas com que querem adquirir sobre os mais homens hum direito de conquista : esta idéa , ou esperança , parece que nasce com elles , e com elles cresce ; ainda estão nos primeiros elementos das primeiras artes , quando logo se propoem aquelle intento , para este se encaminhaõ todos os seus passos ; das virtudes , e dos vicios seguem aquelles , que conduzem para aquelle fim ; e assim não são virtuosos , nem viciosos por natureza , mas por occasião : a natureza não os fez máos , nem bons ; elles he que se fazem a si , por seguirem o que a occasião pede. Sempre estão promptos para deixarem a virtude ; e abraçarem o vicio , e tambem para deixarem este , e abraçarem a virtude ; com tanto que dillo dependa a sua elevação. Deslealdade , fé , religião , hypocrisia tudo para elles val o mesmo ; olhaõ para os vicios , e virtudes , como para varios instrumentos de que hum artifice perito se sabe servir a tempo , não segundo o que a razão

pe-

pede, mas segundo o que pede a obra: para que ninguem os siga, nem conheça, vão desfazendo, ou escondendo os degrãos por onde sobem, e só no ultimo se mostraõ, mas entãõ já tem na mão o raio, já não são imagens de pequena consequencia; são constellaçoens formidaveis; e funestas; a aquella altura nenhum incenso chega; o respeito mais profundo, he vulgar; o que exigem, he silencio, e adoraçãõ; e ainda esta ha de ser de longe, porque o chegar a elles de algum modo, he sacrilegio. Os sabios venturosos, de tudo fazem azas, até das coulas mais improprias para voar; por isso qualquer crime nelles fica sendo huma acçãõ justa; nos outros huma culpa leve he delicto atroz: para tudo tem huma multidãõ de applicaçõens; e intelligencias; estas são as que daõ fer a todas as suas coizas; e todas nas suas mãos mudaõ totalmente de figura; nada lhes parece como parece aos outros; querem reformar o mundo pouco reformados em si; soberba, ambiçãõ, grandeza, são os tres po-

polos, em que se estabelecem, e se fundão; aquelles são os Idolos, a quem unicamente sacrificão, e de quem elles são ao mesmo tempo, retratos, e originaes, idolos, e idolatras; Narcisos das suas acçoens, e sobro tudo das suas letras, elles são os primeiros que se admiraõ, e se applaudem; e tudo com tal arte que aquella admiracão sem fé, por ter nelles meismos hum principio errado, e suspeito, elles de tal sorte a espalhaõ, que depois de introduzida, vem a servir-lhes de titulo legitimo; e se ha por accaso quem duvide, já he tarde, porque na fama tambem cabe prescripção; he como hum posse, que fica sendo prova do dominio. O vulgo tudo o que recebe, he sem exame, e depois; antes quer permanecer no erro, do que entrar a examinar; e com effeito he mais facil ir com os que vaõ, do que parar para os suspender: por isso os que adquirem opiniaõ de sabios, ficam graduados por acclamação, mas essa opiniaõ devem á fortuna, e não a si, porque as mais das vezes apenas

fau-

Sobre a vaidade dos homens. 225.

faudaraõ de longe as letras ; e assim, se verifica , que a quem tem fortuna, basta o saber pouco ; se he que para fortuna o saber naõ basta. Tanto he certo que as cousas se implicaõ, e confundem tanto , que nas mesmas razoens , em que se funda a razãõ que afirma , tambem se pôde fundar a razãõ que nega: daqui vem, que he motivo de huma grande vaidade , o saber retorquir a força do argumento contra quem o faz , á maneira de hum guerreiro , que desarma outro , para o deixar sem defeza , e para o render com as suas proprias armas ; tambem com o discusso fabricamos armas contra nós , e essas saõ as mais fortes , porque he como hum mal que se fórma dentro em nós , e que he maior á proporçaõ que he nosso : o damno exterior admite mais reparo.

Naõ saõ as sciencias as que costumãõ pacificar o mundo ; desordenal-o sim. O exercicio , ou a vaidade das letras, todas se compoem de discussoens , objecçoens , e duvidas ; a disputa em si he cousa mais princi-

pal do que a materia da questãõ alteraõ-se os animos , mas naõ se persuadem , porque naõ disputaõ pela razaõ , mas pela disputa ; e esta se se acaba , he porque acaba o tempo dado para disputar ; o relógio aparta os combates ; estes separaõ-se , porém nenhum vai sabendo mais , porque como no argumento naõ buscam a verdade , por isso esta sempre fica ignorada , occulta , e desconhecida ; o ponto he que fique satisfeita em hum a gloria de arguir , e em outro a vaidade de responder ; e assim naõ se trataõ as cousas , trataõ-se as palavras dellas : daqui vem , que o ficar vencido na fórma , he o mesmo que ficar vencido em tudo ; porque a substancia he como coula estrangeira , e indifferente. De dous textos contrarios a fadiga que resulta , he ver , se ha meio de os poder unir , e conciliar ; que a razaõ esteja em hum , e naõ em outro ; isso importa menos ; a arte está em subtilisar de sorte , que ambos os textos fiquem conservados , e que a nenhum se tire a sua authoridade magistral ;

tire-se embora a té á verdade , e á justiça ; porém não ao texto ; este sempre deve servir de regra , por mais que seja regra errada , e não direita ; o empenho da vaidade não está em descobrir a verdade , mas em ostentar v. g. huma erudição Rabínica , e mostrar que na lingua Hebraica , a palavra *alma* nunca significou outra cousa senão *virgem*. Como a vaidade das sciencias traz consigo hum desejo immenso de adquirir nome , este parece que se adquire á força de vozes , e estas devendo ser de fóra , costumão sahir do mesmo fábrio pretendido ; elle he o que entra o cantico , e sempre acha na turba quem o siga : na confiança de começar , encontra-se huma especie de valor de que a fortuna se namora ; a resolução de prégar nos louros , e nas palmas , faz parecer que são suas : ha muito , que as sciencias tem o privilegio de poderem ellas mesmas coroar-se a si , e com effeito o saber na realidade mais , ou menos , he segredo , que fica escondido ; estamos pelo que indicaõ as insignias ; e nas

letras, huma parte do que vemos; são edificios vãos, compostos sómente de hum soberbo frontispicio, e este por mais que inculque hum fundo grande, quem lho busca, não o acha; por isto têm fechadas as portas; e se algum entra, he daquelles, que sabem o defeito, e tem interesse nelle; os mais todos são profanos. A sabedoria humana he como a cortina do theatro; nella se vem pintados primorosamente jeroglificos, medallhas, inscripções, e attributos; e nesta variedade de acções, e de sujeitos, se suspende a vista; e o coração que admira, todo se deixa penetrar de hum respeito, ou medo veneravel; mas se algum impaciente, e indiscreto fórça a cortina, e entra, o que vê, he hum lugar escuro, embaraçado, sem ordem, nem azeio; vê Actores ainda cobertos de roupas miseraveis; alguns, vestida a gala, e empunhado o cetro, (adornos alheios, e suppostos) vê chegados a huma luz desanimada, recordando de hum papel immundo as palavras de que a memoria se encarrega com trabalho;

ou:

outros defronte de hum espelho som-
brio, exercitando a cadencia dos pas-
sos, das acçoens, do gesto, e reve-
stindo os semblantes de hum aspecto
alegre, ou triste, e de hum ar de
soberania, de valor, e de justiça: vê
as Actrices, que não menos cuidado-
sas, alli mesmo se ajustaõ, e prepa-
raõ, e que algumas a pezar do tem-
po, e a milagres do artificio, cuidaõ
que reparaõ em brevissimos instantes,
a ruina que fizeraõ muitos annos, se-
melhantes ás serpentes quando se re-
novaõ mas não taõ felices; todas
em hum espelho portatil estudaõ
amor, desdem, severidade - conten-
tamentos, lagrimas; tudo aprendem
no cristal, mestre mudo, e fiel, e
que mudamente ensina a proprieda-
de, o ar, a graça; mas que impor-
ta, o ar he vaõ, a graça he enga-
nosa, e a propriedade he falsa; o re-
presentar he mentir; desde que a
scena começa, até que acaba não se
vê mais do que hum fingimento de
acçoens, e de figuras; quem mais se
distingue, he quem melhor exprime
o que não sente, e quem parece me-
lhor

Ihorio que não he : a arte não está em imitar , mas em contrafazer ; as sombras substituem o lugar das cousas ; e a relação da historia , fica sendo a historia mesma : o mentir por aquelle modo , he hum meio facil para imprimir facilmente na memoria os successos passados ; he huma tradição , que se communica agradavelmente não só pelo que se ouve , mas tambem pelo que se vê : alguma vez havia de ser util o engano ; e com effeito daquella sorte vemos os combates sem perigo ; as virtudes vemos com gosto : e se vemos tambem os vicios , he sem entrar nelles , para os aborrecer pela fealdade com que se mostraõ , e não para os seguir. Em theatro maior , e em maior scena se passaõ , e representaõ as vaidades do mundo , e entre ellas a vaidade das sciencias ; o homem não se entende a si , e cuida que entende a fabrica dos Ceos ; ignora a ordem da sua propria composição , e crê que não ignora o de que se compoem a terra ; não sabe a economia dos seus mesmos movimentos , e julga que

que sabe o como se move o Univer-
so ; finalmente não se conhecendo
a si , presume que tudo o mais co-
nhece. A vaidade do saber parece
que arrebatá o homem , e que em
espírito o faz circular os orbes cele-
stes ; lá contra o numero dos cristal-
linos , vê a esféra do fogo , e mede
a distancia , o giro , e grandeza dos
Planetas ; porém assim que torna a si ,
nada de que tem em si sabe , nem co-
nhece : vê hum corpo sabiamente or-
ganizado , e nelle acha vontade , in-
telligencia ; ira , aversão ; vaidade ;
desejo , esperança , amor ; acha hum
sangue que se move , e hum calor
que o anima ; tudo distingue com
nomes diferentes ; paixoens , systole,
diastole , espiritos vitaes , humido ra-
dical ; estes são os nomes ; a que er-
radamente chamaõ das cousas , não
sendo senão nomes dos effeitos ; o
que se conhece , ou sabe , he o ef-
feito das cousas pela distincão dos
nomes ; mas o conhecer o nome ;
não he conhecer a cousa. Todos sen-
timos a impressã do ardor , mas
ninguem sabe , o como esta impressã
se

se faz; e desta sorte o que conhecemos, he o effeito do frio, e não o frio; vemos a determinação da vontade, mas não sabemos o como a vontade se determina. Quem he que sabe de donde vem o agrado da harmonia, nem o desagrado da dissonancia? Humma voz suave nos encanta, hum som aspero, e agudo nos molesta; mas quem ha de dizer o donde procede no som a suavidade ou a aspereza? Os effeitos mais sensiveis, e mais certos, são os da dor, e tambem do gosto; mas quem he o que conhece, de que se origina o gosto, nem de que se fórma a dor? Ainda os effeitos das cousas conhecemos mal só os sentimos; parece que só temos sensibilidade, e não conhecimento; aquillo que conhecemos, he porque o sentimos; do nosso sentir resulta o nosso modo de conhecer. Os primeiros principios, e os primeiros movimentos reservou-os para si a providencia; o homem só ficou exposto a elles, para os admirar, e não para os saber. A vaidade das sciencias toda se caúça em conjecturas,

ras, que faz passar por demonstraçoens; quando suppoem, que encontra a parte, em que póde defatar o nó, então o aperta mais: os discursos perdem-se na immensidade vaga de huma materia impenetravel; a natureza sabe eludir todos os nossos estudos, e conceitos; não he mais facil no que mostra, do que no que esconde; não he menos reservada no que produz á superficie da terra, do que naquillo que fórma no seu centro; só ella conhece as suas leis, e os seus segredos: vemos nascer a flor, cresce á nossa vista; mas nem por isso sabemos o como a flor nasce, nem o como cresce: a difficuldade sempre fica sendo a mesma; o nosso engenho todo se evapora em bellas fantasias, e em razoens notaveis; mas estas só fervem de enganar, ou de entreter a mocidade que começa, e que ainda não sabe por experiencia, que a maior parte das cousas de que o mundo se compoem; nem se podem ensinar, nem aprender. A vaidade da sabedoria humana não se funda na certeza da sciencia, mas
na

na certeza da cadeira; esta é maneira de huma torre inexpugnável infunde terror; e o discipulo docil, e innocente, recebe como de hum oraculo as decifloens do mestre; os qua estão debaixo da disciplina, vem o barrete doutoral, como se fosse hum resplandor, de cuja luz se não duvida, por isto a vaidade do Mestre exige respeito, e credulidade: esta he a primeira lição; a verdade sempre nos parece que está no lugar mais alto, e que brilha mais; e se a buscamos em outra parte. he sem ancia, nem cuidado: o aparato exterior não só nos dispoem, mas tambem nos persuade; os olhos affombrados, não deixaõ o animo livre para resistir; a singularidade da pompa, não só authorisa, mas authentica; não só leva a si a nossa attenção, mas tambem a nossa submissão; não só nos faz obedecer; mas crer.

Os sabios da terra não são os mais proprios para o governo della. As Republicas, que se fundaõ, ou se quizeraõ governar por sabios, perderaõ-se, acabaraõ-se; temos noticia del-

dellas pelo que foraõ, e não pelo que são. Roma essa illustre capital do mundo, ou ao menos da maior Republica, que o mundo vio; essa universal conquistadora, para cuja gloria concorreo a fortuna mais constante, e cujo poder se manifesta ainda, ou já referido nos seus Fastos ou já representado nos vestigios preciosos das ruinas, como em obeliscos, arcos triunfantes, columnas, circos, aqueductos, urnas sepulchraes; essa Cidade ativa em que o mundo se quiz resumir e abreviar; ella mesma conta a decadencia do seu esplendor nativo, do tempo em que as sciencias chegaraõ ao maior auge. Julio Cesar, famoso Heroe e sabio Capitaõ, foi o que nos campos de Pharsalia cortou de hum golpe inevitavel a liberdade á patria, e se fez ao mesmo tempo senhor della. Quem dissera a Roma, que no seu proprio seio se haviaõ de forjar os seus primeiros ferros; e que as fachas para a abraçar, se haviaõ de acender dentro dos seus muros! Roma, sempre vencedora, e invencivel, cessou de
o ser,

o ser, assim que achou em hum filho ingrato, hum sabio armado. As maiores crueldades, ou foraõ feitas, ou aconselhadas pelos Sabios; estes quando persuadem o mal, he com tanta vehemencia, e taõ efficaçmente, que as gentes na boa fé, buscaõ, e praticaõ esse mal, como por enthusiasmo, e sem advertirem nelle. A impiedade, he huma das cousas que a sciencia ensina; naõ porque elle seja o seu objecto, ou instituto mas porque quando a impiedade he util, á força de a ornar, se lhe tira o horror. A vaidade das sciencias naõ consente, que haja cousa de que ella naõ possa, nem se saiba aproveitar. Os erros commummente saõ partos da sabedoria humana; o errar propriamente he dos sabios, porque o erro suppoem conselho, e premeditação; os ignorantes quasi que obraõ por instituto; a sciencia sabe ligittimar o erro, a ignorancia naõ: por isso nesta naõ ha perigo de que ninguem o approve; em lugar que naquella ha o perigo de que a multidão o siga. O erro na mão de hum
sa-

sabio he como huma lança penetrante , e forte ; na maõ de hum ignorante he como huma arma quebrada , sem uso , nem consequencia. As cousas parece que recebem mais da fórma , que se lhes dá , que da natureza que tem ; não se attende á substancia do marmore , ao pulido sim ; a dureza importa menos que a figura. As sciencias são as que dão o lustre ás cousas , e sempre dão o lustre que lhes parece ; ou duvidoso , ou falso , ou verdadeiro ; a vaidade he o artifice.

Os Heróes são os que combatem , os que vencem , e conquistaõ ; porém os sabios são os que de algum modo reinaõ , e governaõ. O trabalho , e o perigo , he dos Heróes ; dos sabios he o fruto : aquelles contentaõ-se com a gloria do vencimento , estes o que querem , he a utilidade da vitoria ; huns reservaõ para si a vaidade do nome , outros não querem mais do que servir-se da authoridade delle ; o guerreiro semea sangue , para o sabio colher flores. He certo , que cada Potentado não he mais do que

que hum só homem ; na campanha
sim póde commandar a muitos mil :
huma voz , hum sinal , hum clarim
basta para fazer mover hum corpo
formidavel ; porém na paz não he
assim , porque nella o governo he co-
mo huma guerra civil , que faz entre
os mesmos Cidadãos , e entre os mes-
mos naturaes ; entãõ mandaõ os sa-
bios ; por ser guerra sem estrondo ,
não he menos arriscada ; nella se vem
traçoens , ataques , subtilizas ; aquillo
que em guerra viva decide a espada ,
na paz decide a pena ; esta tambem
corta , ainda que não taõ depressa , e
nisto mesmo consiste hum dos seus
modos de cortar ; a lentidaõ afflige
á maneira de hum martyrio , que pa-
ra ser mayor , se faz por arte vaga-
roso ; e com effeito a morte parece
que não he morte quando chega ,
mas sim quando está para chegar ; o
ultimo instante he insensivel , porque
he como hum tempo , que se não
compoem de tempo ; a dor para se
fazer sentir , necessita de espaço ; por
isso a agonia não he quando al-
guem acaba , mas quando está para
aca-

acabar. Assim são as dilacões, da que no ocio da paz se formaõ os conflictos; estamos vendo acabar-se a nossa vida, sem que se acabe a nossa dependencia; esta vai ficando como herança; e para ser herança infeliz, sem estimaçãõ, nem preço, sempre passa com a qualidade de incerta, e duvidosa, porque sempre fica dependente da inclinaçãõ, do arbitrio, e do juizo humano: isto he o mesmo que não ficar sujeita a cousa nenhuma certa, mas a huma pura sorte. A fortuna, o tempo, a occasiãõ o humor, a hora tem mais parte nas decisoens, do que a ley, a verdade e a justiça; esta, ou a sua imagem symbolica, em huma mão tem a balança, e na outra a espada; mas que peza na balança? ponderaçõens, discursos, e argumentos são as partes por onde o direito se governa; mas são partes, que se não podem pezar, porque não tem corpo, nem entidade; e assim já temos a justiça impropria, até na mesma idéa da sua representação, e se a quizermos defender pela sua antiguidade, convenhamos

mos em que as razões se pezem; mas em que mãos ha de a balança estar para ser fiel? Nas dos homens, certamente não; nas de huma Deosa sim. A espada tem mais exercicio na justiça; por isso sempre está em acção; isto he, levantada; e com effeito o ferir he mais facil, porque he mais facil tambem descarregar o golpe; que o suspendello: a força que suspende, he violenta, a que descarrega, he natural: mas como póde a justiça ter na espada hum exercicio justo, se a balança na mão dos homens não tem uso, e se o tem he sómente imaginario, e na realidade impraticavel? A espada depende da justeza da balança, e a sim vem a depender de hum instrumento inutil, sim depende de huma balança certa, para saber o como, quando, e em que caso ha de ferir; mas para nosso mal, a balança na mão da Justiça pintada, he que se vê; não porque deixem de haver homens justos, mas porque a justiça verdadeiramente não se póde pezar; he hum acto de discurso, e este em cada homem, he sempre incerto, vago, e

va-

vacilante Para dar a cada hum o que lhe toca , não basta ter huma vontade perpetua , e constante ; nessa mesma vontade he donde o erro se introduz Finjamos que o discurso he como hum campo largo em que a verde Primavera faz nascer aquella multidão de bellas flores , mas entre ellas , quem impede que não nasça alguma flor com vicio , ou alguma planta agreste , inferior , e errante ? As flores nascem no campo , os discursos em nós ; felices são as flores , pois foraõ produzidas na terra humilde , e por isso mesmo incapaz de vaidade , e ainda cheia de simplicidade virginal : infelices os discursos , pois nascendo em nós , nascem de hum limo peccador , e por isso terra ingrata , impura , e adulterada .

Só Deos governa só . Os Potentados não podem governar , sem terem varias hierarchias , ou ordens de Magistrados ; nestes delegaõ o poder ; os Magistrados subdelegaõ aquelle mesmo poder em outros , e estes o tornaõ a subdelegar : assim se fórma hum corpo vasto , composto de mui-

Q

tos

tos membros , e todos animados por hum melmo , e unico poder : este visto, e tomado na sua primeira origem he justo , pio , verdadeiro , generoso , legitimo protector , paterno ; he hum poder , em que parece está depositado , ou delegado o poder de Deos : depois que sahe daquelle centro para dividir-se , ou repartir-se , logo se altera : em quanto está no throno , he puro ; se se affasta d'elle , degenera , he como huma arvore , que se transplanta para hum terreno improprio : as aguas saõ limpas quando nascem ; depois fazem-se imundas , segundo os lugares por onde correm : o espirito naõ anima as partes , que estaõ fóra do seu corpo , e a alma que parece , que habita em os membros todos , foga , e se retira , dos que foraõ separados : a claridade da luz naõ se communica bem , se a distancia em que está he excessiva ; o fogo naõ tem calor , senaõ dentro da esféra da sua mesma actividade ; as cousas postas fóra da sua regiaõ , tomaõ huma natureza contraria , e ficaõ outras. Que cousa póde

de haver, que pareça estar mais fóra da sua região, da sua esféra, e do seu centro, do que o exercicio do poder, e da justiça na mão dos sabios? Estes são prodigos daquelles attributos, usaõ delles como cousa emprestada, e alheia; a sciencia que os fez subir, he o que desprezaõ mais; não porque totalmente desprezem a sciencia, mas porque esta prescreve certos modos, e limites, que se não podem passar, nem deixar de chegar a elles; esta necessidade serve de angustia; he aperto o haver de seguir precisamente hum caminho prescrito, e determinado; a vaidade da sciencia não se accomoda em seguir, o que quer he que a sigaõ; não quer observar a regra, quer fazella. Os sabios soffrem mal o serem executores, e não legisladores; e com effeito a execuçaõ, soa huma especie de servidaõ publica; por isso cada hum se fórma huma sciencia particular; e esta he a que propriamente he sua, daqui vem os diversos pareceres; nem póde deixar de ser, porque nenhum sabio se go-

verna pelos principios communs a todos ; mas por aquelles que só a elles são communs ; e quando recorrem aos principios dos outros , he para confirmação dos seus : mas como póde não ser assim , se he regra , que em certos casos não deve a regra servir de regra , nem o principio de principio , nem a lei de lei ? Então vem a consistir a observancia da lei , na transgressão della , a conformidade com o principio , consiste em se affastar d'elle , e a sujeição à regra , consiste em a violar , desta forte vem a sciencia a ser huma faculdade arbitraria , e fundada mais no conhecimento dos casos , do que no conhecimento das leis : estas são as que se applicão , e na occasião de serem applicadas , he que tem o perigo de se quebrarem , ou torcerem ; ellas se quebrao , e se torcem , ainda sem ser por fraqueza de quem as applica , mas por culpa da mesma cousa. Vemos aquelles sabios , quasi sempre defunidos ; todos estudaõ as mesmas leis , mas no modo de as praticar , nenhum concorda ; não só disputaõ quan-

Sobre a vaidade dos homens. 245

quando aprendem, mas tambem quando sabem; em disputar passaõ todo o tempo de apprender, de ensinar, e de usar; o que argumenta, e duvida mais, he o que dá melhor final de si; o saber embaraçar mais, he o mesmo que saber mais; o applauso não segue a quem tirou a difficuldade mas a quem a poz; nem tambem a quem a desfez, mas a quem a fez; a ostentaçãõ não está em fazer assenttar no que a cousa he, mas em arguir, e destruir tudo aquillo em que se assenttar; celebre sciencia, em que os ignorantes, parece que estão de melhor partido que os sabios! Estes vem tanto, que a multidaõ das coufas que vem, os confunde, e cega; aquelles vem menos, e por isso vem mais: a abundancia de sciencia. faz aos sabios pobres de saber; neste caso a sabedoria está em poder tornar para o estado de ignorancia; a maneira de alguem que retrocede para buscar o que perdeu: alguma vez succede a quem caminha, o passar além do lugar para donde vai; entãõ quando mais caminha, mais se per-

perde; porque busca adiante aquillo, que já lhe fica atraz: tanto erra quem anda menos, como quem anda mais; e tanto se desvia quem não chega ao lugar, como quem o passa. Hum vento muito forte ainda que seja favoravel, he tormenta; a luz nem por ser muito intensa, he mais clara; as aguas, que correm precipitadas, para pouco servem; a grande velocidade as faz inuteis, e incapazes; o pezo não só fica sendo errado, por ter de menos, como por ter de mais; as cousas não só se arruinão por fraqueza, mas tambem por fortaleza; a saude demasiada passa a enfermidade; o preceito não só se quebra pela diminuição da observancia, mas tambem pelo excesso: algumas virtudes ha, que são vicios moderados; a temperança he como huma raia, que está entre o vicio, e a virtude, e que distingue o bem do mal; nas sciencias tambem se pecca, por se saber nellas mais do que se deve saber: a nossa comprehensão não he infinita; depois que recebe huma certa porção de intelligencia, fica sem

sem poder receber mais , e se se lhe quer introduzir com violencia , cansa , e fica como imbecil , e enervada. Depois que hum vaso está cheio de licor , o que se lhe deita mais , perde-se , e muitas vezes do seu mesmo fundo se faz levantar huma poeira subtil , que o turva : daqui vem , que os sabios são confusos commumente , embaraçados , e irresolutos , á maneira de quem leva sobre si hum grande pezo , que sempre vai com medo , e de vagar : a immensidade de regras , de opinioens , e de doutrinas , de tal sorte os occupa , que ficaõ como prezos , e immoveis : a variedade de razoens , e de razoens contrarias , que hum sabio acha em qualquer cousa , o suspende em fórma , que fica sem saber ; qual razão ha de seguir ; em todas considera fundamentos admiraveis para serem approvadas , e para o não serem , tambem em todas considera fundamentos grandes : daqui vem as dilacões , irresoluções , e perplexidades ; este he o caso em que aquillo , que não decide
a in-

a inclinação , decide a hora ; a fortuna he a que move a pena , que absolue , ou que condemna. O sabio que fluctua no meio de razoens , e opposiçoens iguaes , finalmente lá se deixa levar por alguma razaõ exterior , e indifferente ; as cousas remotas , que não tem relação alguma , nem connexão com a materia , entraõ em concurso , com as que formão o corpo , e substancia della : o litigante a quem o Juiz vio , ou fallou ultimamente ; aquelle , que sabe ser mais cortezaõ , cuja voz he mais sonora , e cujo nome he facil de pronunciar , ou de escrever , esse he o que vence , e a quem se julga a palma ; esta não foi tirada do campo da peleja mas de outro lugar estranho , e independente. Assim governaõ os sabios , por isso ha tanta incerteza , e mudança nas suas decisõens ; o que hum disse , outro reprova ; o que hum fez , outro emenda ; e muitas vezes na emenda he que está o erro ; semelhante ao mal , que procede unicamente do remedio ; cada hum defende a sua opiniaõ , e per-

siste

fiste nella ; e cada hum se persuade , que o erro não esteve na decisaõ , mas na reformaçaõ ; em todos fica constante a vaidade da sciencia ; e algum que se retrata , tambem o move a vaidade de não ser , nem parecer-se com os outros : huns fazem vaidade de serem infalliveis , outros tambem se desvanecem de mostrarem , que o não são : deste genero são poucos ; porque a vaidade de desprezar a vaidade he muito rara , e em si mesmo he estimavel. A virtude , ainda que venha de hum principio vicioso , sempre he virtude de algum modo , ou mais ou menos qualificada ; o obrar bem por qualquer motivo que seja , he bom ; as nossas acçoens , não se determinaõ pela causa que mostraõ , mas por outra que se não vê ; e entre todas as causas , aquella que consiste em huma vaidade innocente , he menos má. Que importa , que a vaidade seja a que incite o exercicio do valor , da constancia , da sciencia , e da justiça ? O impulso , que move , fica separado da causa movida : dous licores contrarios por mais , que se
mif.

misturem , sempre parece que hum foge do outro , e se separa ; o artifice , o instrumento , a obra , tudo são partes distinctas ; a vaidade póde incitar a virtude , mas não incorporar-se a ella ; póde juntar-se ; mas não unir-se.

A sciencia de fazer justiça he verdadeiramente sciencia de Deos , e dos seus substitutos na terra , que são os Soberanos : he impossivel dar-se injustiça em Deos ; nos Soberanos , não he impossivel , mas he improprio : nos mais homens a injustiça he quasi natural. Quaes são aquelles de quem se possa dizer exactamente , que não tem interesse , inclinação , ou dependencia ? Qualquet destas circumstancias serve de impedir o exercicio , e sciencia da justiça. Só os Reis relevaõ immediatamente de Deos , e só de Deos dependem ; os mais homens todos dependem huns dos outros , porque ha mil modos de depender : aquelles mesmos , a quem a altura do lugar faz parecer totalmente independentes , são os que muitas vezes dependem

dem mais : aquelles a quem o merecimento, ou a fortuna, poz em hum certo gráo de authoridade, necessitaõ de adquirir nome, e reputaçãõ; necessitaõ da opiniaõ, e approvaçãõ dos outros homens. Que maior necessidade de dependencia ! A opiniaõ, e approvaçãõ commua, naõ se fórma do parecer de hum só, nem ainda do parecer de muitos, mas do parecer de todos; e desta fórte os mesmos de quem todos dependem, saõ tambem os que dependem de todos. A opiniaõ das gentes naõ he cousa taõ pouca, que della naõ dependa a conservaçãõ do lugar, e da authoridade: o receio de que o poder se perca, ou o respeito diminua, he o que occupa cruelmente aos que estaõ em lugares eminentes; nestes ninguem está seguro, nem ainda os mais felices, porque se huma maõ poderosa os sustem como elevados no ar, póde largallos, e quando crem que estaõ em assento firme, naõ estaõ senaõ suspensos: as azas de huma boa fama saõ as que os sustentãõ, se ellas faltaõ, o mesmo braço, que

os suspende , os precipita : o favor supremo , raramente he indiscreto , e se accaso se inclina sem razão , isto he , se alguém por engenho , e arte , se fez injustamente amar de hum Soberano , este no dia do seu furor castiga aquella fúsurpação , e sobrepação de amor ; castiga o crime de quem se fez amar por artificio. A inclinação dos Reis costuma fundar-se em merecimentos , e virtudes ; destas se compoem o encanto magico , que attrahe a si hum favor prudente ; mas se foraõ fingidas as virtudes , e se os merecimentos não foraõ verdadeiros , irrita-se aquelle mesmo favor , á proporção que tem pejo da sua preocupação , e credulidade : nenhum enganoso he mais sensível , que aquelle que se dirige a roubar o affecto ; a alma , que amou , não só sente o ter amado injustamente , mas sente tambem o não dever amar mais , porque a impressão , que o amor fez , não se pôde tirar sem estrago , e dor da parte adonde está : o que foi gravado profundamente , não se desfaz sem ruina e perda : para aniquilar-se a

fór-

fôrma de huma estampa , he necessario perder-se a estampa toda ; não só a figura , que ella representa , mas tambem o corpo em que a representação está. Aquelles pois , que de-vem ás letras a sua exaltação , e que entendem , que feitos arbitros do mundo não dependem d'elle , são os que na verdade estão mais dependentes , porque a fama da sciencia , que os conserva , tambem he mudavel e inconstante , e o mesmo favor que os fez subir como sabios , pôde fazellos descer como ignorantes. A sciencia não he qualidade tão certa , e permanente que não possa soffrer alteração. Tudo em nós tem decadencia ; e só a sciencia a não ha de ter ? Nem he preciso , que concorra alguma causa natural ; as paixoens bastaõ para perverterem as sciencias ; não tomadas universalmente como ellas são em si , mas tomadas como são em cada hum de nós. Huma pequena nuvem basta para escurecer a luz do Sol ; as paixoens são como muitas nuvens juntas. Aquellé , em quem a ira não pôde encobrir a luz do enten-

tendimento , e da sciencia , a ambição ha de encobrilla , e se o não fez, poderá fazello a grandeza do respeito, e na falta deste, lá vem o amor, não só armado de setas , mas de lagrimas; não só fiado no seu imperio, mas tambem na sua submissão ; não só com animo de render , mas de render-se ; fatal combate , em que a maior força consiste na falta de fortaleza , e em que o ficar vencido , he o meio por onde a victoria se segura; mas se nem o amor , nem a ambição nem a grandeza puderaõ conquistar hum peito heroico , lá vem finalmente a vaidade , e esta sempre vem feita invisivel , e acompanhada de todas as paixoens ; mas disfarçadas : o desejo , a dissimulação , a preguiça , e a inveja vem cobertas de hum sayal modesto , e trazem no semblante hum ar composto , e humilde, a vingança , a soberba , a rapina , e a altivez , vem cobertas de fumos de varias cores , e de diferentes formas. Assim se introduz enganosamente a vaidade , e assim vive em nós sempre escondida , como inimigo occulto,

occulto , e traidor ; ella transfigura os vicios para os fazer appeteciveis , e quando os deixa ver , he por algum interposto meio , por onde elles mostrem o contrario do que saõ. Havendo tantas sciencias , apenas ha alguma que faça , que nos conheçamos a nós , nem aos nossos vicios , nem a nossa vaidade. As sciencias humanas , que aprendemos , commummente saõ aquellas , que importava pouco que soubessemos ; deviamos aprendernos a nós , isto he , a conhecernos ; de que serve o saber , ou pretender saber , como o mundo se governa , ao mesmo tempo que ignoramos , o como nos devemos governar ? Para tudo somos sabios , só para nós somos ignorantes. Falta-nos o conhecimento proprio ; não porque nos falem regras , e preceitos para que possamos conhecernos , mas porque a vaidade se oppoem a huma sciencia , que faz humilde a quem a sabe : he arte mui difficultosa de aprender aquella que nos tira a presumpção. Que inutil cousa he hum espeelho para quem sabe que se ha de ver a elle horrendo ,
dis-

disforme , e macilento ! Por isso fica sendo como huma alfaia sem uso , e desprezada : o ser fiel , e verdadeiro , he crime ; quando a verdade molesta , e abate ; o espelho que não lisonjea he prejudicial.

A sciencia de fazer justiça he donde a vaidade he mais perniciosa. Quem dissera , que tambem ha vaidade em se dar o que he seu a cada hum ! Não só ha vaidade nisso , mas essa mesma vaidade he a que faz muitas vezes , que a cada hum se não dá , o que he certamente seu. A corrupção das gentes está tão espalhada , que faz parecer virtude , huma obrigação que se cumpre , huma divida que se paga , ou huma verdade que se diz. As cousas não se regulão pelo que devião ser , mas pelo que poderiaõ ser ; isto he , o deposito que se entregou , podendo-se negar ; a divida que se podia não pagar , e se pagou ; a verdade que se disse , podendo-se esconder ; e assim a privação do vicio serve de virtude actual , e de alguma sorte , para ser hum homem virtuoso , não he necessario que
fa-

faça algum acto de virtude , basta que não faça algum de vicio ; e de algum modo tambem , o ser leal não depende do exercicio da lealdade , basta que se não exercite alguma aleivofia. O mundo está tão pervertido , que a bondade dos homens não se tira da razão de serem bons , mas da razão de não serem máos : o nome da virtude , não vem da virtude presente , mas do vicio ausente ; o merecimento das cousas , não se toma pelo que são , nem pela fórma que tem , mas pelo que não são ; e pela fórma contraria que não tem. Daqui vem que huma acção he louvavel , só porque não he reprehensivel. Aquelle meio de não ser , nem huma cousa ; nem outra , parece que o não ha já ; ficaraõ os extremos , e extinguiu-se o meio. Tudo propende para o que não deve ser , por isso não sei se podemos admirarnos , de que as fontes ainda corraõ para o mar ; de que o fogo ainda abraze ; de que o ar ainda se mova ; e de que a terra ainda fertilize. Os elementos não se mudaõ , mas he , porque estaõ subordi-

R ordi-

ordinados ás primeiras leis, que lhes deo o author do mundo ; temos o uso delles , o dominio não ; devem servirnos, e não obedecernos: a nossa prevaricação estende-se a tudo quanto foi , ou he obra nossa ; por isso a vaidade se communica , e tem jurisdicção em tudo aquillo em que nós a temos. Daqui procede , o sera sciencia da justiça humana , humana sciencia mudavel , inconstante , e varia ; porque as leis da vaidade sabem confundirse com as leis verdadeiras da justiça. A vaidade tambem tem regras , e Doutores. Quantas injustiças não terá feito a vaidade de fazet justiça ! A mesma vaidade que inspira a rectidão , a embaraça. Revista-se embora o soberbo Magistrado de hum semblante rugoso , implacavel , adverso , e truculento ; faça-se irrisivel totalmente , áspero , severo , e defabrido ; mostre hum aspecto sombrio , terrivel , taciturno , e intratavel ; falle de hum ar , e tom de soberania ; tenha sempre o pensamento distrahido , como que o tem todo occupado em Ulpiano , e Bartolo , ou que
está

combinando na memoria algum ponto de grande consequencia , de que talvez depende a economia do Universo ; nada disso pertence á natureza do Magistrado , á natureza da vaidade sim. Hum jurisperito incivil quer que até na gravidade do seu vulto se conheça a inflexibilidade do seu animo ; e que se veja até na sua fórma exterior , huma fórma judicial. Aquelle frontispicio , cujo ornato consiste na desordem , he a primeira cousa que a vaidade expõem ; como em espectáculo , quando quer alcançar huma acclamação de justo. Mas quantas injustiças não produz o desejo , ou a vaidade de adquirir aquella acclamação ! Não pôde haver justiça , quando esta se exercita por algum fim , que não seja por ella só ; nem pôde ser justo nunca , quem tem por objecto principal , a gloria de o parecer. Tudo o que se busca por ostentação , busca-se por qualquer meio que for , isto he , ou justo , ou injusto ; quem procura a voz da fama , que lhe importa a figura do instrumento que ha de fazer aquelle som ;

R ii o que

o que o fizer mais espantoso, e o espalhar mais longe, esse he o que convem; nem importa que a voz seja sonora, e certa, o ponto he que seja forte. Quem he muito sensivel á vaidade do nome, e á vaidade da opiniaõ, commummente he insensivel á realidade da cousa; esta fica desprezada, se se pôde desprezar com segurança, e sem receio; quando só se quer o effeito, não se procura, nem attende a causa; por isso a quem deseja o applauso da virtude - esta fica sendo indifferente; e a quem deseja o applauso da justiça, tambem esta fica sendo menos importante. Daqui vem, que a justiça costuma fazer-se para soar: aquella que soa mais, (ou pela grandeza da materia, ou do sujeito) esta he a mais agradavel a quem a faz; porque della se fórma a voz da fama e juntamente nasce della o nome, e reputaçãõ de justo. A vaidade não se contenta, com o que as cousas são, mas com o que parecem, com tanto que pareçam grandes; nem faz caso do que se diz que he: estima o merecimento

to

to não segundo a qualidade delle, mas segundo o effeito, que faz na esfirmiação das gentes: não faz distincção entre o louvor extorquido, e o louvor merecido justamente. basta-lhe que seja louvor; e isto he porque a vaidade não se formaliza da verdade do principio; o que quer he, que os homens se admirem; que tomem huma exhalação por huma estrella, importa pouco: daqui vem que huma acção illustre, mas feita em segredo, a vaidade a tem por infeliz; a virtude escondida, e que não se sabe a vaidade a julga por huma virtude perdida, e morta.

O juiz, que decidio contra hum litigante poderoso, e a favor de hum litigante humilde, logo attrahio a si todo o suffragio popular; a multidão o canonisa sem exame, e o faz passar por justo, inteiro, e sabio. Assim se engana, ou se deixa enganar aquella multidão cega, e sem experiencia; presume no juiz hum espirito de justiça, firme, e incontrastavel, só porque o vio julgar contra a grandeza do poder; mas não vê que

que niffo mefmo quiz o juiz astuto; fundar a fua grandeza propria; opprimio injuftamente ao grande , (porque nem fempres a razaõ , e a juftiça eftaõ da parte dos humildes) aquelle foi o meio que buscou para fazerfe admiravel entre todos , e adquirir reputaçãõ em poucas horas : huma fõ injuftiça lhe deu a opiniaõ de jufto ; huma fõ iniquidade o fez illuftre ; talvez que huma vida longa , e cheia do exercicio da juftiça verdadeira , naõ fizeffe tanto ; iffo mefmo previo o maligno julgador ; por iffo quiz anticipar-fe aquella gloria , ou vaidade , por meio de hum crime , que o vulgo commummente naõ fuppoem : daquella forte confeguiõ hum alto nome ; mas que importa elle mefmo o desconhece : todos o tem por jufto , e fõ elle naõ fe tem a fi ; o engano produzio o effeito para os mais , para elle naõ ; todos o eftimaõ porque o crem jufto , e fõ elle fe reprehende , porque interiormente fabe que o naõ he ; a todos póde enganar , fõ a fi naõ ; a consciencia , que naõ teve para julgar a outrem , tem-na (a feu

Sobre a vaidade dos homens. 283

seu pezar) para julgar-se a si ; em si mesmo tem hum Tribunal , que o accusa , e que conhece claramente o seu delicto ; aquelle conhecimento he o por onde começa desde logo a sua pena ; a sentença contra hum julgador impio , elle mesmo a pronuncia ; e por mais que a vaidade (depois que o fez errar) o ponha em hum perpetuo esquecimento do seu erro , com tudo lá vem algum tempo em que parece , descança a vaidade , e desperta a consciencia ; esta nem sempre vive em hum letargo , ás vezes se levanta como estremecida , e affombrada ; entãõ a ouvimos fuspitar dentro de nós , á maneira de hum gemido queixoso , ou eco triste , que sahe do fundo interior de hum ermo solitario ; o coração se sobressalta e enternece ; hum horror gelado , e frio , parece que o cobre , e lhe suspende o movimento ; só entãõ podemos ver naquella luz serena , e pura , luz da justiça , e da razão ; entãõ se vê , que a vaidade he de todas as sciencias , e que ainda aquella , que tem a justiça , e a razão por inf-

instituto, nessa mesma se introduz a vaidade. Quem differa, que a escuridade das trevas pôde ter lugar na mesma parte em que a luz preside! Que á vista da formosura, pôde ter veneração a fealdade! Que huma voz irracional, e rouca, pôde entrar sem desordem no concerto da harmonia! Que entre as pedras preciosas, pôde ter valor a pedra tosca! Que o metal grosseiro tem hum preço igual ao metal brilhante! E finalmente quem differa, que no templo da divindade pôde ter algum culto, o idolo! Entre extremos taes, a distancia que ha, he infinita; e com effeito entre o vicio, e a virtude; entre o engano, e a verdade; e entre a injustiça e a justiça, não ha caminho certo, nem proporção, que se conheça; o mesmo meio parece que he iniusto, e vicioto. Mas que importa: a vaidade faz, que não seja excessiva a distancia dos extremos, porque quando os não pôde chegar, e unir, faz com que ao menos se possa ver de longe; he o que basta para de algum modo os concordar, e tu-

tudo sem mais força, nem trabalho, que o de dar á verdade alguma sombra algum pretexto ao vicio, e alguma cor á injustiça: e assim em quanto houverem cores, sombras, e pretextos, haõ de padecer a verdade, a justiça, e a virtude.

Na sciencia de julgar, alguma vez he desculpavel o erro do entendimento; o da vontade nunca; como se o entender mal não fosse crime, erro sim; ou como se houvesse huma grande differença entre o erro, e o crime: o entendimento pôde errar, porém só a vontade pôde delinquir. Assim se desculpaõ commummente os julgadores, mas he porque não vem, que o que dizem, procede do entendimento; se bem se ponderar, procedeo unicamente da vontade. He hum parto supposto, cuja origem, não he aquella que se dá. Querem os sabios ennobrecer o erro, com o fazer vir do entendimento, e com lhe encobrir o vicio, que trouxe da vontade: mas quem he que deixa de não ver, que o nosso entendimento, quasi sempre se sujeita

jeita ao que nós queremos ; e que o seu maior empenho, he servir á nossa inclinação ; por isso raras vezes se oppoem , e o mais em que se occupa, he em conformar-se de tal sorte ao nosso gosto , que ainda a nós mesmos fique parecendo , que foi resolução do entendimento aquillo que não foi senão acto da vontade. O entendimento he a parte que temos em nós mais lisonjeira ; daqui vem que nem sempre segue a razão , e a justiça , a inclinação sim ; inclinamo-nos por vontade , e não por conselho ; por amor , e não por intelligencia ; por eleição do gosto , e não por arbitrio do juizo : as paixões que nos movem , nos inclinão ; a todas conhecemos , isto he , sabemos que amamos por amor , que aborrecemos por odio , que buscamos por interesse , e que desejamos por ambição : mas não sabemos sempre , que tambem a vaidade nos faz amar , aborrecer , desejar , buscar ; daqui vem que o julgador se engana , quando se presume justo , só porque não acha em si , nem amor , nem odio , nem ambição ,

ção, nem interesse; mas não vê, que he vaidoso, e que a vaidade basta para o fazer injusto, cruel, tyranno. Não vê, que se não tem amor a outrem, tem-no a si; que se não tem odio ao litigante humilde, tem-no ao poderoso, só porque na oppressão deste quer fundar a sua fama; não vê que se não tem interesse de alguns bens, tem interesse de algum nome; e se não tem ambição das honras, tem ambição da gloria de as desprezar; e finalmente não vê, que se lhe falta o desejo da fortuna, sobra-lhe o desejo da reputação. Que mais he necessario para perverter hum julgador? E com effeito que importa, que a corrupção proceda de hum principio conhecido, ou de hum principio occulto, isto he, de huma vaidade, que o mesmo julgador não conhece, nem percebe? O effeito da corrupção sempre he o mesmo. Que importa que o julgador se faça injusto só por passar por justiceiro? A consequencia da injustiça tambem vem a ser a mesma; o mal que se faz por vaidade, não he menor, que aquelle que

que se faz por interesse; o damno que resulta da injustiça, he igual; o juiz amante, ou vaidoso, sempre he hum juiz injusto:

Naõ he assim o magistrado, ou o julgador prudente: este he severo sem injuria, nem dureza; inflexivel sem arrogancia, recto sem aspereza; nem malevolencia; modesto sem desprezo constante sem obstinação; incontrastavel sem furor, e douto sem ser interpretador, subtilizador, ou legislador, o seu caracter he hum animo candido, sincero, e puro; he amigo de todos, inimigo de ninguem; he alegre, e affavel por natureza, mas reservado por obrigação do officio; he sensivel ao divertimento honesto mas sem uso d'elle por causa do lugar: em tudo he moderado, civil, circumspecto, diligente, laborioso, e attento; a ninguem he pezada a sua authoridade, e quando foi promovido a ella, todos conheceraõ que foi justa e acertada a eleição; todos viraõ que tinhaõ nelle hum protector seguro da verdade, e hum medianeiro discreto, e favoravel para tudo o que fosse favor;

cle-

clemencia , generosidade ; chegou á aquelle emprego por meio das virtudes , e não por meio da fortuna ; hum alto merecimento o fez chamar : e as gentes se admiraraõ , não de que fosse chamado , mas de que o não fosse mais cedo : a elle não affombra nem a grandeza dos sujeitos , nem dos lugares , nem das materias ; não attende mais do que á justiça ; a esta tem por objecto singular , para esta he que olha ; a razão he a sua regra , elle a segue , e a acclama em qualquer lugar que a ache : no seu conceito não valem mais , nem o pobre por humilde , nem o grande por poderoso ; distingue as pertençoens dos homens pelo que ellas são , e não por de quem são ; não attende á qualidade dos rogos , mas á qualidade das cousas : huma vida sem reparo , nem desordem , foi hum dos requisitos por onde se habilitou ; outros ha a quem não he ventajoso , que se vejaõ os passos , que já deraõ , mas sómente aquelles , que vão dando ; e a quem não será util , se ponderem as acçoens antecedentes ; e ainda as
pre:

presentes não passam sem murmuração, e queixa. O julgador benigno não receia, que se saiba a sua vida, que se diga, e que se escreva; o seu panegyrico só depende da verdade, do encarecimento, ou da lisonja, não; elle mesmo he o seu elogio. Finalmente o julgador sincero tem das sciencias o que basta para saber julgar, e não o que basta para saber embarçar; alguns ha, que fazem do conhecimento da razão huma sciencia immensa, como se fosse necessario arte para se conhecer o Sol. O caminho da justiça (para quem tem vontade de andar por elle) he hum caminho direito, espaçoso, claro, facil, e aprafivel; as flores, que o bordão de huma, e outra parte, todas são perpetuas, porque nunca murchoão; huma Primavera constante as reverdece, e alenta: o caminho porém das injustiças he hum caminho difficil, espantoso, e escuro; humas vezes he por cima de rochedos escarpados, por onde a cada passo se encontra hum precipicio; outras vezes he por valles estreitos, sinuosos, e pro-

e profundos , e donde as arvores são todas infecundas , tem palidas as folhas , e nascendo desordenadas , e confusas , fazem o lugar seguro , e proprio para traiçoens , aleivosias , furtos , assassinos ; as mesmas sombras infundem pavor , e fingem vultos enormes ; hum ar caliginoso , e denso , apenas pôde alvergar aves nocturnas de presagio infausto ; os rios , que alli se vem , são negros , e tem no abyssmo o fundo , apenas pôde criar monstros amphibios ; o silencio , com que passaõ , os faz ainda mais funebres , e tristes , como se nascessem do Styge , do Averno , ou do Cocyto. Esta figura representa o caminho da injustiça , caminho , que não se sabe sem estudo , porque tudo se compoem de circuitos , rodeios , e desvios. Mas que infeliz estudo he este , em que se aprende muitas vezes o caminho por onde se vai ao Inferno ! Por isso aquelle digno Magistrado , de huma fiel jurisprudencia , só quiz saber , o como se deve julgar ; e não o como se pôde julgar ; e da mesma sorte só quiz saber , o como

mo se devem fazer as cousas , e não o como se podem fazer ; daqui lhe procedeo o serem justas as suas decisões , e ser o seu voto acertado sempre ; nunca teve por objecto , senão a justiça e a razão , e estas só consideradas em si mesmas , sem alteração , e no seu primeiro estado de innocencia , e de pureza ; nas leis nunca vio mais nem menos do que aquillo , que ellas tem , nem as soube accommodar a algum sentido exquisito , e raro , por onde viesse a ter lugar a inveja , a ambição , e a vingança . Finalmente aquelle julgador he verdadeiro só por amor da verdade ; he justo só por amor da justiça ; elle conhece os seus proprios movimentos , e entre estes segue unicamente aquelles , que tem por principio a justiça , e a verdade . Não se desvanecê das virtudes , que conhece em si ; o applauso só quer , que seja da virtude , e não seu ; o louvor quer , que te dê á razão , e não a elle ; parece-lhe , quem em obrar como deve , não merece nada ; não se admira da justiça , que exercita por força da obrigação
das

das acções memoraveis, em que tem parte, elle se suppoem hum instrumento necessario; sendo assim, não o póde vencer a vaidade. Esta, que em todos os homens he como hum affecto, ou paixão inevitavel, só naquelle julgador fica sendo como affecto sem vigor; desconhecido, e estranho; mas por isso mesmo, e sem cuidado, conseqüo, e tem hum nome veneravel, e com circumstancia tão feliz, que esse mesmo nome, que conserva, contém em si huma illustre, e saudosa recordação.

A vaidade da origem, he huma feita, que se fundou na Europa da decadencia de outras da mesma especie ou semelhantes: aquella parte por onde o mundo se começou a pollir foi o donde os homens descobrirão a invenção maravilhosa da nobreza. A successão dos seculos tinha feito perder a intelligencia, e uso de muitos artificios uteis, e admiraveis; mas em recompensa fez achar no sangue muitas differenças, que ainda se não tinhaõ advertido. Os homens barbaros não puderaõ ver no

fangue outras cousas mais , do que aquellas de que consta hum corpo fisico ; e naquella humor o mais que viraõ , foi a razão de mais ; ou menos liquido , e a razão de mais ; ou menos cor ; destes dous principios fizeram resultar todas as mudanças de que o fangue he susceptivel , e por causa delle , o homem. Averroes , Avicena , Hippocrates , e Galeno ; huns , famosos Medicos , e Philosophos Arabios ; os outros , tambem famosos Philosophos , e Medicos Gregos , não conheceraõ (segundo se diz) a circulaçaõ do fangue. Os que lhes succederaõ depois , não só fizeram aquella grande descoberta , mas tambem entraraõ a seguir a idéa de applicar , ou considerar no fangue muitas razoens , e substancias importantes , de que a natureza , que o faz , e cria , não tinha , nem ainda tem , noticia alguma de forte , que nesta parte póde dizer-se , que a natureza não sabe o que faz ; e com effeito o que sabe he , que o fangue he huma entidade material , sujeita a todas as leis da hydrostatica , e do equilibrio , e que

e que fórma hum liquido espirituoso, vital, universal, e igual em tudo quanto respira, e he sensitivo; o mesmo modo, a mesma arte, os mesmos ingredientes, de que a natureza se serve para fazer o sangue de hum Leão, de hum Elefante, ou de huma Aguia, são os mesmos de que se serve tambem para formar o sangue de huma Pomba rustica, ou de hum Cordeiro manso; as produççoens são diversas, a fabrica he a mesma; não ha differença nos principios, nas figuras sim. Se o Leão se desvanece, he porque tem a força, e não porque tem o sangue de Leão; e ainda se se desvanece pela força, he quando se compara ao Cordeiro debil, e não se he comparado a outro Leão. Se o Elefante fosse presumido, seria por ter a corpulencia, e não por ter o sangue de Elefante: e ainda no que toca á corpulencia, a presumpção seria a respeito de outros animaes de menos estatura, e não a respeito de outros Elefantes. Se huma Aguia se jactasse, havia de ser de subir mais alto, e não de ter o sangue de

Aguia ; e ainda a jactancia do subir ; só seria a respeito do Cisne humido , e pezado , e não a respeito de outras Aguias. Não he assim o homem ; porque o seu desvanecimento , a sua presumpção , e a sua vaidade he dirigida sempre a respeito dos mais homens. O sangue he o lugar em que fazem consistir a singularidade ou superioridade de huns a outros ; naquelle licor he o donde considerão como occultas , e invisiveis todas as razoes de differenças ; alli puzeraõ o assento da Nobreza , e dalli a fazem fahir , como de huma fonte original , e composta de infinitas distincões , qualidades , grãos , quilates. Os homens das outras regioens não distinguem os sangues , senão pelas suas proporções elementares ; isto he pela proporção dos elementos ; ou partes , de que os mesmos sangues se compoem ; a diversidade que notavaõ , consistia em ser hum sangue mais , ou menos calido ; mais ou menos denso ; mais ou menos subtil : não viraõ aquellas nações remotas , o que com mais engenho , e estudo

che

chegaraõ a ver as naçoens da Europa ; isto he , que ha hum fangue humilde , vil objecto , e baixo ; e que ha outro , nobre , illustre , preclaro , esclarecido : mas se se perguntar a hum fangue , quem o fez humilde , e a outro ; quem o fez nobre ; o primeiro ha de dizer , que hum nobreza cruel , e dilatada , o invileceo ; e o segundo dirá , que hum pomposa , e dilatada riqueza o illustrou. Quem dissera , que a fortuna faz o fangue ! Naõ bastava , que essa mesma fortuna tivesse poder nas cousas , que nos rodeaõ , sem o ter tambem naquillo , que está dentro de nós ? Parecia-nos , que só a natureza dava o fangue , e que este só da natureza dependia ; mas agora vemos , que a fõrtuna o muda.

Muda a fortuna o fangue , ou ao menos parece , que o muda ; e com tal variedade , e força , que aquelle fangue ; que algum dia foi humilde , hoje he generoso ; aquelle que foi esclarecido , he humilde ; o que agora he abatido , tempo ha de vir em que o naõ seja ; e o que está sendo illustre

Iustre já , tambem algum dia deixará de o ser. Deste modo vem a depender o sangue , não só da fortuna presente , mas da passada , e da futura : não só lhe prejudica a miseria actual , mas tambem aquella que passou ; faz-lhe mal o mal que sente , e tambem aquelle que não póde sentir ; costuma vir-lhe de longe o abatimento , ou a grandeza ; por isso depende menos do estado presente em que se acha , que do estado passado em que outros se acharão ; e com effeito a fortuna dos passados faz a Nobreza dos presentes , e a fortuna destes faz a Nobreza dos futuros ; assim se faz a Nobreza , e se desfaz successivamente. A mesma fortuna prepara a Nobreza em huns ; isto he , começa-a ; em outros a aperfeioa ; até que finalmente vem a acaballa em outros ; o acaballa , he desfazella ; todas as cousas tendem naturalmente para o seu principio. A indigencia he mais natural , ou mais certa que a abundancia ; esta que illustra o sangue he menos permanente do que a pobreza , que o abate ; a decadencia he

he mais commua , e menos inconstante ; a prosperidade he a que faz a Nobreza , em quanto dura ; e tambem he a que a desfez , quando se aparta. A Nobreza segue os passos da fortuna , se esta he dilatada , e grande , entao se forma huma Nobreza esclarecida ; porque os seculos lhe escondem a sua primeira , e limitada origem. A luz , quando nasce , he debil ; porém insensivelmente se fortifica ; nenhum rio se mostra logo como mar ; e dos que saõ mais celebrados , ainda se ignora o donde vem ; talvez que seja de alguma fonte humilde , e desprezada ; mas como vem de longe , a distancia os ennobrece , só porque occulta a tosca rocha , ou a brenha sem nome donde nascem. As cousas vãs necessitaõ de huma certa escuridade ; que as esconda , porque como se estimaõ , tó porque se imaginaõ estimaveis , se se deixaõ conhecer , perdem-se ; a ignorancia do que ellas saõ , he o que as conserva , e attrahe a si hum respeito religioso. Saõ poucas as vozes , que naõ sejaõ imprudentes ; e

pe-

pelo contrario , todo o silencio he discreto , e sabio ; as cousas que não se estimaõ por não serem conhecidas são raras : o merecimento transpira por toda a parte , e por mais que se queira esconder , não pôde ; he como a claridade , que sempre busca , e acha caminhos invisiveis por onde passa : huma chamma activa não se pôde conter : ella se descobre , o mesmo fumo lhe serve de indicio. Não he isto assim na vaidade da Nobreza ; porque a esta o que convem he ter hum principio impenetravel , e que esteja envolvido em sombras taes , que o exame as não possa romper ; e que esse mesmo exame , já confuso , e embaraçado , não chegue senão até áquella parte , donde a Nobreza está mais brilhante , e clara ; e se lhe fosse facil andar mais , de successão em successão ; lá havia de encontrar os sinaes , ou vestigios da miseria , e junto a esta inseparavel a vileza ; assim , bem podemos assentar , que a vaidade da Nobreza he huma introducção superficial , a qual nasce da vaidade do luxo , da vaidade da arrogân-

gancia, e da vaidade da fortuna.
Era preciso com effeito, que muitas vaidades concorressem, para poderem formar a vaidade da Nobreza; era preciso, que muitas vaidades se juntassem, (todas subtis, e especulativas) para fazer que os homens cressem, que os accidentes do tempo, da fortuna, e da desgraça, se podiaõ de tal sorte infundir no sangue, que a hum constituissem sangue noble, e a outro fizessem sangue vil. A Nobreza, e a vileza, são substancias incorporaes, porque são vãs; e se he verdade, que podem estar no sangue, será talvez por algum modo intellectivo, immaterial, e ethereo; mas parece que nem assim podia ser, porque aquillo que he vaõ, de nenhuma sorte existe. A inexistencia da Nobreza ainda he menos, que a inexistencia de huma sombra, porque esta ao menos he hum nada que se vê; a imaginaçãõ pôde fingir huma chiméra, porém dar-lhe corpo, não; pôde imaginar a chiméra da Nobreza, porém introduzilla nas veas nunca pôde ser. Os homens enganaõ-se
com

com o que imaginãõ ; parece-lhes que o mesmo he imaginar , que formar , e que he o mesmo idear , que ser. O engano , ou a vaidade da Nobreza pôderia ter lugar , se os homens assim como a quizerãõ pôr interiormente em si , se contentassem com a pôr de fóra , isto he ; se a fizessem consistir nas acçoens exteriores ; perderãõ-se em buscar o sangue para assento da Nobreza ; aquelle engano ficou visivel ; e facil de perceber. Todos sabem , que a imaginaçãõ não pôde dar , nem tomar corpo : a illusaõ do pensamento nunca pôde ser mais do que illusaõ. O sangue não está sujeito á opiniaõ , só depende das leis do movimento , e da materia ; as distincçoens , que o pensamento considera , não passaõ do pensamento , nelle ficaõ , só nelle podem existir , no sangue não. A Nobreza , e a vileza , são nomes diferentes , mas não fazem diferentes sangues ; estes são iguaes em todos ; e por mais que a vaidade finja , invente , e dissimule , tudo são imagens suppostas , e fingidas , tudo são opinioens ,

Sobre a vaidade dos homens. 283

niens, que todos sabem que são falsas; tudo são sonhos de homens acordados. A verdade se ri de ver a gravidade, o gesto, e circunspecção com que as gentes trataõ a materia da Nobreza; e de ver que saibaõ como o sangue se ennobrece, ao mesmo tempo que não sabem o como elle se faz; de sorte que ainda não conhecem, nem haõ de conhecer nunca a fabrica daquelle liquido admiravel, e presumem conhecer-lhe as qualidades; ignoraõ as qualidades certas, e visiveis, e cuidaõ que não ignoraõ as que são de huma fantasia irregular; e que não constaõ mais que de huma ficção civil. Daqui veio o reduzir-se a arte áquelle mesmo conhecimento, arte rara, e vasta, e que tem por objecto, não só o estado da successão dos homens, mas tambem o estado, ou situação da Nobreza delle. Em hum breve mappa se vê facilmente, e sem trabalho, o que produziraõ muitos seculos; alli se achãõ collocados (como se estivessem vivos) os illustres ascendentes da Nobreza humana; e tudo com tal ordem e reparti-

partição tão clara, que em hum instante se comprehende a arte ; e só com se ver, se sabe : no mesmo mappa, ou globo racional, se encontraõ descriptas muitas linhas, e distinctos lados ; e nestes introduzidos subtilmente outros lados errantes, desconhecidos, vagos, e duvidosos : as regioens, que alli se consideraõ, tem aquelles frutos, que o tempo confumio : as arvores, os troncos, e os ramos, saõ de donde estaõ pendentos Varoens illustres, armas, escudos, titulos, troféos, mas tudo sem acção, nem movimento, tudo alli se poz, menos para exemplo das virtudes, que para delicia da vaidade ; menos para incitar o desejo de merecer, que para servir de lizonja a ociosidade da memoria ; menos para estimulo da imitação, que para despertar o desvanecimento. Nunca a vaidade achou em espaço tão pequeno, maior contentamento. Aquelle he o lugar mais proprio, em que a Nobreza se mostra vestida de pompa, e de aparelho : alli he finalmente donde a vaidade como em hum

hum labyrintho famoso, e agradável intenta medir o ar, pézar o vento, apalpar as sombras.

Mas porque razão poriaõ os homens no sangue a qualidade da Nobreza? Seria por ser aquella a parte de que a vida está mais dependente? Não, porque a vida não depende mais do sangue, que de outros muitos liquidos do corpo. O sangue tem na cor mais elegancia, move-se, e existe em porção maior; mas disso não se segue, que a vida depende mais do sangue, ou tenha delle maior necessidade. A cor he effeito da transposição da luz; a porção muitas vezes faz o nosso mal; e na formação dos mixtos he menos importante aquillo, que entra nelles em mais larga quantidade. Move-se finalmente o sangue, mas que parte haverá no corpo, que não tenha hum movimento proprio? O que o sangue parece tem de mais, he que não necessita da nossa intenção para mover-se; mas isso mesmo tem o corpo em outras partes; e a depravação do movimento de que resulta a convulsão, procede

cede de hum movimento involuntary. Não achamos pois o fundamento por onde os homens quizerão, que fosse o sangue a fonte donde a Nobreza se imprime, e de donde sahe. Só nos falta ver, se será talvez por entenderem, que as successoens se continuão pelo sangue, e que este derivado de hums a outros, successivamente continua em huma mesma descendencia, conservando nella hum caracter particular, distincto, e determinado; e com effeito em cada arvore ha hum tronco commum, de donde nascem muitos ramos, muitas folhas, muitas flores, muitos frutos; estes, ainda quando são muitos no numero, sempre conservão a mesma ordem, e a mesma identidade na figura; a qualidade he a mesma, e igual em todos; e todos reconhecem huma mesma, e universal origem: alli se vê, que as producçoens são separadas, e diversas; mas o tronco progenitor he hum. Muitas rosas brotaão de huma só roseira; porém todas são rosas; a especie he a mesma em todas; e por mais que cada hu-
ma

ma esteja em diverso ramo a arvore que as sustenta, he huma só. Assim he, e já parece, que aquella paridade tomada no reino vegetal, tem justa applicação para o caso da Nobreza infundia no sangue, e na successão; mas não sei se a mesma paridade pôde servir de aniquillar inteiramente, ou ao menos de embarçar o systema da Nobreza de geração. (A maior parte dos systemas commumente está sujeita á variedade do discurso; ainda aquelles a que a prescripção do tempo tem feito adquirir hum direito de certeza.) O caso he, que o sangue dos animaes he como o humor nas plantas; estas por meio das raizes attrahem a si a humidade fecunda, que as faz reverdecer; e he a mesma de que se fórma o tronco, os ramos; as folhas, e os frutos; de sorte que o humor da terra he o que anima a planta, he o seu sangue: este sangue pois, ou este humor, será por ventura sempre o mesmo em huma planta? Não; porque a terra a cada instante recebe dos outros elementos huma nova vida, isto he, hu-
ma

ma humidade nova: as aguas, que a regaõ, nunca são as mesmas; daquí vem, que o sangue de huma planta sempre he outro, comparado ao que foi primeiro; e por isso sempre muda de sangue, porque sempre muda de humor; aquelle com que nasceo, não he o mesmo que hoje tem: o primeiro parece se extinguiu por huma transpiração lenta, e insensível; e assim o sangue, com que está, não he o que já teve, porque já não tem o humor que tinha: a conservação das plantas, e animaes, depende de huma continua mudança de alimento, e por consequencia de sangue; este soffre huma dissipação precisa; he preciso, que hum sangue acabe, para dar lugar a outro: nesta renovação, ou reformação de sangue, consiste a vida: a morte vem de ser o sangue o mesmo; a falta de mudança, he o que o perverte; a constancia, e estabilidade, serve-lhe de ruina.

E com effeito se se não perdesse o sangue, que se faz nos animaes, e o humor, que as arvores attrahem, don-
de

de era possível, que coubesse tanto humor e tanto sangue? Que outra cousa he a enfermidade senão hum sangue, ou hum humor, que se não dissipa, e está como suspenso? O calor vital, que expulsa hum, fabrica outro; algumas cousas ha, que para acabarem, basta que subsistão no que são; daqui resulta huma especie de pafmo: a corrupção do sangue vem de não acabar hum para que outro comece; a força do remedio consiste na virtude de expellir, e dissipar; a superfluidade procedê de se haver o sangue conservado; a conservação o perde, não só pela razão de ser peccante, mas pela razão de ser o mesmo. Os poros são como infinitas portas, e quasi imperceptiveis, por onde o sangue, e todos os humores passam continuamente, e sem interrupção: a saude consta de exhalação, e de perdição; persiste huma substancia, porque outra se desvanecer: se acaso aquelles poros se constipam, isto he, se aquellas portas se apertam, ou se fecham, e que o sangue fique como prezo, e sem saber,

entaõ se vê, que o sujeito se afflige, e desfalece; e se dura, ou permanece a reclusãõ, a morte chega em poucas horas: a arte, que conhece a causa da desordem, só cuida em relaxar, e abrir os poros comprimidos, e cerrados, para que o sangue posto em liberdade se possa livremente perder, dissipar, fugir. A natureza ambiciosa em conservar fica inhabil para adquirir; a vida não depende tanto do sangue, que está feito, como daquelle que se vai fazendo: rotas as veas, por ellas sahe em horrivel, e espantosa quantidade; debilita-se a natureza, mas se lhe acodem, não acaba; porém se fica sem acção para fazer de novo, entra em agonia, e se extingue totalmente; naquella elaboração está a vida, neste descanço a morte.

Ainda as partes solidas do corpo de alguma forte mudaõ de substancia, e se regeneraõ. O osso duro, parece que todo em si he compacto, e immutavel; mas com tudo, a sua contextura he composta de folhas adherentes, separadas, e sobrepostas;

mento de huma fonte quem lança qualquer porção de agua diversa, esta ha de sahir em brevissimos instantes; porque aquellas aguas continuamente estaõ mudando de si mesmas: ellas saõ o sangue da terra, assim como o sangue saõ as aguas do corpo: todas se mudaõ, e successivamente se renovaõ; as que vem depois saõ outras, sem impressaõ alguma das primeiras; nem se póde imaginar, que cada porção de sangue vá deixando, (como em memoria, e penhor de si) alguma porção, ainda que pequena infinitamente; as partes naõ saõ extensiveis, ou indivisiveis em infinito; assim que chegaõ a huma tal tenuidade, acaba-se a divisaõ. A subsistencia tem fim no sangue, porque este transpira por huma immensidade de caminhos; nem he comprehensivel, que na massa de hum fluido subtil, haja alguma parte, que tenha o privilegio de ser intranspiravel, e que izento das leis universaes, vá ficando só para servir de germea qualificador. Quanto mais hum licor se move, mais se diminue: naquelles que

que tem hum movimento perpetuo, regular, e proprio, a materia se dissipa, á proporção que se subtiliza; nem ainda em hum tubo de crystal se póde algum licor conservar inteiro; e apenas se faz crível a quantidade de humor, que o corpo exhala em poucas horas. Concluamos pois, que o sangue não he donde a Nobreza assiste; he hum liquido incerto, e vago para ser o assento de huma vaidade tão constante. Haja embora no mundo huma Nobreza, com tanto que não imaginemos, que ella tem dentro dos homens huma parte distincta donde habita: seja hum idolo, mas idolo sem templo: basta suppor, que o Simulacro he certo, sem entrar no empenho sobre o lugar da dedicação: seja a Nobreza como a sombra; esta, bem se vê, mas não se pega; sempre está fóra do corpo dentro nunca: tenha a vaidade hum culto exterior, com tanto que ella seja exterior tambem. Deixemos finalmente o sangue em paz; elle não descança, e todo o seu trabalho he para ser sangue, e não pa-

para ser este; ou aquella sangue: de que serve a arte de introduzir naquelle liquido admiravel, qualidades arbitrarias e civis, se a verdade he, que elle só tem as qualidades naturaes? Para que he fazer ao sangue; author daquillo, de que só he author a vaidade.

A Historia he huma das provas, com que a vaidade allega, e de que mais se serve na authenticidade da Nobreza: prova incerta, duvidosa, fingida, e tambem algumas vezes falsa: nella se vem muitos successos famosos, acçoens, combates, victorias, muitos nomes a quem essas mesmas acçoens ennobreceraõ, illustraõ. Mas de quantas acçoens fará mençaõ a historia, que já mais se viraõ? De quantos successos, que nunca foraõ? De quantos combates, que nunca se deraõ? De quantas victorias, que nunca se alcançaraõ? E de quantos nomes, que nunca houveraõ? Não he facil, que pelas narraçoens da historia se possa descobrir a verdade dos successos; ella commummente se escreve, depois de serem passados alguns,

guns, ou muitos seculos de que se segue, que a mesma antiguidade he huma nuvem escura, e impenetravel, donde a verdade se perde, e esconde. Se a historia se escreveo ainda em vida dos Heroes, o temor, a inveja, e a lisonja bastaõ para corromper, diminuir, ou accrescentar os factos succedidos: por isso já se disse, que para ser bom historiador, he necessario não ser de nenhuma Religiaõ, de nenhum paiz, de nenhum partido, de nenhuma profissãõ; e mais que tudo, se se pudesse não ser homem. E com effeito se atquem se persuade, que ha de saber a verdade dos successos pela liçaõ da historia, engana-se, quando muito o que ha de saber, he a historia do que os Authores escreveraõ, e não a verdade daquillo que escreveraõ.

Os historiadores no que mais se esforçaõ, he em pintar cada hum a si, e introduzirem no que escrevem as suas profiçoens, e inclinaçoens. O Orador todo se occupa em Declamaçoens, e Panegyricos, ainda que os ob-

objectos do louvor sejaõ totalmente indignos delle. O Militar naõ faz mais que buscar occasiaõ para crescer emprezas , muralhas , angulos , ataques , sitios : huma batalha , que nunca houve , elle a faz taõ certa , que até relata a hora em que começou , o como se proseguio , o tempo que durou , os incidentes que teve , os nomes dos Generaes a fórma do combate , os erros , ou acetos de huma ; e outra parte ; e finalmente dá a razaõ por onde se veio a conseguir o vencimento ; ainda em hum combate verdadeiro , só o historiador teve noticia de infinitas circumstancias , que tendo sido momentaneas , nenhum dos mesmos combatentes as puderaõ distinguir , saber , nem ver ; se o author da historia he Jurisconsulto , logo faz mençaõ de leis , legisladores , direito das gentes , e da guerra : a cada passo acha materia propria para huma larga discussaõ , e deixando o que pertence á historia , elle mesmo se incorpora nella , e entra a mostrar o seu character : daqui vem , que Salustio,

tio, sendo historiador, todo se cansa em moralidades, Tacito em politicas, Tito Livio em superstiçoens.

mo O defejo de contar cousas admiraveis, e a vaidade, que o historiador tem de manifestar que as sabe, he o que fez sempre inventar, e escrever successos fabulosos. O inventor de cousas raras, extraordinarias, e maravilhosas, attribue a merecimento seu a admiracão que faz nascer no animo do leitor credulo, e innocente. A variedade de opinions na materia da historia, faz que esta parte da literatura, seja a mais incerta, duvidosa, e composta muitas vezes de enganos, e imposturas. A Herodoto (que passa pelo melhor historiador) chama Cicero author de fabulas; Diodoro trata de fabulistas aos Escritores, que lhe precederaõ, e a elle mesmo trata da mesma sorte Vives. Os Commentarios de Cesar não são mais acreditados: Pollio-Afinio os tem por pouco verdadeiros, e Vossio faz lembrado hum Escriitor, que pretende mostrar com provas ~~intenciveis~~, que Cesar nunca pat-

passou os Alpes ; e que tudo quanto diz da guerra dos Francos , he falso.

Os Historiadores , não sómente são oppostos entre si , mas cada hum a si mesmo muitas vezes he contrario. Procopo na sua historia , dá louvores immensos ao Imperador Justiniano , e á Imperatriz Theodora , sua mulher , a Bellisario , e a Antonina ; e nos seus Anecdotos os critica excessivamente. Os mármorees , e bronzes , não servem na historia de provas infalliveis : os monumentos mais antigos tem dado occasião aos mais celebrados erros : as primeiras conjecturas , (bem , ou mal fundadas) adquirindo com o tempo a auctoridade da historia , forão passando á posteridade como cousas certas : temos exemplo na memoravel inscripção posta no arco do triumpho de Tito ; a qual dizia , que antes daquelle Imperador ninguem tinha tomado , nem ainda emprendido o sitiá Jerusaleem , sendo que (sem recorrer á historia sagrada , que ainda então poderia ser menos bem sabida dos Romanos) aquella Cidade foi hu-

humã das conquistas de Pompeio, de donde procedeo o chamar-lhe Cicero, o seu Jerosolimario. Accresce a isto, que os mais notaveis acontecimentos são os em que as historias mais varião, e em que os Authores concordão menos. Quantos pareceres tem havido sobre a guerra de Troia? Huns querem que ella fosse verdadeira, outros dizem que não foi mais do que humã bem composta fabula.

Dion Chrystostomo, na fé das tradiçoens Egypcias, diz que Helena sendo pedida pelos maiores Principes da Asia, e Grecia, casara por ordem de seu pai Tyndaro com Alexandre, filho de Priamo; e que aquelles Principes irritados da preferencia, fizeraõ guerra a Troia; e que enfraquecidos depois pela peste, e fome; e juntamente pelas suas mesmas dissençoens concluireã a paz com os Troianos, em cuja memoria tinhaõ feito fabricar hum cavallo de madeira, donde se escrevera em grossas letras a fórma do Tratado; e que finalmente não podendo o cavallo entrar pelas portas da Cidade,

fo

Se havia aberto hum pedaço de muralha por onde elle passasse. Porém Pausanias diz o contrario ; e segura que o cavallo de Troia não fora mais do que huma machina de bronze , que elle vira em a Cidadella de Athenas ; e que tinha servido naquella guerra , como de instrumento bellico , para arrambar , e destruir os muros.

Muitos escreverão ; que Helena nunca fora a Troia : que Pariz , e Helena foraõ levados por huma tempestade a huma das bocas do rio Nilo , chamada *Canope* , e de lá conduzido a Memphis , donde Protheo reinava , este abominara a aleivosia daquelle Principe ; e que lançando-o fóra do seu Reino , retivera a Helena com todas as riquezas , que ella tinha : que entãõ Paris se retirara a Troia , e que sendo seguido pelos Gregos , dalli se originara huma grande , e cruel guerra ; e que indo depois Menelao ao Egypto lá lhe entregara Protheo a Helena , e juntamente as riquezas todas.

A diversidade de opinioens não
he

he menor em tudo o que respeita á historia de Eneas. Alguns Escriitores dizem , que aquelle Principe fora o que entregara a sua patria , abrindo huma das portas de Troia aos Gregos : outros escrevem ; que a viagem do mesmo Principe á Itália era duvidada por Denys de Halicarnasso , e entre os Modernos por Justo Lipsio , por Philippe Cluvier , por Samuel Bochart , e por outros muitos. Metrodoro de Lampsaque não faz difficuldade em crer ; que os Heroes de Homero , Agamemnon , Achilles , Hector , Paris , e Eneas nunca existirão no mundo.

A historia não he menos incerta , a respeito da fundação de Roma : huns dizem , que os Pelasgos , depois de subjugarem naçoens varias , fundarão na Italia huma Cidade grande , a que chamaraõ Roma , em sinal , ou significação da sua força ; porque Roma em Grego , quer dizer , *força*. Outros contaõ , que no mesmo dia , em que se tomou Troia , alguns dos naturaes entraraõ nas embarcaçoens , que acharaõ naquelle porto ; e que
sen-

sendo lançados pelos ventos sobre a Costa de Toscana, desembarcarão junto ao Tibre; e que entre as mulheres, que não podião supportar os incommodos do mar, havia huma chamada Roma; e que esta aconselhara as outras pozessem fogo ás embarcações, e que sendo executado aquelle arbitrio, e conhecendo os maridos a bondade do paiz, se resolverão a ficar nelle; e fundando huma Cidade, lhe puzeraõ o nome da mulher, que os obrigara a estabelecer-se alli.

Tambem ha quem diga, que Telepho, filho de Hercules, tivera huma filha chamada Roma, a qual casara com Eneas, ou com seu filho Ascanio, de donde procedera o nome da Cidade: outros querem que Roma fosse edificada por hum filho de Ulysses, e de Circe, chamado Romano: outros dizem que Romo, Rei dos Latinos, fora o primeiro que a habitara, depois de vencidos os Tyrrenos. Antiocho de Syracuza, que vivia cem annos antes de Aristoteles, escreve que muito antes da guerra de Troia,

Troia, já havia na Italia huma Cidade chamada Roma. Sempre he digno de reparo, que entre todos os Authores, que attribuem a Romulo a fundação de Roma, nenhum concorde com o nascimento, e educação daquelle fundador.

A mesma diversidade de opinioens se encontra a respeito das Sabinas, de Licurgo, e das Amazonas. Destas falla Herodoto, Diodoro, Trogo-Pompeo, Justino, Pausanias, Plutarco, Quinto Curcio, e outros. Strabaõ nega, que as Amazonas fossem huma nação, que existisse nunca. Palephato he do mesmo parecer. Arriano tem por muito duvidoso, tudo quanto se escreveu das Amazonas. Outros tomão por Amazonas chuns exercitos de homens comandados por mulheres; e disto ha muitos exemplos na historia antiga. Os Medas, e os Sabianos, obedeciaõ a Ranhas. Semiramis dominava os Assyrios, Tomyris aos Scytas, Cleopatra aos Egyptios, Baudicea aos Inglezès, Zenobia aos Palmyrenios.

Appiaõ crê, que as Amazonas
naõ

naõ era huma nação particular , mas que assim se chamavaõ todas as mulheres de qualquer nação que fossem , e tivessem por costume o hir á guerra. Outros pertenderaõ que as Amazonas naõ eraõ outra cousa mais do que huns povos barbaros , vestidos de roupas longas , e que tinhaõ na cabeça ornatos de mulher. Diodoro de Sicilia diz que Hercules , filho de Alcmena , a quem Euristeo pediria lhe trouxesse o talim de Hypolita , Rainha das Amazonas , elle com effeito as combatera junto ás margens do Thermodon , e destruiu aquella nação guerreira ; porém os successos mais famosos da historia das Amazonas saõ menos antigos que o Hercules Grego , filho de Alcmena. Tudo isto relata o Tratado singular sobre a opiniaõ, e juizo humano.

Naõ ha pois certeza alguma em nada. A historia profana (porque esta he sómente a de que fallamos) parece que naõ foi feita para instruir, senaõ para enganar. Os Authores naõ se contentaraõ com enredar o
mun-

mundo em quanto vivos ; quizerão ter o maligno divertimento de deixar na historia huma occupação de estudar enganos : nem todos o fizeram por malicia , mas por simplicidade. Esta mesma historia he donde a vaidade da Nobreza toma o seu principio , e donde tira as provas de que mais se desvanece ; quanto mais antiga a historia he , tanto he mais esclarecida a Nobreza , que se funda nella. Esta fórte de vaidade he universal. As idéas chimericas sobre antiguidades , não só he propria a cada hum dos homens , mas a todas as gentes , e naçoens ; e com tal fatuidade , que algumas vão buscar a sua origem , antes que o mundo habitavel tivesse a sua , e daquelle modo elles começaraõ primeiro do que o mundo. Neste delirio de antiguidade , e por consequencia de Nobreza entraraõ os Scythas , os Phrygios , os Persas , e os Egypcios ; estes não pretendiaõ menos do que sessenta mil annos de antiguidade ; e nesta fórma , que nação poderia competir com ella naquella parte ? Nem os Chinas , ex-

cessivos em tudo, deitaõ as suas pertençoens taõ longe. Assim saõ os delirios que os homens excogitaõ: huns para se ennobrecerem a si, outros para ennobrecerem os seus. Não ha meio algum de que aquella vaidade se não sirva; ou seja imaginario, ou falso, tudo serve a quem se quer fazer illustre; porque crê que o ser illustre he ser muito mais que homem, ou ao menos alguma cousa mais. O segredo consiste em saber introduzir o engano, e sobre tudo em defender o erro, e prevençaõ, de que os homens podem ser diversos, e ainda na mesma razaõ de homens.

Os grandes da antiguidade, ou a Nobreza dos antigos, ainda era mais forte; e singular, que a que se ideou depois; huma, e outra tem de commum o serem effeitos da vaidade, e consistirem na imaginaçaõ de quem não cabe em si; a Nobreza porém do tempo heroico era em tudo mais subida: nem he para admirar; porque hoje nada he comparavel á grandeza Sparciata e ao esplendor Latino. Os seculos foraõ desfazendo

do todos os portentos ; a variedade de successos ; e fortunas tambem foi reduzindo o mundo a hum estado de mediocridade ; a mesma vaidade da Nobreza teve decadencia ; acabou-se a ficção, e desvario em que aquella sorte de Nobreza se fundava ; ella foi hum dos Idolos que cahiraõ. Quando a luz da verdade desterrou as trevas do Paganismo , cessaraõ os Oraculos , e não responderaõ mais , emmudeceraõ. A Grecia , patria commua dos Heroes , e donde estes nasciaõ como em terra fecunda , e propria , foy donde a vaidade da Nobreza quiz elevar-se ainda acima das Estrellas. E com effeito Eneas dizia ser filho de Venus , Achilles de Theys , Phaetonte de Apollo , Alexandre , e Hercules de Jupiter. Estes , e outros muitos pretendiaõ não menos nobre origem , que a celeste , como descendentes dos Deoses immortaes ; esta fabula não duou hum dia só ; e he para admirar , que ella tivesse authoridade no conceito de homens polidos , e sabios , e prudentes , e com tanta força que chegassẽ a fazer das

fabulas , religião. Aquella foi a Nobreza dos antigos ; Nobreza , que tinha por principio , hum engano introduzido , e respeitado. Via-se nas mãos de Jupiter o raio , nas de Marte a espada , e nas de Apollo as setas: Thetys dominava as ondas , Venus a formosura : quem havia resistir por huma parte á força do poder , e por outra ao encanto da belleza ? Ainda quem conhecesse a fabula , se havia de namorar do aparato della. Todos sabem que os homens são iguaes , em quanto homens ; mas nem por isso deixão de entender , que ha huma nobreza que os distingue , e que os faz ser homens melhores.

Ainda a Nobreza dos antigos (depois de acreditado o erro) tinha mais corpo ; porque os illustres hião buscar os seus ascendentes nos seus Deoses ; e desta forte ficavaõ os homens meios humanos , e não inteiramente. Só assim podiaõ ser distinctos , e desiguaes na realidade. As distincções permaneceraõ , em quanto duraraõ as supposições da origem. Conheceo o mundo a impostura , e
lo;

logo os Deoses se acabaraõ , deixando os seus descendentes feitos homens como os outros ; e com a circumstancia , que por haverem tido progenitores altos , ficaraõ sem nenhuns. Depois daquelle catastrophe fatal , parece que devia extinguir-se a vaidade da Nobreza ; mas naõ foi assim ; porque aquella vaidade só mudou de especie , e o engano , de figura ; a Mythologia converteo-se em Genealogia , humanizou-se. A igualdade sempre foi para os homens huma cousa insupportavel ; por isso entraraõ a forjar novos artificios com que se distinguissem , e ficassem desiguaes ; e naõ tendo já Deoses de donde tirassem o principio da Nobreza , entraraõ a tiralla de outras muitas vaidades juntas ; compuzeraõ huma Nobreza , toda humana ; entaõ nasceo aquella tal Nobreza , como parto do poder , da pompa , e da riqueza ; accidentes na verdade exteriores mas que servem de incrustaçaõ no homem , e esta ainda que composta de fragmentos , sempre fórma hum ornato matizado , e agradavel;

davel ; bem se vê que a viveza dos esmaltes , e das conchas , não penetra a substancia interior , e que o muro tosco não fica mudado , cuberto sim ; mas que importa , se a gala fragil que o reveste , o ennobrece.

Na propagação dos animaes observa a natureza a mesma ordem ; desta sempre vem a resultar a mesma forma , e as mesmas circumstancias : os individuos porém de cada especie não são tão uniformes , que não tenham entre si hum caracter particular com que se distinguem huns dos outros. Nas familias se notaõ feições determinadas , pelas quaes são conhecidos os que vem da mesma parte ; o mesmo ar no gesto , ou na figura persiste em muitas linhas descendentes ; e de tal sorte que algumas são reconhecidas por huma formosura successiva ; e outras tambem o são , por huma fealdade hereditaria. As mesmas naçoens se mostraõ diferentes por hum aspecto , ou semblante proprio , que a natureza affecta em cada huma dellas. A cor he hum sinal demonstrativo ; regular e indelibil,

lebil, que a mesma natureza imprime nas gentes de cada clima, ou regiaõ; e dessa cor procedem outras cores mixtas, ou modificadas; que indicaõ o gráo, e concurrencia de naçoens diversas, mas unidas; de gentes separadas mas juntas; de familias estranhas, mas naturalizadas. Aquella he a marca, que a Providencia poz nos homens; marca perpetua, em quanto elles se perpetuaõ dentro da sua mesma esfera, mas temporal, e extinguiavel por meio de huma nova composiçaõ. Até nas plantas se encontra a mesma economia; ellas tem finaes por onde se distinguem; huns perseverantes, outros mudaveis. A arte, que concilia entre si plantas diversas, ou as conserva, e faz permanecer no estado primitivo ou as altera; e muda para outro; ella força o tronco a sustentar ramos alheios, a vestir-se de folhas desconhecidas, e a produzir frutos adulterinos. Ainda nas cousas insensiveis tem ás vezes lugar a violencia. Assim se constringe a natureza a que siga hum caminho errado, e que em certos

tos casos não siga as suas leis, mas as leis da industria, e do artificio; daqui vem, que he util que a nossa intelligencia seja limitada; se o não fosse, apenas teria a terra liberdade para fazer nascer, como quizesse, a menor flor do campo. Quantas vezes não se faz o mal, porque se não sabe fazer? Aquella ignorancia nos preserva; mas nem por isso valemos mais, porque o merecimento he da ignorancia, e não de nós.

Já vimos que os homens, quando vem ao mundo, já trazem hum sinal de distincão, e differença, e que esta os faz distinguir, e conhecer. Daqui parece que resulta huma inducção forte a favor da Nobreza originaria: mas que argumento debil he aquelle que se tira de huma distincão visivel, constante, e material, para outra que he sómente imaginaria; de huma que se faz naturalmente para outra que civilmente se fabrica; de huma que he da institucão do mundo, para outra que he da institucão dos homens; de huma que he total-
mente

mente independente, para outra que he arbitraria; de huma que tem por principio a mesma Providencia, para outra que procede da fortuna; e finalmente de huma que he fundada em regras infalliveis, para outra que sómente he fundada em vaidade? Nesta parte a razão tirada da semelhança não convence. Com hum só caracter se podem formar letras infinitas, todas iguaes, e semelhantes, mas nem por isso as letras tem nada do caracter impressor. Este imprime, mas não se communica, dá a semelhança, a sua substancia não; o metal de que he composto, não dá de si mais do que a figura. Muitas estampas vem de hum mesmo molde; todas são iguaes, e parecidas, mas nenhuma tem do molde mais do que o contorno. A sombra vem de hum corpo que tem opposta a luz, de sorte que não ha sombra donde não ha luz, e corpo; mas nem por isso a sombra recebe em si propriedade alguma, nem do corpo, nem da luz. O produzir huma cousa, não he o mesmo que reproduzir-se.

A vida , ou espirito vital , que passando de huns a outros vai fazendo a descendencia dos mortaes , parece que indica de algum modo a existencia da Nobreza originaria ; e com effeito se a vida se transfere sendo mais , porque não ha de transferir-se a Nobreza sendo menos ? A vida he transmissivel , e assim deve ser tambem a Nobreza que a acompanha. Porém não tiremos erradas consequencias : A vida não se póde dizer que he transferivel e ainda que o fosse , nem por isso ficava sendo transferivel a Nobreza : só o que existe physicamente se transfere , mas não aquillo que só tem huma existencia mental. Tudo o que consta de imaginação unicamente , nem se passa , nem se dá , nem se transmite. A vida com que vive hum , não he a mesma com que outro vive ; a imaginação de hum não he a mesma que outro tem. A vaidade desperta a imaginação , ou idéa de Nobreza , esta não vem como imaginação herdada , mas adquirida ; e ninguém sabe que a tem , ou que a não tem , senão depois que o ima-

imagina ; naquella imaginação o que se ganha , ou perde , he hum pensamento ; e este quando he falso , não tem menos entidade , que quando he verdadeiro ; porque nas cousas vãs , a verdade não val mais do que a mentira.

A vida consiste no movimento , quem primeiro o causa , he o que se diz ser principio d'elle ; mas não se segue daqui que a causa que depois se move , fique com alguma porção do principio , que a moveo . O braço quando move hum corpo não se comunica a elle ; e esse corpo não recebe em si , mais do que hum impulso ; o braço não poem mais do que a força , que serve de principio ao movimento , mas nem por isso fica o corpo , que se moveo , com alguma parte do braço , que o fez mover . Em huma mesma luz se podem accender muitas mil luzes mas nenhuma destas participa , ou tem em si nada da primeira ; cada huma arde em substancia propria , distincta , e separada ; o que as distingue , he a materia , que lhes vai servindo de alimento , e não

a pri-

a primeira luz de donde começaraõ.
O incendio naõ he menos activo ou menos nobre aquelle, que nasceo de huma faisca errante, do que aquelle que viria de hum fogo guardado no templo das Vestaes. Quem ha de intitular illustre a chamma, porque veio de outra que diziaõ consagrada? E humilde aquella que procedeo de outra, que naõ tinha circumstancia? Huma pedra preciosa regula-se-lhe o valor pela perfeiçaõ que ella mostra em si; a que nasceo no monte Olympo naõ he por isso mais esclarecida, do que aquella que se achou em hum valle rustico, e profundo. Só para o homem estava guardado o serem distinctos huns dos outros, e o distinguirem-se, naõ pelo valor de cada hum, mas pelo valor das cousas que os distingue. A Nobreza foi a maior maquina, que a vaidade dos homens inventou; maquina admiravel, porque sendo grande, toda se compoem de nada. As outras vaidades, parece que saõ menos vãs; porque sempre tem algum objecto visivel, e manifesto: mas por isso mesmo a vaidade

dade da Nobreza he huma vaidade sem remedio ; mal incuravel, porque se não vê.

Affim he , mas quem ha de haver que negue , que a Nobreza , ou essa cousa vã , he util , necessaria , e bem imaginada ? Que importa que huma cousa seja na realidade nada , se os effeitos que produz são alguma cousa ? Os effeitos da Nobreza são muitos; ella dá merecimento , valor , saber , a quem não tem nem sciencia, nem valor , nem merecimento ; ella serve , para fazer venerador , a quem o não deve ser ; ella faz que o crime fique muitas vezes impunido ; que a desordem se encubra , e se disfarce; e que a soberba , a arrôgancia , e a altivez , fiquem parecendo naturaes , e justas: finalmente a vaidade da Nobreza , até se desvanece com a vileza das acçoens , estas ainda quando são vis , infames , torpes , e odiosas , nem por isso envilecem , ou infamaõ a quem as faz ; antes da mesma enormidade das acçoens se tira hum novo lustre , ou nova prova da Nobreza : o ponto he contar huma longa serie
de

de illustres ascendentes para que hum nobre fique dispensado das leis da sociedade , e de formalidades civís ; e tambem habilitado para que possa livremente e sem reparo , perder o pejo , a honra , a verdade , e a consciencia. Desta sorte vem a Nobreza a ser hum meio por onde o vicio se authorisa , o crime se justifica , e a vaidade se fortalece. Cuidaõ os Nobres , que a Nobreza lhes permite tudo , mas cuidaõ mal ; porque o certo he , que a Nobreza bem entendida , naõ se fez para canonizar o erro ; ella foi sabiamente achada para servir de estimulo , e companhia das virtudes ; para ennobrecer as acçoens illustres , e naõ para illustrar as viciosas ; para ser attendida pelo que cbrasse digno de attençãõ , e naõ pelo que fizesse indignamente ; para servir a razaõ e naõ para a dominar ; para ser exemplo , e naõ regra ; para fazer os homens bons , e naõ para os perverter ; para os distinguir pela Nobreza do espirito , e naõ pela Nobreza da carne ; para os fazer meliores de huma melhora de animo , e naõ

naõ de cõrpo : finalmente para fazer mais clara a luz , e naõ para fazer clara a sombra.

Por isso o sabio Rei (que ainda ha pouco perdemos , e de quem a feliz memoria a cada passo renova em nós a mais entranhavel dor) nunca olhou para a Nobreza em quanto a via só , mas sim quando a via acompanhada de acçoens nobres ; nunca attendeo á Nobreza das origens , mas sim á Nobreza dos sujeitos ; considerava os homens primeiro pela qualidade das virtudes , e pelas outras qualidades , depois ; o conceito , que fazia , foi , que a Nobreza naõ era no homem parte principal , mas sim parte ajuntada , que só servia de ornar , e naõ de o fazer. Aquelle mesmo Rei foi o terror da Nobreza arrogante , e destemida ; esta sempre tinha os olhos assombrados de ver a cada instante fuzillar o raio ; e de ver armado sempre o braço poderoso ; mas armado ao mesmo tempo de justiça e de piedade , de furor , e de compaixão. Deste modo governou em paz , e nos deixou a paz ; por isso

fo a mágoa de o perder , foi , e ha de ser infinita em nós ; e as nossas lagrimas apenas poderão mitigar-se alguma vez , suspender-se , nunca. Acabou aquelle Monarca Augusto , e parece que não tanto pela fatal necessidade de acabar , como para que trocado em altar o trono , o respeito em culto , e o obsequio em adoração , o pudéssemos invocar. Subio ao estado de immortal para ser numen tutelar do Imperio Portuguez ; e em hum principe (o mais prudente , e moderado que o mundo vio) nos deixou hum Rei benigno , pio , generoso , justo , protector ; assim ficou disposta a nossa consolação , e seria menos forte a nossa pena , se pudesse ser o haver remedio para a fauldade.

Hum dos abusos , que o tempo , e a vaidade introduzio foi a Nobreza ; esta porém sendo tomada nos termos da sua primeira infancia , ou na idéa com que foi creada , he verdadeira , e util ; e nestes mesmos termos ninguem lhe póde disputar , nem a utilidade , nem a verdade da existencia ,

cia. Por nobre , entendiaõ os antigos hum Heroe , isto he , hum homem distincto dos mais homens , e distincto por si , e naõ por outros ; pelas suas proprias acçoens , e naõ pelas acçoens alheias. O Heroismo , e a Nobreza eraõ qualidades pessoas , e naõ hereditarias ; huma , e outra dependiaõ de acçoens heroicas , e em ambas era necessario o requisito do poder ; se este cessava , extingua-se a Nobreza. Deste modo he , que antigamente haviaõ Nobres , porque em todo o tempo houveraõ poderosos ; estes ficavaõ distinctos por grandeza , e naõ por natureza ; passava a Nobreza de huns a outros , quando o poder tambem passava ; de huma , e outra cousa se formava huma herança indivisivel. Acabada a Nobreza por falta do luzimento , se este depois tornava , naõ fazia refuscitar a Nobreza já perdida ; compunha-se outra nova , e esta naõ era de menos entidade , ou menos nobre que a primeira. O tempo naõ he o que enobrece. Os seculos que envelhecem tudo , só a Nobreza naõ haviaõ de fa-

zer caduca ? Os annos tudo diminuem , e só a Nobreza haviaõ de fazer maior ? Huma flor moderna não tem menos graça do que huma flor antiga. A verdura com que a Primavera se reveste , já no Outono fica prostrada , e macilenta. As Estrellas começaraõ com o mundo , e nem por isso brilhaõ mais ; aquillo que depende de mais , ou menos tempo he fragil. A vaidade até se quer aproveitar das horas , e dos dias , que passaraõ. Por aquelle modo de entender , cresce a vaidade , a Nobreza não. Que pouco cuidaõ os homens em que ha huma eternidade , e que a duraçaõ do mundo , não he mais do que hum instante !

Se ha nos homens differença , esta só se acha nos Sceptros , e Coroas ; os que dominaõ a terra , tem a semelhança dos humanos , mas não sei que tem de mais : tem o mesmo ser para serem homens , mas não para serem como os mais homens : quem os fez maiores , foi a Providencia ; só esta podia influir diversidade no que he o mesmo ; podia fazer

zer que huma identidade fosse diferente de outra da mesma especie; e podia, debaixo da mesma fórma, e dos mesmos accidentes, fazer huma natureza desigual. Deos he a origem do poder dos Reis, estes são independentes da fortuna; porque o poder supremo, só Deos que o dá, o tira. As revoluçoens particulares parece que resultão de huma economia certa; as dos Monarcas não succedem sem decreto especial. Aquelles a quem a Providencia fez arbitros do mundo, a mesma Providencia os distinguio: os outros homens fazem-se distinctos á proporção do favor supremo que os distingue. Assiste pois a distincção dos homens só na vontade, ou coraçãõ dos Reis; esta he a origem verdadeira da Nobreza: Os Reis são os que glorificaõ os homens isto he os que os ennobrecem; e desta fórte recebem a Nobreza por graça, e não por successão; por favor, e não por herança; permanecem Nobres, em quanto permanece a graça que os illustra; persiste aquella prerogativa em quanto o

favor existe ; se este se retira , logo a Nobreza acaba. A luz toda se emprega nos objectos , estes ficão claros , mas he por força de huma luz , que não he sua. Se o Sol se esconde , ficão os objectos escuros , e escondidos. As cousas não nascem com as qualidades que se vem ; os homens não vem ao mundo sabios ; justos , prudentes virtuosos , bons , e do mesmo modo não vem Nobres ; cá achão a Nobreza como huma parte posterior , e auxiliar , que se pôde unir , e aggregar depois ; achão muitas vaidades , e entre ellas huma occupada em crer , que a Nobreza he qualidade fixa , propria , interior , e inseparavel ; e por mais que os sentidos , e a razão mostrem o contrario . nem por isso aquella vaidade se deixa convencer. Tiremos por hum pouco aos homens a faculdade que elles tem de se explicar ; supponhamos que não fallaõ , talvez que entãõ se vejaõ iguaes todos ; a incapacidade , e o silencio , sabem mais : tiremos tambem por hum instante aos homens a alma racional , e entãõ

Sobre a vaidade dos homens. 325

taõ veremos a Nobreza com que ficaõ. Esta tai Nobreza , ou a sua vaidade negando as supposiçoens , fica livre do argumento.





C A R T A
DO MESMO AUTHOR
SOBRE A FORTUNA.

MEU amigo e senhor, agradeço a v. m. o desejo, que me mostra, de que eu tenha maior fortuna; não se preocupe tanto a meu favor, porque a fortuna, que tenho he a mesma, que devo ter; o merecimento he que faz a fortuna, e quem o não tem, que fortuna ha de esperar, fallo sinceramente, e sem hypocresia, no tempo, que já passou por mim tive esperanças, agora nem estas tenho, e isto porque conheço melhor, sei o que fallo, e o que mereço, por isso sei, que não devo esperar nada: esperem os outros e vivaõ no tormento de esperar.

rar. Eu hoje só tenho por fortuna o não esperar a fortuna, contento-me com a privação da desgraça sem aspirar a presença da ventura, e acho, que o não ser desgraçado he o mesmo, que ser venturoso; e se entre huma, e outra cousa ha hum estado neutro, contento me com o meu estado ainda que propenda para a desgraça, com tanto, que não seja desgraça inteiramente, a sombra da ventura me basta, a realidade, não sei se me bastaria, porque o nosso coração he insaciavel, e daquillo, a que huma vez tomou o gosto nunca se farta, daqui vem, que o conservallo na ignorancia da ventura he discreta providencia, porque ninguem chora por hum bem, o que não conhece, a saudade suppoem hum objecto conhecido; aquelle, que he ignorado a penas se appetite; quem conhece a fortuna pela vêr em outrem, tem pouca razão para a adorar, e he o mesmo, que conhecer o mundo no mappa, em que está pintado, ou tambem he como quem olha para o Sol sem admiração, e a pen-

penas com o reparo inadvertido, e vago: o mar por mais, que encrepse as suas ondas não serve a quem o vê de espectáculo admiravel: então admiramos o tumido elemento mais pela raridade, que pela elevação. O subir mais alto não he muito natural, o estar no mesmo ser he seguir a ordem do universo. Os que sobem, he porque tem no merecimento as azas, os que não sobem, he porque a falta de merecimento igual, lhes serve de pezo, que os abate. Porém devemos consolar-nos, advertindo, o que não ter merecimento não he peccado nosso, e que culpa temos nós, de que a natureza fosse avara, parece, que ha hum limo perfeito, e outro tosco; deste nascemos nós, da quelle os venturosos: as aves não são Aguias todas, humas altamente se remontaõ, outras só sabem passar de hum raminho para outro; humas desapparecem na immensa região do ar, outras sempre se deixaõ ver no espaço limitado de hum prado humilde. As que tem maior alento sobem a mais alta esfera; as que tem

me-

menos vigor voaõ peladas, e rasteiras.

Eu já perdi de vista os lugares eminentes. Os meus olhos só inclinãõ para baixo, e para cima não se pôdem dirigir sem violencia: tudo quanto vejo he com olhos defenganados. Tal vez, que por isso veja as cousas como são; e não como se mostraõ: porque o defengano tem virtude, e força para arrancar da formosura o véo caducco, e mentiroso, de que o theatro da vida se compoem. A fortuna não he tão bella como parece, e creio, que o caliz da fortuna não he muitas vezes menos amargoso, que o da desgraça, também a fortuna tem seu caliz, e suas amarguras e estas talvez, que sejaõ mais penosas de tragar, porque na desgraça o costume de sentir tira a parte mais cruel do sentimento: ao menos a desgraça não engana, e tem de bem o ser hum mal, que se não finge, he verdadeiro, e apparece como he, a fortuna sempre se disfarça semelhante á belleza enganadora, que para ser mais appet-

te.

cida reveste-se de ornatos lisongeiros, e apparentes; quem duvida que a belleza que se enfeita, ou se cobre de artificio, he para encubrir alguma fealdade natural.

Conheço a fortuna, sem que a fortuna me conheça, e quando a vejo he de tão longe, que impossivel he, que ella chegue a mim, nem eu a ella, somos inaccessiveis ambos, verdade he, que eu não a busco, nem a busquei nunca anciosamente, porque sempre entendi ser hum sujeito, menos proprio para ser favorecido, e além disto a fortuna quer, que a busquem com fé, e audaciosamente: ella se enamora da resolução constante com que a buscão, timidamente ninguem a encontra, entrega-le ao valor e foge á cobardia, quer que a rendaõ por força, não por supplicação semelhante a humma mulher livre, que ainda quando se entrega por vontade, quer que pareça se entregou forçadamente.

E com effeito sem rogar, nada se alcança, e eu não sei pedir, o que hei que não mereço, sou religio-

gioso nesta parte , e com engano não quero nada , nem ainda a fortuna : esta não me pode tirar o conhecimento proprio , de que a não mereço , e aquelle conhecimento servir-me-hia de flagelo de ventura não , porque a escother , antes quereria a desgraça , conhecendo merecer fortuna , do que a fortuna , conhecendo merecer desgraça. Quero as cousas mais justamente , que felicemente ; porque toda a consciencia parece , que se afflige , com ventura desmerecida , e mais se satisfaz de merecer , que de alcançar. A verdadeira felicidade deve ser interior , e o contentamento não he puro , quando vem de huma falsa causa. A coroa da victória só desvanece ao que triunfou , não ao que succede pôla na cabeça , porque a fortuna errada mais injuria do que ennobrece , o premio não illustra , o merecello sim , e o conseguir por graça da fortuna , não costuma atrahir hum peito honrado ; este só se paga do que consegue por graça da virtude , e assim , se aceito o que não me devem , nisso vou já cal-

castigado ; porque o coração me insinua sempre , que a acção de receber foi indigna , e torpe.

Todos accusaõ a fortuna de injustiça , porém a injustiça está só em quem a accusa , nem o mesmo merecimento tem direito para a accusar ; porque a fortuna de sua natureza só a liberalidade , e a falta de liberalidade nunca se poz em accusação ; tudo quanto a fortuna distribue , he por favor , e nõ que vem de hum principio de favor nõ se dá positiva obrigação , salvo se a nossa presumpção he tal , que entendamos seriamente , que a fortuna nos deve algum tributo , e quem o entender assim , nisso mesmo mostra ser indigno da fortuna , e que esta lhe nõ deve nada ; porque o querer merecimento proprio , he confissão ou prova de desmerecimento ; a incredulidade nesta parte he perdoavel ; a credulidade he viciosa ; a fallencia he hum vicio quasi universal , e a fortuna communmente despreza todos os Narcisos ; quer que a busquem animosamente , mas nõ presumpçosa-
men-

mente , com deligencia , naõ negligentemente , ou com desdem ; por isso ha poucos venturosos ; porque poucos ha que saibaõ o modo com que a fortuna se procura , e em saber aquelle modo , consiste o meio , ou o segredo de a achar : huns seguem o caminho da lisonja , outros o da importunidade , alguns o das armas , e outros das letras , alguns sem modo certo , nem meio determinado seguem o caminho de procurarem a fortuna por aquelle meio , e modo , que a mesma fortuna lhe descobre, *sol tibi signa dabit.*

Eu que naõ sou lisonjeiro , nem importuno , e que naõ sou erudito nem guerreiro , que caminho posso ter para a ventura , sem guia , sem norte , e sem luz , que me conduza , mal poderei achar aquella Deosa escondida , e inconstante ; ao primeiro passo me retiro , e desconfio antes de emprender , porque julgo imprudente acção o querer eu huma fortuna , que me naõ quer : quem navega sem estrella , tem por certo o naufragar , e quem só dá
pas-

pallos errantes , que fortuna pôde ter; a fortuna não he cega como dizem ella vê a quem escolhe , e mostra que vê bem , porque escolhe bem , os que não são dos escolhidos , crêm ser cegueira da fortuna , o que he só cegueira sua ; julgaõ ser usurpação a fortuna , que a outros se comunica. Que injusto pensamento ; a fortuna não se vende ella mesma he que se dá ; e para dar-se a si tem livre o seu arbitrio , e assim não devemos murmurar da ventura alheia ; mas sim da nossa desventura , devemos conformar-nos , magoar-nos não ; porque a magoa he queixa e virtude a conformidade. Quem se magoa reprova o que a fortuna fez ; quem se conforma approva o que ella faz , entre hum , e outro extremo , o melhor partido he aquelle , que a fortuna quer , não aquelle , que nós queremos ; porque nós , enganamos a nós mesmos ; e a fortuna não se engana a si , ella sabe para donde vai e de donde vem ; nós conjecturamos , e ella acerta ; caminhe a nossa embarcação para donde o vento a
a le-

a leva , não para donde o vento a encontra , deixemos a fortuna o governar o mundo , e para nós tomemos o governo de nós mesmos ; porque só a fortuna sabe navegar em alto mar , e nós a penas navegamos nas limitadas ondas de hum fundo limitado , a esfera da fortuna he dilatada , e a nossa he mui pequena , e mal se vê , e assim que podemos esperar de nós ; esperemos tudo da fortuna , ainda que seja da fortuna alheia , porque della sempre pôde vir-nos algum bem , a fortuna he como a luz , que se espalha abundantemente , e aclara os espaços mais remotos , recebamos a luz ainda que seja alheia , e que o centro della esteja de nós tão afastado quanto vai do Sol á terra ; devemos entender , que ha fortuna tal , que estando em hum sogeito , he como se estivesse em todos , porque a todos se estende seu influxo ; e assim se a commodidade he nossa , devemos estimar que o trabalho seja de outrem , que importa , que esteja de nós tão apartado esse assento ethereo , em que
gi-

giraõ os orbes luminosos , se _ nós
te communicãõ as delicias de hum af-
tro favoravel , salutifero , e benigno ?

Com o tempo perdi o amor , a
vaidade , e esperança , estou pois
sem esperança , sem vaidade , e sem
amor. Estes eraõ os fortes laços,
que me prendiaõ ; já se quebraraõ ,
agora naõ sei verdadeiramente o que
me prende ; hum resto de vida da
bellissima prizaõ , e de pouca dura-
çaõ , por isso vivendo retirado naõ
figo as bandeiras da fortuna e já
lhe disse a Deos: milito nos campos
do defengano , campos solitarios,
ou menos frequentados ; porém mais
seguros , nelles considero a fabrica
innocente de huma rosa inculta , de
hum lirio triste , de huma assucena
virginal ; estes saõ os meus objectos,
os meus cuidados , e os meus empe-
nhos , saõ os mestres , que me ensi-
naõ fielmente , mestres mudos , mas
severos , a bem considerallos , a ro-
sa me insinua , que a formosura he
como sombra leve e passageira , o li-
rio na sua cor me diz , que toda a
alegria te converte em luto , a assu-
ce-

cena indica, que só a virtude he permanente ; que liçoens pôdem haver mais verdadeiras , faceis de aprender , dificeis de observar ; a mocidade louca só gosta de loucas instrucçoens , e zomba galantemente das que são menos galantes ; mas que pouco dura o enredo que diverte , e quaõ depressa chega a tragedia , em que o mesmo enredo acaba !

Assim nada espero da fortuna nem a fortuna de mim pôde esperar nada ; porque o meo talento foi discursivo sempre , operativo nunca , e a fortuna quer obras , e não palavras , quer quem pratique mais , e especule menos , porque toda a especulaçãõ por si mesma he vã ; a theorica toda he substancial ; esta compoem-se de huma solida materia , aquella de accidentes invisiveis ; he como a voz sonora , que o ar a forma , e a decipa , e que tem o seu fim , na mesma causa de que nasce o seu principio ; alguns ha , que o que discorrem obraõ , eu só debuxo , e não sei pintar o que eu mesmo debuxei ; sei delinear , executar não , e sempre na execuçaõ

Y
me

me perco, semelhante ao Nautico imperito, que sabendo a Carta, e sabendo os rumos, em largando as velas logo se perde; de que serve pois a Arte, que só na imaginação se mostra, e fóra della se desvanece? Muitos sabem idear, praticar, poucos. De que serve tambem huma idéa concertada a quem ignora o como se deve usar della? He o mesmo que instrumento delicado na mão, que ignora o meio de o tocar, o esgrimir de pouco vale, a quem não sabe pelear deveras, o mestre foge muitas vezes, e não se fia na destreza, que insinua: eu sou o fugitivo, esgrimidor, o Musico ignorante, o Nautico imperito, tudo sei para dizer mas para fazer só sei, que não sei nada, as minhas artes todas sabem em pensamento, e por isso são justamente desgraçadas, porque a fortuna não pôde fazer milagres, e que pôde fazer de huma materia, que não se move, e que sendo intiligente, he sem acção, inutil intelligencia. Similhanete á arvore frondosa, que produzindo flores, não sabe produzir frutos.

E nes-

E nesta fôrma não posso queixar-me da fortuna, antes reconheço com legitima razão, que o favor, que a mim me nega he porque o deo justamente a outros, o seu officio he laurear o merecimento, não fazello, ferve para ornar o merecimento feito, não para o fazer de novo; não ha pois iniquidade na fortuna; ao menos eu, e para mim só justiça lhe conheço. Já do berço trazemos com nosco a nossa sorte, e parece, que em nós mesmos a fabricamos, sendo artifices da desgraça, e da fortuna, deixemos pois a fortuna em paz; e eu sou o primeiro, que só accuzo a minha incapacidade, ou a minha innercia; esta foi unicamente o architecto de estado de sonolencia, em que me acho, e naquella se fundou o ser em que estou de não ser alguma cousa, mas com tudo sou o mesmo, que sempre fui; não mudei para mal, nem para bem, e neste artigo estou como vim ao mundo, só com a differença dos annos, que tem passado; delles o estrago sempre foi universal, e se passará por mim, tão

hem por todos tem passado; todos somos companheiros naquelle genero visivel da desgraça , e desgraça , que vai crescendo , diminuindo nunca ; caminhamos igualmente com o mesmo passo , e sem poder por modo algum retroceder ; somos comilitoens diferentes na data , mas os mesmos no exercicio.

E assim chegou o tempo , em que o mais acertado he pendurar as armas , não como armas vencedoras , mas sim como despojos infelices de huma já cançada guerra ; eu qual invalido soldado larguei o apresto militar , não voluntariamente , mas por não poder soportar-lhe o pezo , apenas posso soportar o vivo esquelêto ; em que consisto , deichei os vicios do amor , da vaidade , e da esperança ; porque elles primeiro me deicharaõ ; amigos infieis esquecidos do meu passado obsequio , e lembrados da minha inaptidaõ presente , foraõ meus no tempo alegre , e já me desampararaõ neste tempo triste , injusta recompença de huma tyranna sociedade , quem dissera , que havia de
achar

achar o amor ingrato , a vaidade sem o vigor , e a esperança desanimada ; se estes vicios me deicharaõ , sendo meus , ou sendo huma grande parte de mim mesmo , como pôde a fortuna não deixar-me , não havendo sido minha ; aquelles nasceraõ commigo , e commigo se criaraõ , provindos da minha natureza , e substanciaes a mim ; e ainda sendo assim já se apartaraõ ; a fortuna , porém , sempre foi parte diversa , nunca unida , mas sempre separada , sem commercio meu , e sem chegar a mim , nem ainda passageiramente , e nesta situação mal pôde a fortuna ter lembrança , de quem nunca se lembrou , e de quem nunca vio ; e se agora me chegasse a ver seria mais por cegueira sua , que por fortuna minha , seria mostrar , que foi injusta , buscando-me cansado , quem vigoroso me não quiz.

E com effeito tem menos estimação a fortuna , que vem tarde , porque vem como apparatus funeral , e na imagem de huma honra antecipada traz consigo a de ser a ultima ; infeliz

liz fortuna, ou ventura desgraçada, pois que quando chega, acha sem alento os braços, que a recebem, acha os olhos já com pouca luz, e o coração palpitando, frio, e lentamente que gloria adquire a fortuna errante, em buscar hum corpo timido; em que a morte está fazendo os seus ensaios; melhor he deixallo na tranquillidade escura do silencio, do que assombrallo com a claridade inquieta de huma luz tumultuosa; porque a fortuna, que está cercada de resplandores afflige, e mortifica os olhos costumados a não verem; daqui vem, que a fortuna muitas vezes chega mais como castigo, do que como premio; algumas vezes ha de ser a fortuna aborrecida, e certamente o he, quando vem tarde, ou ao tempo, que já se não espera, então já não he fortuna, he delirio da fortuna, e quem se accomoda a ella he por resignação, ou vontade de obediencia, não por vontade de inclinação he mostrar constancia no desejo, mas no acerto desvario, porque a fortuna quando chega tarde,
he

he fortuna de compaixão, não de eleição, indica, que foi sollicitada, ou extorquida, e não merecida, concedida para contentar hum corpo meio morto, e não para illustrar hum vivo; ou vem como fortuna de remedio, que se applica ao enfermo, que o não tem, e que se dá por consolação, não por obrigação, por dispensa, e não por recompensa, e verdadeiramente de que vale huma fortuna, que quando chega he só para se despedir, e não para ficar, e que assiste como testemunha authorizada, que vem ver o fim da obra sem ter visto o seu principio; de que serve huma ventura sonhada, pois não tem mais duração, que em quanto dura o sonho, inutil felicidade, pois he como a faísca, por instantes se está reduzindo a cinza; he felicidade imaginada, lograda não, ou ao menos mal lograda.

Bem sei, que tudo no mundo he tranzitorio, porém entre as miémas coisas, que vão passando, algumas passam mais depressa, do que outras, em humas ha tempo de se

ve-

yerem , em outras não , e estas ao mesmo tempo , que apparecem , desaparecem , a mesma vida he hum verdadeiro tranzito , mas com certa , e determinada duração , compoem-se de hum espaço incerto , e a mesma incerteza do seu espaço he o que a faz parecer duravel , porque o fim , que se não vê , nem se conhece , julgamos , que está longe , nos primeiros periodos da vida a fortuna deve achar em nós sensibilidade para a desejar , e para a receber , porém em o tempo da vida entrando a declinar , ou a inclinar para o seu fim a nossa sensibilidade tambem declina , e já não apeteçemos com ardor , nem sabemos desejar excessivamente : todas as nossas faculdades ainda mentaes entraõ em defcanço , e vão perdendo a maior , e melhor parte da sua primeira actividade , semelhante ao curvado arco , que insensivelmente perde a força , que continha a corda dilatada ; neste estado se a fortuna vem a nós , he o mesmo que hum espirito insensato , e vagabundo , que pretende animar o corpo de hum cadaver , por-

porque com effeito tambem ha desejos cadaverosos , e estes saõ os que intumecem de esperar , e que ainda quando a fortuna os satisfaz , ficaõ como embaraçados , sem ficarem satisfeitos á maneira daquelle , a quem o raio tocou sem offender , mas que sempre fica estupefacto , e temeroso a qualquer ruido , ou estrondo leve.

Porém não ha regra certa nos grãos de desejo , e de esperança , porque alguns ha , que esperaõ , e desejão com taõ firme , e constante vehemencia , que ainda quando estaõ morrendo , estaõ esperandõ , e desejando , parece-lhes , que morrem , se não esperaõ , sustentaõ o desejo como prova de que vivem felices ; naturezas , que por aquelle modo vaõ enganando o tempo , sem que o tempo os defengane ; ao menos enchem de vida todo o tempo , que vaõ vivendo , porque não teraõ della parte alguma , pelo modo de viver , e quem conserva as paixoens humanas em quanto vive , parece , que vive mais , do que quem as larga muito antes de morrer ; outros há , que não saõ taõ

tão desejosos , nem tão espectati-
 vos , por isso não resistem , e largão
 facilmente os affectos do desejo , e
 da esperança , a esta porque os affige,
 e áquella porque os perturba ; os im-
 pacientes nem sabem desejar , nem es-
 perar pela fortuna ; por isso raramen-
 te a achão ; porque a fortuna sempre
 exige paciência , e esta he muitas ve-
 zes o preço porque se vende , e o
 mais certo merecimento porque se
 dá , e com razão , porque a pacien-
 cia , não só he virtude humana , mas
 favor celeste , ella vence mais sem
 fazer nada , do que outros muitos
 meios , fazendo muito ; a sua inacção
 tem mais poder , do que a acção da-
 quelles meios , que parecem ser mais
 poderosos , e he hum remedio uni-
 versal , que aproveita para tudo sem
 a nada fazer mal , só tem de menos
 boa a paciência : o ser huma virtude
 humilde , e feita só para soffrer , á ma-
 neira da pedra de hum engenho , de que
 todo o exercicio consiste em andar
 rasteira , e abattida : porém nisto mes-
 mo consiste tambem o artificio : por-
 que a maquina do engenho : não se

move em quanto a pessa humilde a
naõ faz mover. A paciencia , ou o
soffrimento suppoem desprezo , e este
sempre he duro ; sendo que naõ ha
desprezo , que moleste , quando a
paciencia he grande , e o soffrimento
humilde muralha impenetravel aos ata-
ques do desprezo. Além disto naõ ha
couza , que cause nojo , a quem tem
a fortuna por objecto ; porque a for-
tuna sempre foi considerada como
a bella dama , de quem os mais al-
peros rigores saõ favores declarados ;
e por elles deve passar o amante ,
que pretende ser bem succedido.

Com tudo eu nunca me enamo-
rei taõ cegamente da fortuna , por
isso nunca a tive , nem espero ter :
sempre olhei para a fortuna como pa-
ra humas tantas couzas , que sendo
admiraveis por si mesmas , admiraõ-
se por costume , e tambem por cos-
tume já se naõ admiraõ ; fazemos ca-
so dellas por opiniaõ , e mais pelo
caso , que vemos , que os outros fa-
zem , que por aquelle , que nós
mesmos quereamos fazer ; estima-
mollas pela estimaçaõ dos outros ,
naõ

naõ pela noſſa ; e niſto ſeguimos o exemplo ſeguido , o reſpeito he hum dos attributos da fortuna , e talvez , que ſeja o principal , porque a fortuna ſe deſeja tanto ; mas quanto a mim achara eu , que aquelle attributo importuno , e vaõ mais mortifica , do que liſongea , porque as mais das vezes o reſpeito he como a moeda , que aceitando-ſe por boa , intrinſeca , e verdadeiramente he falſa , ou tambem como os rogos , que ſe fazem no perigo da tormenta , o retrato do milagre coſtuma ſer a primeira de todas as promeſſas ; porẽm paſſada a tormenta , e o perigo , já naõ lembra o milagre , nem o ſeu retrato : o reſpeito , que a fortuna tem he reſpeito de intereſſe , naõ de amor ; e he como obrigaçaõ violenta , naõ livre ; ou como vontade involuntaria , naõ arbitraria ; que pouco vale hum reſpeito ſimilhante , e que pouca eſtimaçaõ merece ! Hum tal reſpeito dirige-ſe ao lugar , naõ á peſſoa ; á fortuna , e naõ ao afortunado : he obzequio injurioſo , e caviloſo , pois que com fingido ſobſcri-

cripto caminha indirectamente , he hum ataque falso , que se faz em humma parte , para em outra se fazer o verdadeiro ; o incenso , que não he puro , mais escandeliza , do que agrada , porque tendo só de incenso o fumo , não tem a suavidade , falta-lhe a fragancia , que deleita , e sobra-lhe a exalação , que offende.

De nada são os homens tão avareos , que de hum respeito sincero , e verdadeiro , e de nada são mais liberaes , que de hum respeito simulado , e dependente , o formulario de hum , e outro respeito he o mesmo , e tambem he a mesma cerimonia , ou ritual apparente , e manifesto de cada hum delles ; porém não he a mesma a intenção , ou dedicação , de quem se mostra respeitoso , porque a verdade só está no interior , e o engano no frontespicio , a devocação não está no joelho , que se dobra , mas no coração , que se não vê dobrar ; a genuflexão só serve de signal , e todo o signal assenta em materia supposta , que póde ser , ou não ser , assim como se suppoem ; mas que importa ,
a for-

a fortuna costuma ser tão pouco melindrosa, que daquelles signaes se paga, e com elles se contenta por mais, que os reconheça suspeitosos; conhece a adulação sofisticada do respeito, mas nem por isso o despreza, porque he como mercadoria, que se aceita com todas as avarias, ou como fazenda de contrabando, que não tem prohibição para usar-se della; a fortuna tem aquella urbanidade, recebe sem exame o que lhe dá, e basta-lhe, que o respeito tenha a figura disso; ainda que não tenha nada mais; basta-lhe, que a estatua tenha a forma racional, ainda que em si não seja mais do que hum marmore pulido, se bem, que ha muitas cousas, em que a substancia esteja nos accidentes, e a existencia na mesma falta de existir.

Eu não quizera hum respeito semelhante, porque amo a verdade em tudo, naquillo em que a verdade se dispensa; nenhum fingimento pôde agradar-me nunca, nem tive arte para fingir; mostro-me como sou, e que ainda os meus mesmos pensa-

men-

mentos. Se estão deixando ver pela interposta, e mal serrada cortina do meu semblante, por isso tudo quanto digo he o mesmo, que tudo quanto penso; de sorte, que para mim não reservei nada, como se em mim não houvesse parte que não fosse parte exterior, visível, e conhecida, propendo para huma estúpedez no excesso da verdade, e tudo o que não he excessivamente verdadeiro; faz-me repugnancia natural, como alguma cousa, que fizesse arrepia-me, causando-me cegueira insuportavel, e assim sou vicioso no excesso da verdade, assim como outros o são no excesso da mentira; isto não he, nem nunca foi virtude, he temperamento porque a verdade opera em mim como por hum acto necessario por compleição, e não por consciencia; por genio, e não por escrupulo, e com effeito amo a verdade, porque o meu conceito me representa mais bella, do que tudo quanto ha, e mais appetecivel do que tudo quanto se appetee; talvez que haja algum ahej que, que faça hum fugeito verdadeiro.

deiro, assim como pôde haver também, para fazello mentiroso, se o he, ficarei crendo, que sou verdadeiro por achaque; alguma enfermidade havia de haver, que sendo util em si mesma, o mal só estaria em farat della: não sei se a verdade pôde vir por desordem da natureza, o que sei sem paradoxo he, que ha temperamentos verdadeiros, e outros mentirosos; nestes a mentira não he tão culpavel, naquelles a verdade não he tão louvavel, porque tudo o que se faz por indole nativa he menos estimavel do que aquillo, que se faz unicamente por virtude, e esta parece, que recebe o seu lustre mais pomposo da opposição, que encontra, e que vence; porque donde não ha proprio vencimento, também não ha virtude propria, e a victoria sem combate só mostra a fraqueza do vencido, não a fortaleza do vencedor.

Daqui vem, que nenhum respeito dos que a fortuna commummente concilia, acharia em mim grande agasalho, se o caso em mim se achasse,

se, que tudo havia parecer-me hum
laço subtil e lisongeiro, fabricado
para prender a minha simplicidade,
e captar a minha benevolencia; e
nesta desconfiança tal vez menos bem
fundada seria eu como a ave caute-
losa, e timida, que sempre está de
fentinnella contra as incidiarias artes
do caçador astuto e vigilante; e
assim naquelle mesmo caso, e sup-
posição o pretendente, que me res-
peitasse menos, seria a quem eu at-
tendesse mais, o cortezaõ ralgado,
e consummado da sciencia dos poli-
ticos agrados, e versado na pratica
de respeitos estudados, menos pro-
picio me acharia do que o rustico,
grosseiro, e imbecil; deste a imbeci-
lidade verdadeira havia de preoc-
cupar-me mais do que o outro; o
ar dobrado profundamente reveren-
te, e cheio de festejo; de sorte,
que para mim seria necessario tomar
diverso expediente, e seguir methodo
diverso.

A minha attençaõ sempre se vol-
ta para a verdade, como se esta fos-
se hum instrumento, que tivesse for-

ça necessaria para voltar-me; porque a verdade me move como se fosse hum artificio natural, feito para mover-me, e quando a busco he com amorosa indagação, e se consigo achalla, fico com o mesmo contentamento daquelle, que achou o amor perdido; e nesta forma todos os respeitos, que a fortuna dá não são capazes de attrahir o meu desejo, porque se a mim se derigissem, eu os creia fabulosos, assim como os creio verdadeiros, quando a outrem se derigem; e em qualquer estado, que a fortuna me puzesse, nunca poderia eu persuadir-me, que com razão merecia algum respeito verdadeiro; e todo aquelle, que a mim se encaminhasse, eu o julgaria respeito mercenario, e por isso mesmo sem valor; antes quero a verdade, que me magoa, do que aquella, que me lizongea, para esta tenho incredulidade e entendo ser composta de lizonja; da outra fallo mais conceito, porque tudo, o que escandaliza cura.

Na situação particular, em que
me

me acho , se alguem me busca , entendendo firmemente , que não he por amor de mim , mas por causa de alguma cousa minha ; logo considero , e digo , que me quererá , ou que interesse lhe ensinou a minha porta , e o meu nome ; nesta consideração remeto a visita para a dependencia , que he a quem se fez ; e eu ou não estou em casa , ou estou doente : por este modo fasso-me invisivel , de sorte , que quem me puzer a vista ha de ter habilidade ; e se alguem tem commigo algum negocio , deve ter o trabalho de se explicar por letra ; porque de cara a cara não he facil , salvo se topar commigo de improvizo ; e nesse caso , quem o paga , he quem deixou a porta aberta , ou a vidraça por fechar ; por este modo me livro de cumprimentos aborreciveis , de amizades perigosas , de novelistas mentirosos , e de importunos maldizentes. Bem vejo , que seguindo este modo de viver , estou no mundo sem saber do mundo nada ; porém isso mesmo he o que eu quero , e tão regularmente , que

nem quero saber o que tenho para jantar, se não depois da meza posta; a minha curiosidade só tem por objecto a natureza, o mundo não, esse cuidado toca a quem o fez, ou o governa, a mim só me compete o ver o meu termometro para saber se faz mais, ou menos frio, que no dia antecedente; costumava eu ler as Gazetas de Londres e Amsterdaõ, porém já me desfiz disso, porque achei ser fatuidade o querer saber noticias daquelles, que as não querem saber de mim; e assim já me não importaõ as façanhas de El-Rei de Prussia; essas devem importar ao seu Panegyrista, não a mim, que lhe não hei-de escrever a vida. O saber successos militares, pertence privativamente á gente desse officio, porque a elles toca a arte de desbasta os homens, como a mim póde tocar-me a arte de desbasta as couves no canteiro da minha orta. Agora pasmo de mim mesmo quando considero, que sem necessidade alguma, affentei praça de Engenheiro voluntario no ultimo sitio de Gi-

Gibraltar , de donde tirei as indeleveis certidoens , que ainda conservo authenticadas em fórma sicatrizante; durou pouco o sitio , por isso ficou eu durando , ha humas sciencias , em que a melhor sciencia he não saber nada dellas , deste genero são as sciencias militares , para quem não he militar ; actualmente devo á laudossissima memoria do Senhor Rei Dom João o V. o querer servir-se da minha pouca intelligencia , mandando-me passar Patente de Tenente Coronel do Regimento do Cais , cuja graça não teve effeito porque a paz sobreveio felizmente , antes que começasse a guerra ; hoje já não posso sustentar na mão a espada , e o mais , que posso fazer , he o sustentar-me a mim , lembra-me o que disse Ovidio :

Turpe miles senex , turpe senilis amor.

E nesta fórma não ha para mim mais mundo , do que a casa , em que habito , e as minhas quatro paredes são para mim as quatro partes do mundo conhecido , vivo como no er-

ermo , porque vivo só , os meus livros me acompanhaõ fielmente , só delles me não aparto ; elles foraõ os meus mestres , e o estaõ sendo ainda , porém para que aprendo eu , se o tempo me está dizendo que tenho pouco tempo para aprender e menos para gozar ! Bem sei que a minha idade não he muito adiantada , porém eu quero adiantar o desengano , para que não seja a idade o que por força me desengane ; sempre gostei muito da cantiga quando disse , *quero deichar o mundo antes que o mundo me deixe* , quero anticipar-me já , para não estranhar depois que costumarmos , porque a licção não se estuda na mesma hora , em que se dá , quem começa a sentir com antecendencia , sente menos quando chega a occasião do sentimento ; este quando está cansado fica a modo de dormente , e sem actividade para atormentar , ou ao menos atormenta menos , porque não só na paciencia se faz callo , mas tambem na dôr ; o mal , que se padefce por vontade não afflige tanto , e fica
sen-

sendo mal, que não assusta, porque o mal habituado, passa em natureza, e perde muita parte do seu rigor, e aspereza, daqui vem, que o familiarizar com qualquer fatalidade, he segredo certo, para a fazer menos fatal, he como a féra domesticada, em que se encontra já menos fereza: o instrumento usado he mais facil, e mais leve de mover; aquelle, que ainda he novo não trabalha sem resistencia; e assim as incomodidades, que a velhice traz consigo, eu as vou applicando em mim, e desta fórte quando vierem, já achão feita a obra, que vem fazer; encontraõ-se consigo mesmas, e o mais que haõ de fazer, he deixar-me no estado, em que me acharão; poderaõ accrescentar alguma couza mais; porém tudo não, e ainda para o mesmo accrescentamento já me vou armando, e preparando; estou-me exercitando em pejeja fingida, para entrar mais destre na pejeja verdadeira; isto vem a ser repercutir o damno pelo mesmo damno premeditado; enfraquecer o assalto pelo mesmo assalto.

salto prevenido ; e adormecer o mal, pelo mesmo mal despertado antes.

Sendo aquella a minha philosophia, bem se deixa ver, que a fortuna para mim já não he materia de importancia ; só cuido em ir vivendo mansamente, e sem ruido, como quem vai escorregando lentamente, e não como quem vai andando atrevidamente ; os meus passos não vão para diante . o mais, que espero delles he, que se sustenão no lugar, em que se achaõ ; não tenho mais objecto, que a mim mesmo ; e a mim mesmo como sou, e não como poderia ser ; porque não sendo nada, ainda poderia ser menos do que sou : em tudo a deminuição he mais facil, do que o augmento, porque tudo diminue naturalmente, e cresce com mais difficuldade, e com effeito não vejo cousa alguma, em que haja de crescer ; e ainda vejo alguma cousa, em que diminue. Pela bondade de Deos, tenho saude, e tenho hum decente patrimonio, para viver decentemente em cada hum destes pontos principaes, pôde
suc-

luceder notavel decadencia , crecimento não , e assim contento-me com a minha situação vulgar , e julgo-me feliz , em conservar-me nella , como aquelle , que se crê ditoso quando o assalto da podegra não he forte , porque o padecer menos he fortuna respectivamente a quem padecer mais , nem podemos negar absolutamente , que tambem ha fortuna nos grãos de padecer.

Naõ duvido , que se huma fortuna mais brilhante me buscasse , eu a recebesse alegremente , mas não sem sobressalto pelo descostume , e tal vez , que entendesse ser como visita da saude quando busca o enfermo , que está para espirar ; se bem , que não receio , que a fortuna possa achar-me , porque vivo tão escondido , que até me escondo de mim mesmo , e se furtivamente alguém me vê , he na figura de quem fôje , e não de quem apparece ; semelhante á corça temerosa , que até da sua sombra vai fugindo ; isto vem de que já me não agrada o commercio commum dos homens ;
naõ

naõ acho na sociedade aquelle gosto, que os poucos annos me inspiravaõ ; e ainda , que naõ estou no meio da velhice , com tudo já tenho entrado em seus limites , passei a fronteira da mocidade , e de tudo a perdi de vista ; neste estado a fortuna naõ tem graça , porque já nos acha sem verdura , a folha ceca , sempre he triste , e por si mesma se desfaz. A fortuna , que vem cedo , parece , que vem unir-se a nós , e fazer connosco hum mesmo corpo ; a que vem mais tarde fica sendo cousa estranha , separavel , e distincta ; he adorno superficial , emprestado por pouco tempo.

Muitos animos ha que tem valor , para esperarem muito , a mim qualquer cousa me desmaia , e custa-me mais o esperar pela fortuna , do que , o naõ esperar por ella ; esperem aquelles a quem o merecimento alenta ; porém eu , em que hei de fundar as minhas esperanças , que razão tenho eu para animar-me ; e se tenho alguma he só porque conheço , que nenhuma tenho ; e por isso
qual-

qualquer fortuna , que eu tivesse ?
seria fortuna de piedade , não de justiça , seria fortuna de esmola ; para tudo sou inutil , ainda para a mesma inutilidade , sombrio , sem melancolia , e taciturno por natureza ; este he o meu retrato he parecido , e verdadeiro , porque he feito pelo mesmo original ; e assim , que fortuna ha de ser esta , que em mim pôde assentar bem , salvo se for alguma fortuna sem tino , ou desvariada , porém fortuna bem ajuizada não . A fortuna não quer quem desconfia , e eu sempre fui desconfiado , mas sempre assim fui por humildade , por orgulho nunca : presumido nunca fui , porque nunca achei em mim fundamento justo para a minha presumpção , para o meu abatimento sim , só tenho de bom se he , que isso he bom , o ser facilmente costumavel , como se fosse materia disposta para o bem , e para o mal ; este não me desespera aquelle acha em mim conformidade , não me entroeça a pena grande . nem o grande bem me transporta , os meus sentidos sempre guar-

guardaõ o uniforme , e estaõ indifferentes , assim para o disgosto , como para a felicidade ; considero , que estesdous extremos foraõ feitos igualmente para o homem ; daqui rezulta , que amo a vida sem amor , e sem odio aborreço a morte ; porque sei , que huma , e outra cousa foraõ feitas para mim , e para todos , humanaõ he mais natural , do que a outra he ambas se haõ de verificar infallivelmente , a duvida naõ está no successo , mas na hora , em que ha de succeder.

De que serve pois a fortuna humana de fazer a vida excessivamente amavel ! Oh que infausto amor , e que infausta felicidade ! Pois toda me leva , e arrebatã para hum bem , que ha de deixar me ; e a quem eu tambem hei de deixar ; naõ he melhor ser desgraçado , do que feliz , com aquella condiçaõ ; de que serve huma ventura taõ veloz , em que nem hum instante só , tenho certeza de a ter segura ; e em que quando a abro , apertadamente , e com mais fineza , ella entaõ me desampara ,

ra , deixando illudidos os meus braços , e enganados os meus olhos: Quem ha , que não conheça , que he delirio sem desculpa o fazer estimação de huma sombra errante , e fugitiva , de hum alito , que no ar se fórma , e no ar desapparece , de huma luz sempre tremula , e sempre vacilante , de huma exalação inconstante , e vaga? E se vim ao mundo , para ser precisamente louco , seja de huma loucura minha , e não de todos ; direi para mostrar-me delirante , que as ondas do mar nunca se movem , que posso esconder no seio hum fogo ardente , e que sei suspender do amor o ardor violento.

Não quero pois buscar a fortuna humana , e fiz bem de a não haver buscado , quero estar livre para acabar com liberdade ; não quero que as delicias da vida me sirvaõ de augmentar as amarguras da morte ; esta quando chegar ha de achar-me prompto sem ter fortuna de que despedirme ; não hei de olhar para a ventura com os olhos de laudade , porque não tenho ventura , de que me aparte ,

te ,

te , nem felicidade de que o apartar-me me enteneça ; as lagrimas não haõ de ser pelo que deixo , antes hei de rir-me do pouco , que tenho para deixar. Não hei de ter pena , de que a minha fortuna acabe , basta , que a tenha de acabar eu , hei de imaginar , e ver , que já tem fim a minha vida , mas não hei de sentir , que tenhaõ fim as fortunas minhas ; estas não haõ de estimular a minha dôr , nem aggravar o meu sentimento. A morte não ha de tirar de mim se , não a vida , a pompa , o faul- to , e a grandeza não ha de tirar-me , porque nada disso tenho , são alfaías usadas para outros , para mim nem novas são , e assim não hei de ter a magoa , de que a morte as despedace , nem fassa com eilas o lugubre aparato do seu triumpho ; a parda roupa , que me cobre , a barraca humilde , que me alberga , o campo verde , que me alimenta , o bosque solitario , que me diverte ; estes haõ de ser os unicos despojos , de que a morte ha de privar-me ; despojos pobres , e que só servem para injuria da victoria ;

ou-

outros , que mereceriaõ os obzequios da fortuna haõ de ver as exequias dessa mesma fortuna merecida ; e ainda cercados daquelles resplandores , de que a fortuna se reveste ; e ainda rodeados do luzido enleio , de que a ventura se acompanha , haõ de ver , que por instantes a luz se apaga , se extingue , se desvaneça , e em hum labirinto de conceitos differentes haõ de sentir menos o golpe , que ha de acabar a vida , do que aquelle , que ha de ferir descarregado na fortuna ; entaõ corrido o véo do defengano , este ha de mostrar em hum momento , que a fortuna naõ he mais , do que hum encanto enganador hum sonho mentiroso , huma apparencia vaidosa. Eu , porém , a quem a morte ha de achar sem aquellas circunstancias , naõ tenho nada , que deixar , nem tenho cousa alguma , em que me seja custoso o desapego , antes na morte hei de ganhar , o que na vida estou perdendo , porque das rafoens , que tenho para sentir a morte ha de vir a resgatar-me , por isso hei de largar sem susto a icega , e o theatro.

Por-

Por esta forma tenho respondido, ao que v. m. me ensina da fortuna; já vê o caso que fallo della, e a razão, que tenho para o não fazer. Fico a obediencia de v. m. que Deos guarde muitos annos.

Amigo e menor criado de v. m.

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.

Todas as palavras que se acharem nesta Carta em que venhão os nomes de *fortuna*, *ventura*, e *outras algumas*, que pareçaõ contrarias ao uso, ceremonias, e costumes da nossa Santa Religiaõ, não são postas aqui com outro fim, mais do que por ornato de eloquencia, e para fazer huma fraze mais levantada; e em nada quer o Author que se tomem como verdadeiras Divindades no errado sentido em que as tomaõ, e costumaõ usar dellas os *Fatalistas*, mas sim conforme ao uso de huma boa Theologia; que tudo submete como verdadeiro catholico ás determinaçoens da Santa Madre Igreja.

CATALOGO.

Dos Livros impressos á custa de Francisco Rolland, Impressor Livreiro em Lisboa, na esquina da rua do Norte.

- A**RTE Poetica de Horacio, traduzida, e illustrada por Candido Lusitano. Segunda edição correcta, emendada, e augmentada das Regras da Versificação Portugueza, in 8. 1 vol. Lisboa, 1778.
- Arte de Prégar, segundo o Espirito do Evangelho, com hum discurso preliminar sobre a Eloquencia, in 8. 1 vol. Ibid. 1777.
- Imitação de Christo, escrita pelo Veneravel Thomás de Kempis, nova edição correcta, e emendada por hum Religioso Arrabido e adornada com bellissimas figuras abertas ao buril, in 12. 1 vol. Ibid. 1777.
- Regras da Versificação Portugueza. in. 8. Lisboa, 1777.
- Secretaria Portuguez, ou modo de escrever cartas de todas as especies &c., por Francisco José Freire. Nova edição correcta, emendada e augmentada de cartas sobre o commercio &c., in 8. 1 vol. Ibid. 1777.
- Fabulas de Esopo traduzidas da lingua Grega, com applicaçens Moraes a cada Fábula por Manoel Mendes da Vidigueira, nova edição correcta e emendada, in 8. Lisboa, 1778.
- Espirito do Christianismo, traduzido do Francez, in 8. 1 vol. Ibid. 1773.
- Diccionario da Biblia, traduzido do Francez,

obra utilissima para a intelligencia do velho, e novo Testamento, e para a historia da Igreja, in 8. Ibid. 1766.

Thefouro de Prégadores dividido em varios Sermoens universaes onde se tiraõ Sermoens particulares &c., por Frei Antonio de Pauda e Bellas, in 8. 2 vol. Ibid. 1776.

— O tomo segundo se vende separadamente.

Livros de fortimento, e que se achão em grande numero na loja do mesmo.

A Pontamentos para a educaçõ de hum Menino Nobre, por Martinho de Mendonça de Pina, in 8. Porto, 1768.

Arte Rethorica para o uso da Mocidade Portugueza por Joaõ Rozado de Villalobos, in 8. Evora, 1773.

Aviso ao Povo sobre a sua saude, por Tissot, segunda ediçãõ correctã e emendada, in 8. 2 vol. Lisboa, 1778.

Curso de Cirurgia de M. de Col de Vilars, traduzido do Francez, in 4. 3 vol. Ibid. 1774.
He a melhor obra que tem apparecida sobre esta materia.

Catecismo de Montpellier - in 4. 5 vol. Porto, 1765.

Compendio do mesmo, para o uso dos Meninos, in 8. Ibid. 1766.

Compendio da historia do antigo e novo Testamento com as razoens com que se prova a verdade da nossa Religiaõ, traduzido do Francez para instrucçãõ da mocidade Portugueza, in 8. Lisboa, 1772.

- Collectaneo Farmaceutico**, por Antonio Martins Sodré, in 8. Porto, 1768.
- Compendio Doutrinal**, traduzido em Portuguez, por mandado do Senhor D Jozé Arcebispo de Braga, in 12. Porto, 1766.
- Discurso sobre a historia universal**, para explicar a continuacão da Religião e as mudanças dos Imperios, por Bossuet, in 8. 4 vol. Lisboa, 1772.
- Diccionario Francez, e Portuguez**, nova edição augmentada in 4. Ibid. 1777.
- Discurso sobre a inutilidade dos Esponsaes dos filhos celebrados sem consentimento dos Pais**, por Bart. Coelho Nevez Rebello, in 8. Ibid. 1773.
- Ensaio sobre o homem**, Poema filosofico de Pope, traduzido do Inglez por Antonio Teixeira, in 12. Ibid. 1769.
- Farmacopea Dogmatica, Médico-Chymica, e Theoretico-Practica** obra composta sobre as melhores Farmacopeas pelo Boticario de Santo Thyrso, in fol. 2 vol. Porto, 1772.
- Farmacopea Bateana**, augmentada com os segredos Goddardianos, in 4. Pomplona, 1763.
- Farmacopea Portuense**, in 8. 1 vol.
- Historia Sagrada do velho e novo Testamento com exemplos e doutrinas dos Santos Padres para reformação dos costumes em todos os estados e pessoas**, nova edição, in 8. 2 vol. 1776.
- Historia das Oraçoens de Cicero** com notas e huma noticia das leis Romanas, traduzida do Francez, in 8. Lisboa, 1773.
- Historia de Carlos XII. Rei de Suecia**, escrita em Francez por Voltaire, e traduzida em Portuguez, in 8. 2 vol. Ibid. 1772.

- Instrucção sobre a Logica, ou Diálogos sobre a Filosofia racional**, por Manoel Alvares Queirós, Professor Regio de Filosofia, in 8. Porto, 1768.
- Manual Chistão**, escrito em Francez, por Bosfuet, e traduzido em Portuguez, in 12. Lisboa 1776.
- Manual da Missa**, boa edição adornada com figuras abertas ao buril, in 8. 1774.
- Megara**, Tragedia por Pedegache e Quita, in 8. Ibid. 1767.
- Particulæ Latinæ Orationis ex criticis observat**
tionibus Variorum Auctorum de integro collec
tæ a Joaquim Josepho Costio Sadio, Profess. Reg. cum indice locutionum tum latinarum tum lusitanarum, ad usum studentium, in 8. Olisipone, 1776.
- Observações (novas) sobre os diferentes methodos de Prégar**, traduzidas em Portuguez, in 8. Lisboa, 1765. *Obra indispensavel para os que se empregão no ministerio do Pulpito.*
- Rimas de João Xavier de Mattos**, in 8, 2 vol. 1777.
- Sermoes do Padre Frei João Franco**, in 4. 12 vol. Ibid. 1760. *Esta obra contem 360. sermões e Panegyricos sobre todas as festividades do anno &c.*
- Taboadas de Reducção** com amplas explicações na lingua Portugueza, por Joaquim Hypolito de Mattos, in 8. Londres, 1764.
- Tratado do principaes fundamentos da Dança**, ou regras para bem andar, saudar, e fazer todas as cortezias que convem em as assembleas, donde o uso do mundo a todos chama, in 8. Coimbra, 1767.

Vida de D. Bartholomeu dos Martyres , por
Frei Luiz de Souza, in 8. 2 vol. Lisboa,
1760. *Esta edição he preferida a de Paris,*
por ser impressa conforme o original de Frei
Luiz de Sousa &c.

As obras seguintes estão-se imprimindo.

- C**ostumes dos Israelitas por Fleury - tradu-
zidos em Portuguez, in 8.
Livro dos Meninos em que se dão as ideas ge-
raes e definiçoens das cousas que os Me-
ninos devem saber, in 8.
Oraçoens escolhidas de Cicero, traduzidas em
Portuguez, in 8.
Avisos e Reflexoens sobre o que deve obrar
hum Religioso para satisfazer ao seu estado,
in 8. 3 vol.
Elementos da historia geral antiga e moderna
pelo Abbade Millot, traduzida do Francez,
in 8. 9 vol.
Obras de Quiza, segunda edição augmentada,
in 8. 2 vol.
Historia de Theodosio o Grande por Fle-
chier, traduzida em Portuguez in 8.

65-



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).